

TATIANE FERNANDES MATIAS PEREIRA

**COLETIVOS URBANOS, PERCEPÇÃO E COMPORTAMENTO AMBIENTAL:
UM ESTUDO DE CASO EM VIÇOSA-MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

P436c
2018

Pereira, Tatiane Fernandes Matias, 1992-
Coletivos urbanos, percepção e comportamento ambiental :
um estudo de caso em Viçosa-MG / Tatiane Fernandes Matias
Pereira. – Viçosa, MG, 2018.
x, 97f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Luciana Bosco e Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Renovação urbana. 2. Espaço (Arquitetura). 3. Espaço
(Arte). 4. Arquitetura - Fatores humanos. 5. Espaços públicos.
6. Percepção geográfica. I. Universidade Federal de Viçosa.
Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Programa de
Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. II. Título.

CDD 22. ed. 711.4

TATIANE FERNANDES MATIAS PEREIRA

**COLETIVOS URBANOS, PERCEPÇÃO E COMPORTAMENTO AMBIENTAL:
UM ESTUDO DE CASO EM VIÇOSA-MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 27 de fevereiro de 2018.


Regina Esteves Lustoza


Christina Gontijo Fornaciari


Luciana Bosco e Silva
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo ao programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFV pelo acolhimento e pelo suporte.

À minha orientadora Luciana Bosco e Silva pela orientação, apoio e confiança.

Às professoras Regina Esteves Lustoza, Joyce Correna Carlo e Christina Gontijo Fornaciari pela disponibilidade em participar da banca e pelas considerações feitas para este trabalho.

A realização da pesquisa foi agraciada com uma bolsa auxílio financeiro da Fundação Coordenação Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, sem a qual seria inviabilizada.

Agradeço também aos companheiros do coletivo Lupa, que acreditaram na pesquisa e contribuíram muito com as coletas de dados.

Como não lembrar dos amigos. Aos “bons e velhos” que, apesar da distância, sempre estiveram presentes e de prontidão a me ajudar, aconselhar, ler meus artigos e sugerir correções. E aos “novos”, agradeço também pelo carinho, presença e pelo apoio constante. Vocês tornaram esse caminho muito mais agradável, mais leve, mais feliz.

Ao Lucas, que se mostrou mais que um companheiro, toda a minha gratidão pelo apoio incondicional, pela companhia até mesmo nos momentos de dedicação ao mestrado, pela crença, pela força, pelo amor. Agradeço a ele ainda, por toda a paciência em me ouvir falar sobre assuntos da dissertação, sem nem mesmo entender do que se tratava. Pelos auxílios nas formatações e correções dos textos, quando era possível.

E ainda, tenho uma família maravilhosa a agradecer. Aos meus pais e ao meu irmão, pelo amor infinito, pelo apoio absoluto e por acreditarem nos meus planos junto comigo. Aos demais membros da família, por toda confiança, suporte e pela compreensão dos momentos importantes em que estive ausente.

***“Experimente ver pela primeira vez o que
você vê todo dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que
nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa
rotina é como um vazio.” (Otto Lara Resende, 1992)***

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	vi
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	x
1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Referências.....	9
2. AS INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS E TEMPORÁRIAS E OS ESPAÇOS PÚBLICOS	11
Resumo	11
Abstract.....	11
2.1 Introdução.....	11
2.2 A intervenção urbana artística e temporária	13
2.3 O fazer artístico foi para o espaço público.....	16
2.4 As implicações das intervenções artísticas e temporárias nos espaços públicos.....	19
2.5 Considerações finais.....	22
2.6 Referências.....	23
3. MANIFESTAÇÕES CRÍTICAS DOS COLETIVOS URBANOS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS	27
Resumo	27
Abstract.....	27
3.1 Introdução.....	27
3.2 O que pretendem os coletivos urbanos artísticos nos espaços públicos?	31
3.3 Organização e estruturação dos coletivos urbanos artísticos.....	35
3.4 O coletivo LUPA	42
3.5 Considerações finais.....	49
3.6 Referências.....	50
4. AS INTERVENÇÕES TEMPORÁRIAS DO COLETIVO LUPA E AS SUAS INTERFERÊNCIAS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS	54
Resumo	54
Abstract.....	54
4.1 Introdução – o que são as intervenções temporárias?	54

4.2	As intervenções temporárias em oito dimensões constitutivas.....	58
4.3	Análise das Intervenções artísticas e temporárias.....	62
4.3.1	Intervenção “Tinha uma faixa no meio do caminho”	62
4.3.2	Intervenção dos “Curativos urbanos”	69
4.4	Considerações finais.....	77
4.5	Referências.....	80
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
6.	BIBLIOGRAFIA	85
	ANEXO 01 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE	92
	ANEXO 02 – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa	94

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Quadro Resumo das 8 dimensões da arte pública como intervenção urbana	13
Figura 02 - Estrutura da dissertação.....	14
Figura 03 – Representação dos vários pontos de vista da experiência urbana.	18
Figura 04 - Aporte fenomenológico utilizado.....	18
Figura 05 - caracterização e esquematização da metodologia da pesquisa.....	19
Figura 06 - Representação da formação em rede dos coletivos urbanos...	49
Figura 07 - Intervenção da faixa de pedestre.....	55
Figura 08 - Intervenção dos curativos urbanos.....	55
Figura 09 - Intervenção dos bilhetes.....	55
Figura 10 - Intervenção Fila do R.U.....	55
Figura 11 – Interação com a faixa de pedestre itinerante.....	56
Figura 12 – Interação com a intervenção dos bilhetes.....	56
Figura 13 – Bilhetes depositados por outros indivíduos.....	56
Figura 14 - Processo de manifestação da amabilidade urbana.....	70
Figuras 15 - Ponto de travessia constante, que não há demarcação da faixa de pedestre.....	72
Figura 16 – Ponto da cidade que existe conflito entre pedestres e automóveis.....	72
Figura 17 - Faixa de pedestre itinerante sendo colocada no local de intervenção.....	73
Figura 18 - Ativação do espaço com a presença da intervenção.....	77
Figura 19 - Realce das pessoas que reuniram ao redor da ação.....	77
Figura 20 - Automóvel respeitando a sinalização temporária.....	77
Figura 21 - Indivíduos que se sentiram à vontade em interagir com a intervenção, atravessando a rua pela faixa proposta.....	77
Figuras 22 - Produção das faixas de pedestres.....	78
Figura 23 - Os curativos urbanos espalhados pela cidade.....	81
Figura 24 - A repercussão da ação nas páginas sociais.....	84

Figura 25 – Um indivíduo que descolou o curativo e o deixou solto no chão.....	85
Figura 26 - A interação com os curativos urbanos por parte dos transeuntes.....	85
Quadro 1: Resumo das constantes observadas nos coletivos urbanos artísticos.....	51
Quadro 2: Resumo da Intervenção “Tinha uma faixa no caminho”	79
Quadro 3: Resumo da intervenção “Curativos Urbanos”	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFV Universidade Federal de Viçosa

DIY – *Do it yourself*

RESUMO

PEREIRA, Tatiane Fernandes Matias, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2018. **Coletivos urbanos, percepção e comportamento ambiental: um estudo de caso em Viçosa-MG**. Orientadora: Luciana Bosco e Silva.

A Pesquisa aqui apresentada trata de um estudo no âmbito da percepção ambiental sobre intervenções urbanas artísticas e temporárias, produzidas por coletivos urbanos em espaços públicos. O objetivo deste trabalho é investigar de que maneira as intervenções de caráter artístico e temporário podem interferir no cotidiano dos usuários de um espaço público, promovendo mudanças de percepção. Para isso, toma como estudo de caso, o coletivo Lupa, atuante na cidade de Viçosa-MG. As informações sobre questões pertinentes ao trabalho, como espaços públicos, intervenções urbanas artísticas e temporárias, coletivos urbanos foram recolhidas a partir de pesquisas bibliográficas. Os dados referentes ao estudo de caso foram obtidos a partir de questionários, participação dos encontros do coletivo Lupa, registros fotográficos e vídeos. Os resultados obtidos a partir das análises das ações do coletivo Lupa demonstraram as interferências nos espaços públicos. Essas interferências foram explicitadas conforme as oito características da arte pública como intervenções urbanas temporárias defendidas por Adriana Sansão Fontes; sendo elas: a dimensão do transitório, do particular, do pequeno, do subversivo, do ativo, do participativo, do interativo e do relacional. A discussão final busca tornar aparente a capacidade dos coletivos urbanos em motivar transformações nas cidades. Ainda, tornar visível aspectos urbanos pouco discutidos como a falta de apropriação dos espaços públicos, estabelecendo reflexões a respeito de problemas físico-espaciais, sociais e também a respeito da própria capacidade do indivíduo de intervir na sua realidade.

ABSTRACT

PEREIRA, Tatiane Fernandes Matias, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, February, 2018. **Urban collectives, perception and environmental behavior: a case study in Viçosa-MG.** Advisor: Luciana Bosco e Silva.

The research presented here deals with a study on the environmental perception of artistic and temporary urban interventions produced by urban collectives in public spaces. The purpose of this work is to investigate the way in which artistic and temporary interventions can interfere in the daily life of the users of a public space, promoting perceptual changes. To this end, it takes as a case study the collective Lupa, active in the city of Viçosa-MG. Information on issues pertaining to work, such as public spaces, artistic and temporary urban interventions, urban collectives were collected from bibliographical research. The data related to the case study were obtained from questionnaires, participation on meetings of the collective Lupa, photographic records and videos. The results obtained from the analyzes of the actions of the collective Lupa demonstrated the interference in the public spaces. These interferences were explained according to the eight characteristics of public art as temporary urban interventions defended by Adriana Sansão Fontes; being: the dimension of the transient, the particular, the small, the subversive, active, participatory, interactive and relational. The final discussion seeks to make apparent the capacity of urban collectives to motivate transformations in cities. Also, to make visible urban aspects little discussed such as the lack of appropriation of public spaces, establishing reflections regarding physical-space problems, social and also about the individual's own capacity to intervene in their reality.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho discute a respeito das intervenções urbanas artísticas e temporárias produzidas por coletivos urbanos em espaços públicos.

O problema a ser refletido se volta para dois pontos: um deles, mais em âmbito geral, se refere as intervenções artísticas nos espaços públicos e o outro investiga a respeito dos grupos de indivíduos que as praticam. Esses grupos recebem o nome de coletivos urbanos e este trabalho tem o coletivo Lupa como objeto de estudo. O intuito é avaliar/ entender as suas ações no cotidiano de uma área urbana, assim como sua forma de organização.

Portanto, procuro nesta pesquisa, respostas para duas questões: Como as intervenções de caráter artístico e temporário são capazes de influenciar o cotidiano dos usuários de um espaço público? Como avaliar a atuação do coletivo Lupa, tomando como base as oito dimensões da arte pública definidas por Adriana Sansão Fontes (2011)?

Fontes (2011) define oito dimensões da arte pública como intervenção urbana, sendo elas: o transitório, pequeno, particular, subversivo, ativo, interativo, participativo e relacional (figura 01). Essas características referem-se às circunstâncias provocadas na vida cotidiana com a presença da intervenção. É desses conceitos que se iniciam as investigações, referentes as implicações observadas nas ruas da cidade de Viçosa, a partir de duas ações do coletivo Lupa.

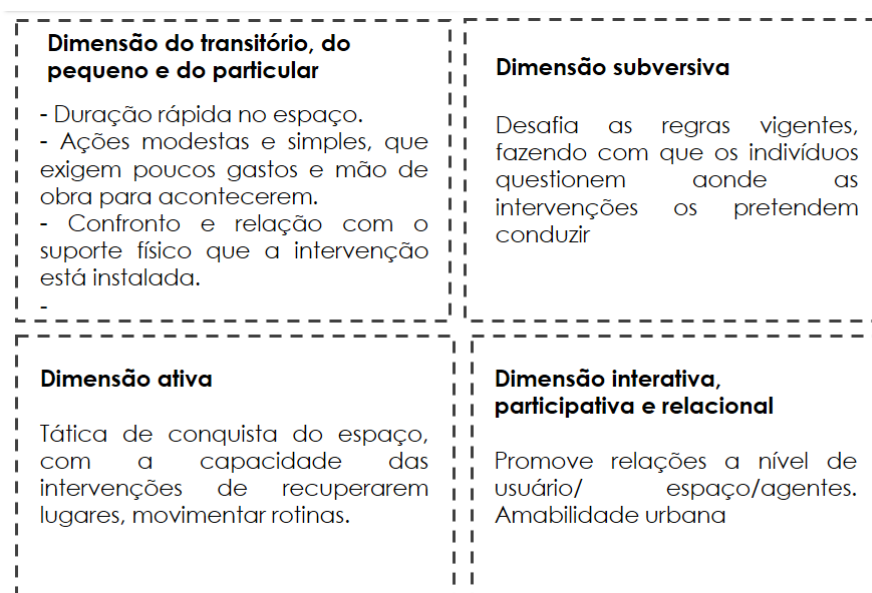


Figura 01- Quadro resumo das 8 dimensões da arte pública como intervenção urbana. Elaborado pela autora, 2017.

O Coletivo Lupa é um grupo ativo na cidade de Viçosa-MG desde 2015. Ele é formado por estudantes de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e eventualmente recebe a participação de alunos de outros cursos da mesma instituição. Tal grupo tem como finalidade ativar os espaços públicos de Viçosa com intervenções artísticas efêmera. Buscam despertar a atenção da população para pontos problemáticos dentro da cidade e também instigar o público a intervir, participar e interagir com os seus ambientes, assim como com outros indivíduos.

Desde modo, como objetivo principal deste trabalho, busco investigar se as intervenções de caráter artístico e temporário são capazes de interferir no cotidiano dos usuários de um espaço público, a partir de um estudo de caso, o coletivo Lupa.

Logo, a dissertação está estruturada de forma que cada capítulo é um artigo científico, com a intenção de que cada um desses contemple um objetivo específico. O primeiro deles referiu-se a compreensão das intervenções artísticas e temporárias no espaço público, que tem como função oferecer subsídios teóricos a respeito dos temas a serem tratados pelos outros capítulos. No segundo artigo ou objetivo específico, busquei investigar os coletivos urbanos, como forma de analisar o coletivo Lupa, grupo escolhido como estudo de caso para a dissertação. No último capítulo, o objetivo foi identificar algumas das interferências no espaço público pelas intervenções temporárias e artísticas do coletivo Lupa, a partir dos conceitos defendidos por Fontes (2011) (Figura 02).

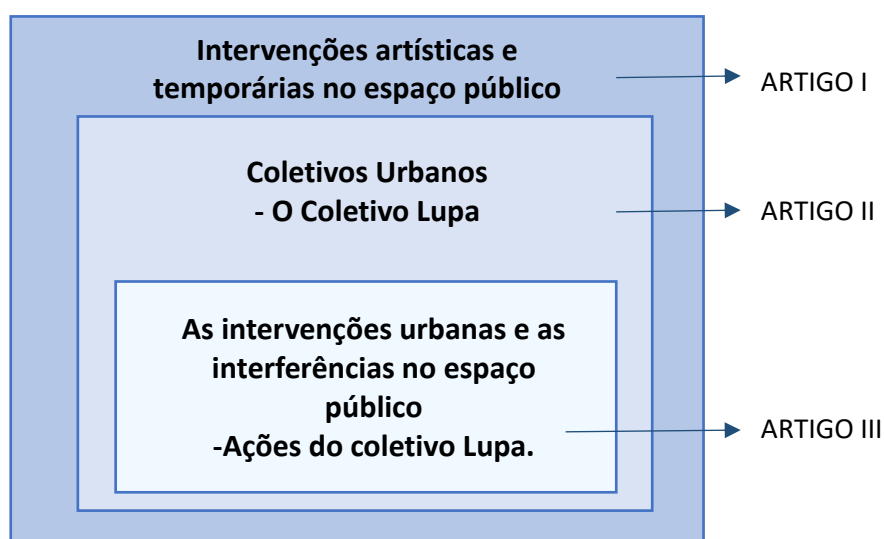


Figura 02- Estrutura da dissertação. Feito pela autora, 2017.

No primeiro artigo, procurei realizar um levantamento teórico, trabalhando as características dos espaços públicos contemporâneos, como também as mais comuns referentes as intervenções urbanas artísticas e temporárias. Discuto ponderações a respeito das dinâmicas dos ambientes públicos, identifico algumas das características das intervenções urbanas como artística e temporária, realço alguns pontos importante referentes ao porquê do fazer artístico se direcionar para as ruas e por fim, discuto algumas das implicações que essas intervenções podem provocar no espaço público.

Neste capítulo relaciono, a partir de estudos de Fontes (2011) e Cerqueira (2013), as relações rápidas, fugaz e efêmeras que caracterizam os espaços públicos contemporâneos, com as capacidades que as intervenções urbanas e artísticas têm perante esses aspectos.

Reconheço neste trabalho, as intervenções/ações urbanas artísticas como expressões de comunicação nos ambientes públicos, por terem a capacidade de provocar reações nos transeuntes, assim como lhes repassarem alguma reflexão ou mensagem. Elas possuem características, que facilitam diferentes sensações e interações, tornando os ambientes públicos cuidadosamente arranjados e atraentes ao uso pelas pessoas.

Ainda, interessei por aquelas expressões, que além das suas intenções de provocarem transformações mesmo que no campo da formação crítica dos indivíduos, que também apresentassem uma curta duração de tempo, denominadas então de temporárias.

Manifestações de caráter temporário contribuem para que o espaço público urbano se reinvente, viva. Desde intervenções grandiosas, em que arte, arquitetura e paisagem se interseccionam, tornando-se uma só, a simples construções que abrigam atividades informais, estas, “[...] inicialmente ignoradas, mas que uma vez estabelecidas podem ter uma grande influência sobre a forma como as pessoas percebem e entendem a cidade” (KRONENBURG *apud* ARAUJO, 2014, p. 02).

Assim, as intervenções temporárias são aquelas com a função de tornar o espaço mais vivo, resgatar valores perdidos, através da ativação propositada da vida urbana, mesmo que no seu curto período de duração, como argumenta Fontes (2011). Essa mesma autora defende que intervenções pontuais e efêmeras não promovem grandes transformações, mas podem ser culminantes

para desencadear processos transformadores a longo prazo. Nas suas efemeridades, as intervenções são importantes para realçar potencialidades existentes, intensificar e encorajar o uso do espaço citadino, de forma a dar-lhe novos sentidos à medida que são apropriados.

Ainda, a partir do conhecimento a respeito de indivíduos interessados em promoverem intervenções urbanas artísticas e temporárias em coletivo nos espaços públicos, vi como sendo necessário entrar no debate acerca desses grupos. Eis a razão do segundo capítulo, no qual busquei expor a respeito das formas de organização, atuação desses coletivos urbanos e seus aspectos relacionais com outros grupos de mesmo caráter. Ao fim, apresentei o Coletivo Lupa, conforme apresentavam as características apresentadas nesta revisão bibliográfica.

Neste trabalho, considerou-se como um coletivo urbano um grupo de pessoas interessadas em promoverem discussões urbanas dentro das suas cidades. São indivíduos com um modelo de organização e atuação bem característicos, capazes de elaborar expressões defensivas diante de situações-problema vivenciadas no espaço urbano de forma pontual. Realizam ações de conscientização, que recriam a paisagem urbana e buscam principalmente, mudar a rotina e a percepção dos usuários em relação àqueles locais (LIMA, 2015, p.41). Ainda, nas palavras de Lima (2015), “as ações de coletivos urbanos tendem a modificar a ambiência e a programação dos espaços públicos” (ibid, 2015, p.42).

Paim (2009) e Gonçalves (2010) são dois autores de grande colaboração neste segundo capítulo, pois realizaram estudos que apontam algumas das características comuns entre as formas de organização e estruturação dos coletivos urbanos. Como a formação em rede, o relacionamento segundo uma lógica de afinidade específica e a auto-gestão. Também, segundo eles, optam por modos de fazer desburocratizados e rápidos, que usam o ciberespaço como espaço de prática ou como meio para organização e difusão. Além disso, produzem as suas ações temporárias, as quais estão em constantes mutações, contínuos deslocamentos e é resultado da cooperação de muitas falas.

Por fim, o terceiro capítulo foi dedicado especialmente em descrever duas das ações do Lupa, realizadas em Viçosa. Isso, a partir das oito características defendidas por Fontes (2011).

Sobre a metodologia deste capítulo, procurei coletar dados principalmente a partir de relatos, sentimentos expressos na experiência de intervir no espaço por cada integrante do coletivo Lupa. O objetivo foi reunir informações diferentes, a partir de vários observadores da intervenção no espaço, sobre como os transeuntes reagiram, interagiram, sentiram-se atraídos, instigados ou não com a presença da intervenção artística e temporária.

Acredito que os membros do Lupa foram fontes de informações importantes como observadores, pois estavam presentes em todos os casos estudados e podiam assim, visualizar as transformações em todos os espaços de ação, fornecendo diferentes visões sobre o mesmo fenômeno em estudo. Além de estarem “no meio da intervenção”, viviam o cotidiano dos lugares e a maioria apresentava conhecimentos teóricos suficientes sobre questões urbanísticas, que contribuiu para que levassem em conta nas suas observações, aspectos interessantes para a pesquisa, relacionados aos comportamentos dos transeuntes e a relação que mantinham com o espaço.

Para coletar essas informações, contei com um questionário, onde obtive seus relatos, sentimentos em forma de respostas, sobre os momentos de intervenção. Nele, os membros do coletivo fizeram comparações entre aspectos observáveis nos dias regulares dos locais de intervenção e também nos momentos das ações. O que me permitiu perceber os aspectos que eles consideravam como alterados, como a interação dos indivíduos com o ambiente ou com outros usuários na presença da intervenção. Tive acesso também aos registros fotográficos e alguns vídeos da ação ativa no espaço.

Para participar do estudo, os integrantes do coletivo Lupa assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido –TCLE (ANEXO 01) e o estudo foi aprovado pelo comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa (Anexo 02).

A pesquisa se baseou na metodologia fenomenológica¹ para obter as informações dos integrantes do coletivo para estudo, já que a proposta era descrever o fenômeno, o acontecimento da intervenção artística instalada no espaço público, reunindo a percepção de cada um.

¹ De acordo com Martins; Bicudo (1989) a fenomenologia descreve a experiência do homem tal como ela é, e não segundo as proposições pré-estabelecidas pelas ciências naturais. Trata-se de uma forma particular de fazer ciência: a pesquisa qualitativa, que substitui as correlações estatísticas pelas descrições individuais, e as conexões causais por interpretações oriundas das experiências vividas. (SANDALA, 2004, p.2)

Assim, o método fenomenológico começou com uma descrição de uma situação vivida no cotidiano (GIORGI, 1986 *apud* SANDALA, 2004, p.2). Partiu-se da ideia de que relacionando com os objetos do mundo, seres e coisas, o homem é um ser composto de percepções, que os percebe de perspectivas particulares, que variam de acordo com o campo perceptual - que é um horizonte, ou seja, o local das experiências perceptuais. (SANDALA, 2004, p.2)

Esta foi a ideia que constituiu o conceito-chave para o estudo que me propus, pois quando solicitei as descrições de vários sujeitos sobre determinado fenômeno que investigava, compreendia que cada um dos sujeitos a fazia segundo a sua perspectiva de perceber o acontecimento. Esses pontos de vista representaram para mim várias visões do fenômeno, que se cruzavam e apresentavam-me significados comuns, ou seja, a estrutura principal do fato (Figura 03 e 04). No momento seguinte, quando fiz a interpretação fenomenológica dos dados, a visão da composição do fenômeno é compreendida dentro da minha perspectiva científica de pesquisadora. Estes dados interpretados me permitiram atingir um campo específico de generalidades, que posso entender como pertencentes à estrutura geral do fenômeno. (SANDALA, 2004, p.5)

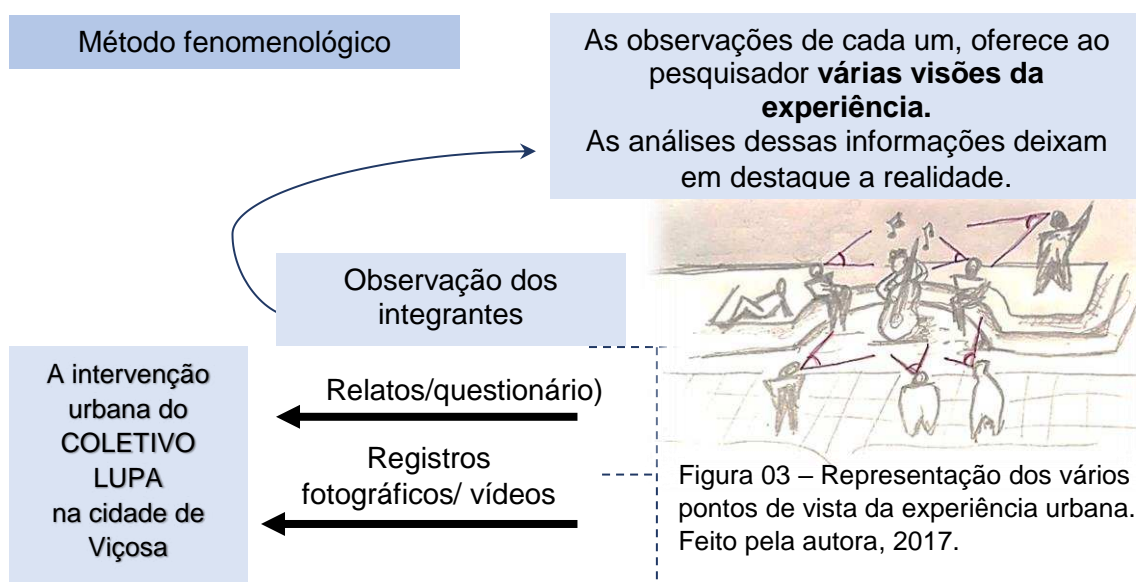


Figura 04 - Aporte fenomenológico utilizado. Feito pela autora, 2017.

Ainda, realço que a minha participação em todos os processos desenvolvido pelo coletivo Lupa para a realização das intervenções (reuniões e

o momento de intervir), ajudou-me a observar mais fatores de interesse para a pesquisa, além dos realçados pelos seus integrantes no questionário. Além disso, por morar na cidade de atuação do coletivo, tinha a vivência dos problemas dos contextos trabalhados nas suas intervenções e isso também me possibilitou descrevê-los com maior clareza e caminhar para a fase conclusiva desse trabalho.

A seguir um esquema de toda a metodologia adotada para alcançar os objetivos propostos e a caracterização do estudo (Figura 05):

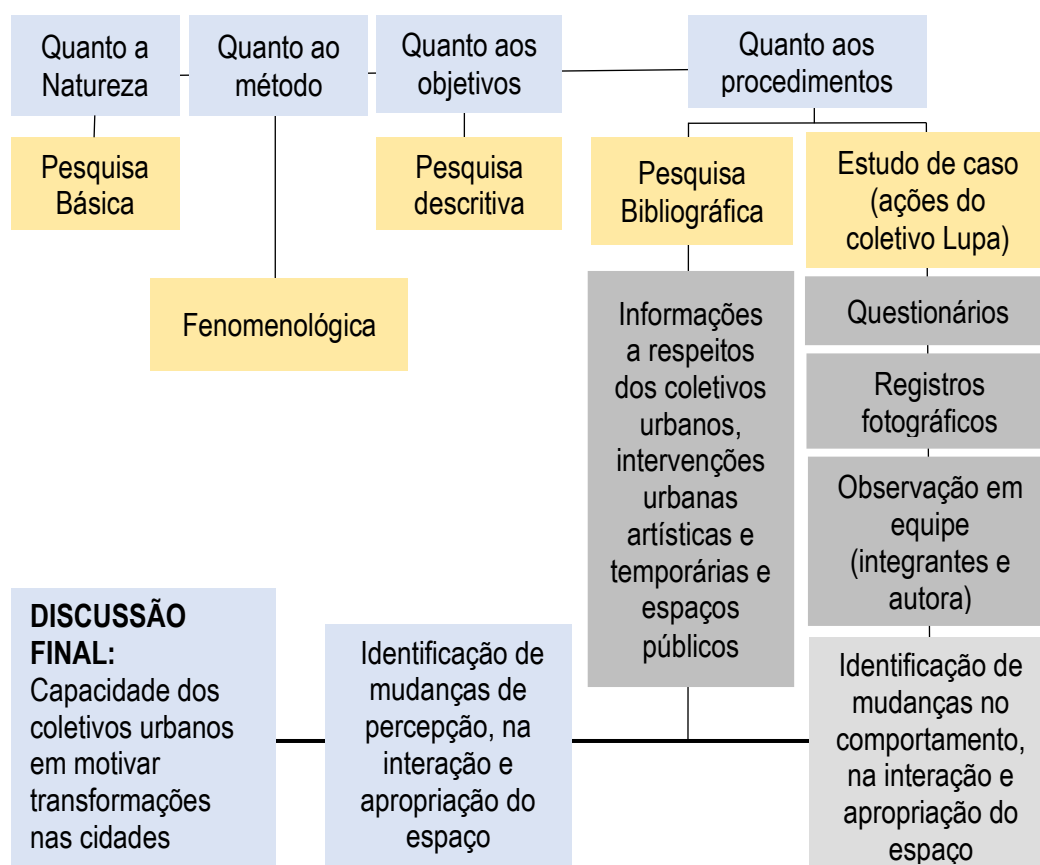


Figura 05 - caracterização e esquematização da metodologia da pesquisa. Feito pela autora, 2017.

A pesquisa se classifica como básica, quanto à sua natureza, porque “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.” (SILVA e MENEZES, 2005, p.20). Do ponto de vista dos seus objetivos é descritiva, pois buscou descrever as características de um grupo de estudo, no caso o coletivo Lupa, assim como suas ações nos espaços públicos. Quanto a sua forma de abordagem do problema é um estudo qualitativo, por considerar “que há uma

relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.” (SILVA e MENEZES, 2005, p.20). Em relação aos procedimentos técnicos, tem-se uma parte que é uma pesquisa bibliográfica e uma outra que se refere a um estudo de caso.

Como conclusão, pretendi enfatizar um debate acerca de algumas das interferências que as intervenções temporárias podem provocar nos ambientes públicos, assim como foi observado com as ações do coletivo Lupa. Ainda, desejei problematizar a forma de interação do indivíduo com a sua própria cidade. O mais comum é não existir, seja por parte da maioria da população ou até mesmo por parte da totalidade da administração municipal, uma consciência de "cuidar da cidade como se ela fosse uma extensão de suas casas". Seja isso, em decorrência de uma escassez de sentimento de pertencimento por um ou por outro segmento.

Durante toda a pesquisa, busquei tornar aparentes esses aspectos urbanos pouco discutidos, como a falta de apropriação e interações nos espaços públicos. Estabeleci reflexões a respeito de problemas como físico-espaciais, sociais e também a respeito da capacidade dos indivíduos se reconhecerem como interventores das suas realidades.

A ideia desta dissertação começou no final da graduação, quando tive contato com a área a partir de um projeto de iniciação científica, intitulada de Bricolagem Urbana. Passei-me a interessar pelas intervenções artísticas quando li sobre alguns coletivos e sobre suas atuações em outras cidades, como o grupo Poro, Arte/cidade, Transverso e descobri que suas ações podiam ser determinantes na produção do espaço urbano. Por isso, acredito que este trabalho pode contribuir um pouco mais com informações a respeito desses grupos e de suas atuações. Ainda, é possível espalhar a ideia para outros interessados e até mesmo estimular a ativação de outros espaços. A contribuição também é referente ao fortalecimento do coletivo Lupa dentro da cidade de Viçosa, com a divulgação dos resultados de seus trabalhos.

Além disso, o trabalho contribui para a área de Arquitetura e Urbanismo por propor que deve ser dada prioridade as oportunidades ofertadas nos espaços públicos bem como as atividades sociais que nele já acontecem, que representam novas estratégias de melhorias dos espaços públicos. A defesa é que existem soluções para a demanda de questões relativas ao cotidiano e elas

estão na maioria das vezes, nas formas mais modestas e de pequenas escalas, encontradas muito mais nas experiências vividas do que através de modelos de desenhos formais ou dos planos oficiais para o planejamento urbano (FONTES, 2012, p.34). Portanto, como também defende Fontes (2011), essas ações apresentam grandes ensinamentos para os urbanistas e além disso, podem ser encaradas como “ações de tentativa e erro, oferecendo a oportunidade de se aprender com os primeiros passos e, se necessário, voltar atrás para trilhar diferentes caminhos.” (ibid, 2012, p.34)

Dessa forma, a intenção de estudar as mudanças no meio urbano, instigadas pelas ações de coletivos urbanos é pelo fato, desses atos simples e ligados ao cotidiano dos espaços, já se demonstrarem em outros estudos, como os realizados por Fontes (2011), que podem alcançar resultados expressivos.

1.1 Referências

ARAUJO, C. de S. M. A contribuição de manifestações temporárias no Contexto de paisagens urbanas e culturais. In: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO, PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO, DESAFIOS E PERSPECTIVAS, 3º, 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: [s.n.], 2014. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/trabalho/389/a-contribuicao-de-manifestacoes-temporarias-no-contexto-de-paisagens-urbanas-e-culturais>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

CERQUEIRA, Y. M. S. F. **Espaço público e sociabilidade urbana: apropriações e significados dos espaços públicos na cidade contemporânea.** 2013, 122p. Dissertação (mestrado em arquitetura e urbanismo), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/12402/1/YasminieMSFC_DISSE-RT.pdf>. Acesso em 13 de jan. de 2018.

FONTES, A. S. **Intervenções temporárias, marcas permanentes:** a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades. Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2011, 256p.

_____. Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea. **Arquiteturarevista**, v. 8, n. 1º, p.31-48, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/viewFile/arq.2012.81.05/879>>. Acesso em 02 de set. de 2017b.

GIORGI A. O. **Phenomenological and psychological research.** Pittsburgz: Ducherne University Press, 1985.

GONÇALVES, F. do N. Poéticas políticas, políticas poéticas: comunicação e sociabilidade nos coletivos artísticos brasileiros. **Revista da Associação Nacional dos**

Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v.13, n.1, p.1-14, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:pMYHnYyEXr8J:www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/download/459/428+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 31 de julho de 2017

KRONENBURG, R. **Arquitectura subversiva**. In: PERAN, Martí (Org.). *Ciudades Ocasiones: Post-it city*, Barcelona, 2009.

LIMA, C. H. M. de. A cidade em movimento: práticas Insurgentes no ambiente urbano. **Oculum ensaios**, Campinas, SP, v. 12, n.1, p.39-48, jan-jun/ 2015. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/2711/1937>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

MARTINS J., BICUDO M.A. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes,1989

PAIM, C. T. **Coletivos e iniciativas coletivas: Modos de fazer na América Latina contemporânea**. 2009. 294 f. Tese (doutorado em Artes Visuais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2009.

PEREIRA, C. C.; NAOUMOVA, N. Novas estratégias de intervenção nos espaços públicos urbanos: a geração de oportunidades através da intervenção de instalações artísticas na cidade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL: ESPAÇOS PÚBLICOS, 1º, Porto Alegre, 2015. **Anais eletrônicos...** Porto alegre: PUCRS, 2015, p.162-178.

SADALA, M.L.A. A fenomenologia como método para investigar a experiência vivida: uma perspectiva do pensamento de Husserl e de Merleau-Ponty. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2., 2004, Bauru. **Anais...** Bauru: Universidade do Sagrado Coração de Jesus e Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa, 2004. Disponível em: <<http://arquivo.sepq.org.br/II-SIPEQ/Anais/pdf/gt1/12.pdf>>. Acesso em 16 de outubro de 2017.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. ed. 4. Florianópolis: UFSC, 2005, 138p.

2. AS INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS E TEMPORÁRIAS E OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Resumo

Este estudo tem como objetivo fazer um levantamento teórico a respeito de como as intervenções urbanas artísticas e temporárias podem provocar implicações nos espaços públicos. Isso, ao considerar a condição efêmera da cidade contemporânea, onde as relações e as atividades nos espaços públicos aparecem de forma muito mais fugaz e determinadas pela velocidade e falta de tempo. Busca-se então, discutir ponderações sobre as dinâmicas dos espaços públicos e também a respeito da nova forma de atuação nesses ambientes, levando em consideração os seus novos ritmos e contextos. Ainda, realça-se pontos importante referentes ao porquê do fazer artístico se direcionar para as ruas.

Palavras-chave: intervenção urbana artística e temporária; espaços públicos; cidades.

Abstract

This study aims to make a theoretical survey about how artistic and temporary urban interventions can have implications in public spaces. This, when considering the ephemeral condition of the contemporary city, where relations and activities in public spaces appear much more fleeting and determined by speed and lack of time. It is then sought to discuss considerations about the dynamics of public spaces and about the new way of acting in these environments, taking into account their new rhythms and contexts. Still, it highlights important points regarding the reason of the artistic doing if directed towards the streets.

Keywords: urban artistic and temporary intervention; public spaces; cities

2.1 Introdução

Segundo Fontes (2011) a sociedade contemporânea “vive em um momento específico de alta modernidade, período que reveste de características de transitoriedade, em várias esferas das relações sociais e econômicas” (FONTES, 2011, p.1). Ela explica que a “flexibilidade e a indiferença é que caracterizam as relações sociais urbanas nessa sociedade, marcadas pelo curto prazo, pela falta de compromisso mútuo advindo desse stress da rapidez, e pelas relações superficiais entre indivíduos” (ibid., p.2). Tal dinâmica, a mesma autora denomina como condição efêmera da sociedade contemporânea.

Nesse mesmo sentido, Cerqueira (2013) escreve que “convive-se menos com a cidade e com as pessoas que as coabitam. (...) a dinâmica nos espaços públicos vem sendo transformada, assim como a relação das pessoas com esses espaços e com sua cidade como um todo”. (CERQUEIRA, 2013, p.11). Observa-se então, que os espaços públicos estão sendo caracterizados por uma

fragilidade nas relações entre seus sujeitos e desses com seus próprios espaços.

A atual forma de vida na cidade se reduz ao cultivo de uma cultura segregadora, onde se criam muros e barreiras, vendendo uma falsa segurança a uma população já consumida pela violência, onde o sujeito vive em modo automático, percorrendo a cidade, não mais a pé, mas de dentro do seu carro ou dentro de um ônibus lotado, um sujeito que não consegue refletir sobre as experiências na cidade, que não tem oportunidades para construir uma relação afetiva com os espaços por onde anda. (LOBO; SILVA, 2015, p.5)

Assim, a vida corrida do cotidiano urbano, em que a velocidade e a falta de tempo filtram a experiência do espaço, compromete o contato mais intenso dos indivíduos com a rua e coloca em questão a ideia de espaços públicos como lugar de trocas e interações. Como escreve Cerqueira (2013, p.25), esses espaços permitem a heterogeneidade e a coletividade e por isso, ao contrário, deveriam abrigar a convivência, estimulando o contato entre os indivíduos, sempre que possível.

Os espaços públicos se tornam a cada dia, locais de passagem rápida, onde o indivíduo não tem tempo de estabelecer um contato mais familiar com o ambiente que faz uso. E como observa Araújo (2014) “ver e sentir a cidade requer atenção. Olhos distraídos pela pressa ou falta de tempo turvam a leitura dos elementos presentes no ambiente construído”. (ARAUJO, 2014, p.3). Assim, muitas pessoas passam por um local por mais de uma vez e se questionadas, não sabem descrever as peculiaridades dos locais por onde estiveram. Guerche (2014) defende que “a composição urbana evidencia o delírio que a cidade-sociedade passa, e passa correndo sem ver, ouvir, tocar ou massagear. Compor é massagear os espaços, implantar aí desvios antes invisíveis”. (GUERCHE, 2014, p. 72).

É nessa tentativa de compor, massagear os espaços, que as intervenções urbanas artísticas temporárias aparecem nas cidades contemporâneas, pois essas ações são compostas por “(...) objetos com valor artístico (formal ou relacional) que transformam de alguma forma o espaço em que estão inseridas” (PEREIRA, NAOUMOVA, 2015, p. 3) e no seu curto período de duração. As intervenções se tornam composições que tem como finalidade oferecer

experiências que revelem os ambientes públicos e que permitam aos indivíduos uma fuga da rotina, possibilitando a estes os desvios antes invisíveis.

Assim, no ambiente público as intervenções artísticas se tornam uma alternativa ao processo contínuo de desenvolvimento das cidades. Elas têm a capacidade, a partir de elementos artísticos simples e modestos, de valorizar os aspectos físicos de um lugar, permitindo que seus usuários os percebam, reflitam sobre as suas características e ainda restabeleçam outras relações com o mesmo ou com outros indivíduos ao seu redor.

Elas atuam no contexto contemporâneo como reeducadores do olhar, tornando aparente, como suscita Calvino (2008 *apud* ARAUJO, 2014, p.5), as diversas cidades dentro da cidade, ao convidar o usuário a repensar o espaço público com seus usos e funções alternativas. Fontes (2012) escreve a respeito dessas ações serem “como ferramentas de potencialização, revelando novas possibilidades dos espaços” (FONTES, 2012, p. 34). Ou seja, elas atraem a visão do passante, aguça sua percepção, intensifica e potencializa as suas experiências e sensações em relação aquele ambiente e faz surgir uma nova relação deste com o indivíduo. Nesse sentido, “(...) a arquitetura da cidade que, algumas vezes, aparece como um lugar pronto, acabado, passa a receber novas camadas de leituras em sua superfície, propiciando novas fugas às cristalizações do olhar sobre a mesma”. (GASPERI, 2016, p.78).

Dessa forma, a partir de um levantamento bibliográfico, busca-se reflexões ao problema central desta pesquisa: em que sentido as intervenções urbanas artísticas temporárias podem provocar implicações positivas nos espaços públicos?

2.2 A intervenção urbana artística e temporária

A intervenção urbana artística e temporária é o termo utilizado nesse trabalho para designar pequenas interferências nos espaços públicos, em um breve período de tempo e que tem como objetivo principal questionar e modificar a vida cotidiana. São fazeres artísticos que envolvem uma diversidade de técnicas e linguagens, sendo bastante comum o uso de cartazes, adesivos, lambe-lambes, *performances*, instalações, vídeos e outros.

Geralmente, as intervenções urbanas são marcadas pelo caráter político de atuação, enfatizando as discussões atuais da sociedade através de ações em tempos limitados, efêmeros, em um aspecto de estreitamento entre a feitura e os habitantes das cidades. É nesse viés que as intervenções urbanas atuam como micropolíticas foucaultianas em lugares específicos, habitando o cotidiano a partir de pequenas e novas molduras sobre a cidade. (GASPERI, 2016, p.78)

Assim, as intervenções temporárias estabelecem um diálogo efêmero com os espaços públicos, com intuito de interferir numa dada situação para promover alguma reação, no nível físico e espacial, intelectual ou sensorial nos passantes. Isso porque, como escreve Biff (2012, p.31), o objeto artístico consegue despertar nos indivíduos, reações que aguçam suas vontades de apreender e sentir a cidade e seus elementos, que os rodeia, que na correria do dia a dia, muitas vezes acaba se tornando distante.

Nesse sentido, “fazer uma intervenção urbana é fazer uma fratura no cotidiano, é quebrar o ritmo automático da rotina e proporcionar uma pausa ao transeunte, um momento não só de contemplação da arte, mas também um momento para a reflexão”. (FELDHUES e BRITO, 2015, p.9). Elas têm a capacidade de promover reações e transformações no comportamento, nas concepções e percepção dos indivíduos em relação aos seus espaços. E ainda são ações engajadas com proposições políticas ou com os problemas sociais, que representam a interrupção do curso normal das coisas através da surpresa, do humor, da ironia, da crítica e do estranhamento.

A intervenção valoriza os atributos físicos de um lugar. Um espaço que antes passava despercebido aos olhos da população, depois de uma intervenção faz com que venha à tona a sua forma, permitindo que se descubram novos lugares, abrindo para a cidade novas visadas, novas espacialidades, novas experiências urbanas. (LOBO e SILVA, 2015, p.8)

Nesse sentido, Fontes (2011) afirma, que elas são capazes de motivar transformações mais permanentes do que as inerentes à sua própria temporalidade (FONTES, 2011, p.192), pois podem provocar mudanças comportamentais, de percepção, que são implicações que persistem mesmo depois da remoção da intervenção. A mesma autora define ainda, a intervenção artística e temporária como a que se move no âmbito do transitório, do pequeno,

das relações sociais, que envolve a participação, ação, interação e subversão, e é motivada por situações existentes e particulares (Ibid., p.30).

Geralmente, as intervenções exploram uma dinâmica em que a cidade aparece como um elemento centralizador da construção artística, na possibilidade de um diálogo direto com os passantes. A partir de materiais provocativos, elas deixam rastros para quem estiver nas proximidades trazer olhares à ação, contribuindo com proposições, críticas ao mesmo tempo que este é tocado por ela sob algum aspecto. (GASPERI, 2016, p.80)

Dessa forma, as intervenções artísticas e temporárias têm total relação com o espaço em que está instalada e por isso, consegue instigar o transeunte a interagir e a participar da ação. Assim, como qualquer espaço público pode conter uma intervenção artística, os indivíduos podem se deparar com ações em diferentes locais da cidade e serem provocados por elas. “Logo, os cidadãos podem ser transformados em espectadores coparticipantes de várias obras, sendo confrontados e, até mesmo, invadidos por diversas formas artísticas”. (Ibid., p.94).

Souza (2012, p.18-19) defende que a intervenção artística e temporária é fugaz pela rapidez com que surge e desaparece. Aceita que apesar da intervenção urbana ocorrer de modo espontâneo, sem regras, de maneira aleatória e inesperada na paisagem urbana, consegue provocar transformações de forma contínua porque mantém relações profícuas com o tecido da cidade, no qual está instalada e com a comunidade que recebe o seu apelo.

Além disso, a intervenção urbana, que não é feita para durar, demonstra assim, renunciar o seu valor de culto, e até mesmo de exposição, pois sua prioridade é a experiência do sujeito com a obra (LAMOUNIER, 2009, p.129). Assim, as intervenções artísticas não necessitam da construção de uma obra concreta ou palpável, pois o objeto de arte, nestes casos, se constitui principalmente como as interferências promovidas no espaço, referente as interações e experiências compartilhadas entre os diversos indivíduos envolvidos. (NIELSEN, 2013, p.3)

Assim, as intervenções urbanas artísticas e temporárias oferecem aos artistas/grupos/coletivos urbanos, que desejam romper com os esquema e espaços tradicionais de exposição, um campo amplo para atuação e de maior aproximação com os transeuntes. Os espaços públicos são vistos como território

em construção, em que as intervenções podem movimentar as rotinas e demonstrar outras formas de experimentá-los.

2.3 O fazer artístico foi para o espaço público

Na busca de entendimento em qual contexto apareceram as intervenções urbanas artísticas, encontra-se como um dos principais motivos a vontade dos artistas de levarem para as ruas o fazer artístico como forma de valorização da interação da obra com o transeunte e de realçar problemas urbanos do cotidiano.

No decorrer da história a arte pública, construída nos templos, nos palácios e praças, tinha como função social reunir a comunidade num determinado local, visando glorificar os deuses e governantes. Mas, a partir de meados do século XIX, com o advento da modernidade, a arte pública passa a ser discutida enquanto experiência artística, propiciadora de transformações estéticas, sociais e políticas. (SILVA, 2005, p.35)

Assim, a arte pública que antes era realizada como marco de praças, jardins e como afirmação de poder burguês, passa a ter um novo interesse nos espaços públicos. Silva (2005) coloca que vários projetos artísticos para esses ambientes passam a buscar maior interatividade com o público, a partir “dos movimentos urbanos da contracultura, a exemplo dos *happenings*, da arte ambiental, da arte ecológica e da *Land Art*.” (SILVA, 2005, p.37)

Silva (2005) em seus estudos aponta também, como explicação para a eclosão de propostas artísticas nos espaços urbanos, o momento em que Nova Iorque passa por uma reformulação para se adequar aos valores da modernidade. Onde “destruiu os quarteirões de prédios antigos, as comunidades minoritárias que lá habitavam (...), o comércio, a família e a cultura local, generalizando a pobreza e transformando o bairro em ruínas da modernidade”. (Ibid., p.36). Assim a arte vai para os espaços públicos denunciando a destruição desses locais em prol da modernização em grande escala, dando prioridades ao funcionalismo e distanciando de conceitos de espaços mais humanos. Como escreve Cartaxo (2009) “Se no período moderno a cidade foi pensada na sua dimensão de *função*, hoje ela se inscreve uma dimensão de *existência*, em que as artes visuais têm participação ativa nesta nova condição” (CARTAXO, 2009, p.8). Assim, as práticas artísticas nos espaços públicos contemporâneos exploram as formas humanas de sensibilizar o passante, ligadas a promoção

das experiências sensoriais e também na valorização de interações entre sujeitos diferentes. A produção artística contemporânea nas ruas busca desacelerar o fluxo efêmero que a cidade vive e proporcionar a observação do espaço por olhares mais atentos e curiosos. Ela se transforma também em forma de resistência as realidades impostas na modernidade, relacionadas a padronização dos espaços. A busca é que cada espaço apresente elementos que o torna inusitado e único, que propicie experiências diferentes aos transeuntes. (SILVA, 2005, p.37)

Mas, Silva (2005) destaca que além de todos esses fatores, um dos principais precedentes da arte urbana contemporânea foram os *happenings*, no ano de 1959, também em Nova Iorque. Representaram uma nova forma em se ter maior contato com o público heterogêneo, que passava pelas calçadas e também de forma fugaz. “(...) eles fazem uso do corpo e do movimento para construir um trabalho artístico efêmero que dura apenas o momento de execução de uma ação (algumas vezes divulgada através de registros fotográficos e audiovisuais).” (MAGALHÃES, MOREIRA E REZENDE, 2014, p.3)

E assim, como os *happenings*, a *Land Art* veio reafirmar inicialmente a ruptura da apresentação da arte em espaços consagrados para o fazer artístico (SILVA, 2005, p.40). Esses movimentos demonstraram “a importância de extrapolar as paredes de museus e galerias de arte, propiciando um olhar diferenciado através de manifestações artísticas sobre e no espaço público.” (MAGALHÃES, MOREIRA E REZENDE, 2014, p.3). Assim, em uma tentativa de reavaliar os espaços institucionais, idealizados para resguardar o fazer artístico, surgem os espaços alternativos para a arte: as ruas, os hospitais, os cruzamentos de trânsito, os mercados, os prédios abandonados, que tornam o contato entre usuários do espaço com elementos artísticos, assim como a forma de expressão dos próprios artistas, muito mais democrática. (CARTAXO, 2009, p.2)

Portanto, o intuito de levar a obra artística para as ruas, além da experimentação que tal ação oferecia tanto ao artista quanto ao espectador, era também tornar o acesso às produções artísticas mais democrático, sem vínculo com a lógica mercadológica. Quando a arte deixa o museu em busca de um público maior, torna-se, conseqüentemente, e de forma mais incisiva, pública a presença da arte e do artista. (CARTAXO, 2006, p. 7379). Nesse sentido, a situação ofereceu “a ruptura com o discurso hermético que permeava o mercado

da arte, uma vez que o acesso à obra de arte implicava o acesso a um código formal e restrito, preestabelecido. ” (LAMOUNIER, 2009, p.123)

Estes recém-nascidos movimentos, durante os anos 60 e 70, buscaram então, libertar a arte da influência do mercado artístico, desvinculando a obra artística de seu valor de mercadoria e de seu uso como investimento financeiro. (FERREIRA 2005, p.2). Dessa forma, o fazer artístico, que existe nos espaços públicos, passa a não constituir como produto (não lida com as questões de compra ou venda), mas como objeto de consumo, contudo, de algo já consumido, uma vez que já faz parte do organismo da cidade. (CARTAXO, 2009, p.8)

Nos sistemas sociais, urbanos e artísticos e mercadológicos instituídos a partir dos anos de 1970, o marco e a permanência são tomados, sistematicamente, como obsoletos por apresentarem destituídos dos valores de fluxo e transformação na velocidade praticada pela paisagem urbana do período. As formas assumidas pela arte nesse momento elaboram um intenso discurso de incompatibilidade com o mercado e deixam esses lastros seja na condição dos novos espaços, tempos e materiais que procuram para se manifestar, seja nos textos que convocam os artistas à prática de uma postura crítica que lhe sirva de posicionamento estético. (FUREGATTI, 2007, p.58)

Portanto, como aponta a autora Furegatti (2007), o fluxo urbano, a efemeridade contemporânea e a busca pela experimentação oferece caminhos para mudanças de pensamentos em relação a uma nova forma de atuação dos artistas dentro e sobre os espaços públicos, que já não pertenciam mais ou não eram cabíveis apenas a redonda protetora do museu, mas sim nas ruas. Propunham “uma arte feita para lugares cotidianos de baixo interesse, para experimentações físicas, geográficas e substancialmente arquitetônico-urbanísticas, que propiciasse ao observador além da simples fruição estética. ” (FUREGATTI, 2007, p.34)

A passagem da modernidade para a contemporaneidade pontua importantes reconfigurações dos valores estéticos, acentuando, cada vez mais, o processo de aproximação entre arte e vida cotidiana. O efêmero, o mutável, os novos fluxos da vida urbana e toda sua gama de questões são reunidos como elementos presentes nas propostas artísticas, que surgem a partir de então, validando o grau de atualidade dessas proposições. Assim, essa atualização pressupõe um grau de adequação ao complexo contexto do mundo contemporâneo apresentado, fundamentalmente, por seu elevado valor de experimentação. (FUREGATTI, 2007, p.35)

Dessa forma, a adoção destes espaços da vida cotidiana revela a vontade de reaproximação entre o sujeito e o mundo e imprime novas questões: a imperceptibilidade da obra de arte como tal, o artista anônimo, a efemeridade da obra e a sua dissolução na estrutura cidade. (CARTAXO, 2009, p.1-2).

A efemeridade da obra contemporânea e urbana “evidencia a cultura do excesso, onde tudo se torna muito mais intenso e urgente. As mudanças acontecem de maneira acelerada, determinando um tempo marcado pelo efêmero, no qual flexibilidade e fluidez aparecem como tentativas de acompanhar essa velocidade”. (SILVA, 2015, p.08). As expressões artísticas desta época, passam a acompanhar tanto os seus tempos quanto determinantes espaciais, confirmando o quão arte e vida estão interligadas. Os artistas contemporâneos tendem a trabalhar com uma arte que não propõe mais somente a contemplação de um objeto, mas obras interligadas com seus ambientes, os quais podem ser experimentados. Dessa forma, imprimem uma tendência crescente de procurar alterar a percepção do espaço e dar ênfase no papel do observador, que de certa forma, também se torna participante.

2.4 As implicações das intervenções artísticas e temporárias nos espaços públicos

A percepção dos espaços públicos é a partir de inúmeros elementos que os constituem. Conforme o impacto que esses produzem, acarretará um ato de repúdio ou aproximação dos indivíduos ao seu meio. Por isso, quando os espaços públicos são renovados geram sinergias, que atraem além de pessoas, recursos e criatividade. (ALOMÁ, 2013)

Rapoport (1978) confirma que propriedades físicas e espaciais do ambiente construído podem carregar significados, que servem como comunicadores codificados na forma construída e decodificados pelo usuário, dando pistas com respeito aos padrões comportamentais esperados ou adaptados, facilitando ou inibindo seus usos. (PEREIRA e NAOUMOVA, 2015, p.5)

Nesse sentido, levando em consideração que os espaços públicos podem ser então decodificados nas suas formas, entende-se que cada elemento presente no seu meio, inclusive as intervenções artísticas temporárias, ganham um significado único, de acordo com a percepção de cada indivíduo. O sujeito distraído, que circula no espaço, sai de sua zona de conforto, depara-se com um espaço distorcido, transformado, desestabilizado (GUERCHE, 2014, p.72) e passa a ter a “experiência essencialmente sinestésica e multissensorial aos signos dispostos no espaço, de modo a apreendê-los e decodificá-los”. (ARAUJO, 2014, p.4). Assim, as intervenções instaladas no ambiente público, possibilitam a apreciação imediata, instigam e provocam o espectador, pois se tornam mais um signo a ser decodificado.

O que os seus idealizadores esperam é que as intervenções artísticas e temporárias contribuam para a aproximação entre indivíduos e desses com o próprio espaço. Ou seja, que as intervenções artísticas e temporárias sejam capazes de estabelecerem a amabilidade urbana, defendida por Fontes (2012). O termo se refere, as “conexões que podem se manifestar através de encontros, intercâmbios, cumplicidades e energias, e que reagem ao individualismo e à hostilidade que caracterizam as formas de convívio coletivo contemporâneas”. (FONTES, 2012, p.73)

Dessa forma, os artistas estão interessados em produzir elementos, que ao serem decodificados, ajudem o indivíduo a perceber melhor a cidade. Tornam-se pistas a respeito de outros padrões comportamentais, usos esperados ou outras formas de interações com e no espaço. Logo, as intervenções temporárias no espaço público não são meras exposições; configuram antes uma proposição de adequação e de experimentação do espaço. (LAMOUNIER, 2009, p.129)

Assim, as intervenções artísticas no meio público podem ser vistas como forma de propor essa troca de informação (BIFF, 2011, p.38). Elas conseguem comunicar e convidar o transeunte a interagir com o objeto artístico, com o ambiente, o que podem suscitar sentimentos, emoções, reações e instaurar

outros modos de se viver. É como escreve Cerqueira (2013), que o espaço público é um retrato da vida urbana, “assim uma nova forma de viver o espaço público decorre de uma nova forma de viver a/na cidade”. (CERQUEIRA, 2013, p.12).

O valor simbólico de uma intervenção urbana enfatiza o afeto, a troca e a experiência entre os cidadãos. Em geral, as intervenções urbanas exigem uma corporeidade imediata proporcionando – aos passantes – opções que extrapolam os caminhos de contemplação que uma obra artística possui. Ou seja, dentro da ideia de intervenção em espaços públicos, os transeuntes podem observar as ações – como fariam em quaisquer outras ações artísticas – mas podem também, possivelmente, experimentar a proximidade com as feitura. Por vezes, podem tatear, estreitar, criando relações sinestésicas com a experiência que, muitas vezes, se mescla no cotidiano. (GASPERI, 2016, p.79)

Os sentidos e sensações de um indivíduo ficam mais aguçados ao final do processo de reconhecimento dos objetos artísticos dispostos no espaço público. Seja a partir de observações e interações com a intervenção, com outros indivíduos ou com o novo espaço criado através da instalação da obra. Dessa forma, certas ações artísticas, que poderiam parecer simples à primeira vista, tem uma importância potencialmente transformadora, na medida em que atuam diretamente sobre o campo da produção de sentido e sentimentos (GONÇALVES, 2010, p. 13).

Como escreve Giora (2015), os artistas atuam no “campo de ação mais crucial, que não é o homem, aquele que percebe, nem tampouco as coisas, aquilo que é percebido, mas antes disso, a ação de perceber” (GIORA, 2015, p.149). Ou seja, uma das intenções dos agentes de ações artísticas e temporárias é de constituir as suas intervenções como expressão, propondo novas maneiras de perceber o espaço. Silva (2015) escreve que “ao produzirem estranhamentos, observações ou interações entre os sujeitos e a cidade, as intervenções atuam como experiências que transformam e possibilita a este mesmo sujeito se voltar para si mesmo e perceber o mundo a sua volta” (SILVA, 2015, p. 15).

Assim, os agentes de intervenções urbanas trabalham no sentido de oferecer aos usuários da cidade, novas experiências do espaço público, eliminando os obstáculos daquele sujeito que vive em modo automático, incapaz

de refletir sobre seus próprios espaços e percebê-los de formas diferentes. Logo, as ações artísticas produzidas em espaços públicos podem assumir funções sociais diversificadas, compreendendo em si reivindicações com um caráter (micro) transformador da cidade (GASPERI, 2016, p.92), relacionadas primeiramente ao modo de vê-la.

Além disso, as intervenções urbanas pretendem além de quebrar rotinas, conseguir mobilizar sujeitos. Ao serem realizadas em espaços públicos, alcançam um maior número de envolvidos. Elas procuram estimular a reflexão e a crítica constante nos passantes, em relação aos aspectos espaciais e ainda, oferecem a eles a oportunidade de se reconhecerem também, como sujeitos capazes de transformar e reestruturar seus espaços de acordo com as suas necessidades. Nesse sentido, os agentes de intervenção procuram também, alcançar a renovação de formas de engajamento e de ação política. Suas ações instigam a consciência das pessoas como participantes, e não apenas usuárias.

Várias intervenções urbanas artísticas e temporárias, realizadas por coletivos ou artistas, arquitetos em ação solitária ou em conjunto por exemplo, são uma interessante forma de participação social na construção de uma cidade mais democrática e agradável. E é através dessas ações que os indivíduos podem criar relações afetivas com a cidade e constroem simultaneamente, uma consciência de responsabilidade e pertencimento ao ambiente em que vivem. Uma vez que essas práticas artísticas propõem interatividade, mudanças de comportamento, envolvendo o cidadão e o colocando como responsável em potencial para alcançar melhorias para seus espaços.

2.5 Considerações finais

Com este estudo, compreende-se que a intervenção artística e temporária é um caminho possível para reconquista dos espaços públicos degradados das cidades. As intervenções urbanas artísticas e temporárias conseguem se tornar dentro dos espaços públicos, elementos que atraem a atenção e podem estimular a interação entre diversos sujeitos e desses com seus espaços.

A realização de intervenções artísticas e temporárias no contexto dos ambientes públicos, indicam que a sociedade contemporânea já começou a redescobrir o valor das ruas e a compreender a estreita relação entre arte e o urbano. Além disso, muitos indivíduos já são capazes de provocarem transformações em seus espaços conforme suas demandas. Acredita-se que a

compreensão dessa perspectiva sempre trará aos interessados um campo de alternativas para atuarem na cidade.

Por fim, a intervenção artística nos espaços públicos veio como forma de aproximar a arte ainda mais da vida cotidiana, através de princípios como: espontaneidade, conversa com o local, quebra de restrições da arte convencional como as mercadológicas, interação com o público, temporalidade volátil, ênfase nas sensações e interpretação do espaço por parte do observador/interator.

2.6 Referências

ALOMÁ, P. R. **O espaço público, esse protagonista da cidade**. ARCHDAILY. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-162164/o-espaco-publico-esse-protagonista-da-cidade>>. Acesso em 13 de jan. de 2018.

ARAUJO, C. de S. M. A contribuição de manifestações temporárias no Contexto de paisagens urbanas e culturais. In: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO, PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO, DESAFIOS E PERSPECTIVAS, 3º, 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos**. Belo Horizonte: [s.n.], 2014. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/trabalho/389/a-contribuicao-de-manifestacoes-temporarias-no-contexto-de-paisagens-urbanas-e-culturais>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

BIFF, V. L. **Intervenção urbana e o espaço da arte na cidade de Criciúma/SC: olhares, perspectivas e (im)posições**. 2011. 94p. Trabalho de conclusão de curso (bacharel em artes visuais). Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Santa Catarina, 2011.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CARTAXO, Z. Arte nos espaços públicos: a cidade como realidade. In: **O Percevejo Online**. v. 1, n. 1, 2009, p.1-9. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/431/381>>. Acesso em 31 de ago. de 2017.

_____. **Pintura em distensão**. Rio de Janeiro: Oi Futuro/Secretaria do Estado de Cultura do Rio de Janeiro, 2006.

CERQUEIRA, Y. M. S. F. **Espaço público e sociabilidade urbana: apropriações e significados dos espaços públicos na cidade contemporânea**. 2013, 122p. Dissertação (mestrado em arquitetura e urbanismo), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/12402/1/YasminieMSFC_DISSE_RT.pdf>. Acesso em 13 de jan. de 2018.

FELDHUES, M.; BRITO, D. Transversalidades na intervenção urbana “Isso não é a Ponte da Boa Vista. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXVIII, 2015, Rio de Janeiro, 15p. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1476-1.pdf>>. Acesso em 01 de dez de 2017.

FERREIRA, L. M. O espaço urbano como suporte para a arte. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE, 2005, Londrina, 12p. **Anais eletrônicos**. Londrina: [s.n.], 2005. Disponível em: <https://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/11/luana_maia.pdf>. Acesso em 31 de julho de 2017.

FONTES, A. S. **Intervenções temporárias, marcas permanentes: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades**. Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2011, 256p.

_____. Amabilidade urbana: marcas das intervenções temporárias na cidade contemporânea. **URBS. Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales**, v1, n 2º, p.69-93, 2012. Disponível em: <<http://www2.ual.es/urbs/index.php/urbs/article/view/fontes>>. Acesso em 02 de set. de 2017a.

_____. Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea. **Arquiteturarevista**, v. 8, n. 1º, p.31-48, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/viewFile/arq.2012.81.05/879>>. Acesso em 02 de set. de 2017b.

FUREGATTI, S. **Arte e meio Urbano: Elementos de formação da Estética Extramuros no Brasil**. 2007, 248p. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, SP, 2007.

GASPERI, M. E. R. de. **Entre a metrópole e a cidade sagrada: uma análise comparativa entre o Obscena – agrupamento independente de pesquisa cênica (Belo Horizonte) e o grupo Transeuntes (São João Del-Rei)**. Tese (doutorado em Artes). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2016

GIORA, T. Em construção: intervenções no espaço em um encontro de procedimentos na arte e na arquitetura. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 5, nº 10, ano 5, dez. 2015, p.147-157.

GONÇALVES, F. do N. Poéticas políticas, políticas poéticas: comunicação e sociabilidade nos coletivos artísticos brasileiros. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, v.13, nº1, p.1-14, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:pMYHnYyEXr8J:www.comp.br/seer/index.php/e-compos/article/download/459/428+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

GUERCHE, T. P. A arte, o urbano e o social: um espaço de provocação. **Revista online Palíndromo**, Santa Catarina, v. 6, nº 11, p.64-78, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/2175234606112014064/3691>>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

LAMOUNIER, L. A arte no espaço urbano. **Revista concinnitas**, v. 2, nº 15, Rio de Janeiro, p.118-132, 2009. Disponível em:<https://www.academia.edu/31597076/LUCAS_A_arte_no_espaco_urbano_In_Concinnitas_UERJ_N>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

LOBO, L. C.; SILVA, R. L. Lugares invisíveis: sobre o espaço público em São Bernardo do Campo. **Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística**, v. 5, nº 1, jun. 2015.

MAGALHAES, S. E. de; MOREIRA, J. de S.; REZENDE, E. J. C. Vivência e investigação da intervenção artística no programa escola integrada. In: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO, PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO, DESAFIOS E PERSPECTIVAS, 3º, 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos**. Belo Horizonte: [s.n.], 2014. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/artigos/pdf/354.pdf>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

MAZIVIERO, M. C.; ALMEIDA, E. de. Urbanismo Insurgente: ações recentes de coletivos urbanos ressignificando o espaço público na cidade de São Paulo. In: ENANPUR, 17º, São Paulo, 2017. **Anais eletrônicos**. São Paulo: [s.n.], 2017, p.1-17. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%206/ST%206.1/ST%206.1-04.pdf>. Acesso em 01 de agosto de 2017

NIELSEN, S. Níveis críticos da espacialidade: notas sobre uma intervenção artística na cidade de São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (online)**, São Paulo, n. 56, p. 259-272, 2013. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S002038742013000100012&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 02 de out. de 2017.

PEREIRA, C. C.; NAOUMOVA, N. Novas estratégias de intervenção nos espaços públicos urbanos: a geração de oportunidades através da intervenção de instalações artísticas na cidade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL: ESPAÇOS PÚBLICOS, 1º, Porto Alegre, 2015. **Anais eletrônicos...** Porto alegre: PUCRS, 2015, p.162-178.

RAPOPORT, A. **Aspectos Humanos de la Forma Urbana**. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

SILVA, E. L. da. Intervenções artísticas em espaços públicos e pedagogias da cidade – possibilidades de pesquisa. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 37ª, Florianópolis, 2015. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2015, p.1-18. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt24-3960.pdf>>. Acesso em 01 de ago.de 2017.

SILVA, F. P. da. **Arte Pública**: Diálogo com as comunidades. Belo Horizonte: C/Arte, 2005. 128p.

SOUZA, L. F. **Intervenções urbanas na cidade pós-moderna: Rua Trajano Reis em Curitiba**. 2012, 41p. Monografia (especialização em Comunicação, Cultura e Arte). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Paraná, 2012. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/souza-leticia-2013-intervencao-urbana-cidade.pdf>>. Acesso em 13 de dez. de 2017.

3. MANIFESTAÇÕES CRÍTICAS DOS COLETIVOS URBANOS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Resumo

Este artigo tem como objetivo criar um arcabouço teórico sobre coletivos urbanos. Utiliza-se para isso, de um recente grupo formado na cidade de Viçosa-MG, como estudo de caso: o coletivo Lupa. Pretende-se relacionar esse com a conceituação de coletivos, tendo em vista a sua formação, tipo de organização e atuação dentro dos espaços públicos. As informações coletadas sobre esse grupo foram a partir da participação e observação das reuniões e momento de intervenção no espaço público. Busca-se também com este estudo, destacar a importância dessas formações sociais coletivas, que vem ganhando relevância em várias cidades contemporâneas, a partir da contribuição na formação crítica da população em relação aos seus ambientes. A justificativa deste estudo é por ele fazer mais uma compilação das informações a respeito desses grupos recentes e demonstrar ainda, que a cidade pode ser pensada e transformada constantemente pelas práticas dos seus próprios usuários.

Palavras-chave: Coletivo urbanos, intervenções artísticas, espaço urbano.

Abstract

This article aims to create a theoretical framework about urban collectives, using for this purpose a recent group that acts in Viçosa/MG, named Lupa Collective, as a studying case. The goal of this work is to relate this studying case to the concept of collectives, taking into consideration its constitution, type of organization and activity on public spaces. The information relative to this collective had been collected by participation at meetings with Lupa and observation of its interventions. This work also intends to highlight the importance of social collectives that continues to gain great relevance in contemporary cities through contribution in critical formation of the population about the interaction between them and their environments. This study is developed as a compilation of information regarding recent groups that demonstrates that the city can be constantly managed by its user's practices.

Keywords: artistic and temporary urban intervention; public spaces; cities

3.1 Introdução

O espaço é caracterizado por um dinamismo, que é, ao mesmo tempo, a causa e o efeito das ações e reações empreendidas nele e com ele pelos seus agentes sociais, e por isso, apresenta-se em sua dimensão histórica e social como *lócus* das ações da sociedade (FREITAS e FERREIRA, 2012, p.3). Como também escreve Santos (2012, p.67) tanto a paisagem como o espaço resultam de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, sendo uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos.

Assim, os agentes sociais que atuam no e com o espaço realizam ações que não são meramente práticas espaciais sobre algo concreto, mas sobre o espaço onde acontece a vida humana, envolvendo processos sociais, como o

uso, a apropriação, a construção, empreendendo uma gama de significados, os quais dão ao espaço o sentido da vida diária. (FREITAS e FERREIRA, 2012, p.4). Estes espaços podem ser ocupados de muitas formas, sejam elas espontâneas ou planejadas, como para encontros, esportes, comércio ou ócio; esporádica ou rotineiramente; em empreendimentos de algumas horas ou de meses; com usos que dispensam a transformação física ou que, pelo contrário, a exigem. (MILAGRES, KAPP e BALTAZAR, 2010, p.2)

Dessa forma, há inúmeros bairros e vizinhanças onde os moradores tomam iniciativas e se empenham em melhorias para seus ambientes, no sentido de promoverem neles maior ocupação, apropriação e assim, fortalecendo o sentido de pertencimento e identidade. Estes indivíduos já se reconhecem como responsáveis por seus espaços e capazes de intervirem neles com a promoção de pequenos eventos, ações pontuais, que vão dar-lhes novos significados e sentidos para serem apropriados e percebidos pelos transeuntes. Muito dessas ações são expressões que envolvem o fazer artístico, reconhecidas como ferramenta de interação e transformação dos espaços, capaz de revelar as necessidades intrínsecas e as potencialidades de cada lugar.

Essas formações grupais de moradores, artistas ou outras pessoas interessadas em promoverem transformações em seus espaços públicos com o fazer artístico, podem ser reconhecidas como coletivos urbanos artísticos, objeto de estudo desta pesquisa. Eles têm surgido das contradições que se expressam no cotidiano da população na sua condição de moradores (JACOBI, 1980, p.222). É a partir de circunstâncias que a própria cidade oferece, que esses grupos pensam e produzem suas ações artísticas no espaço, como forma de resistência e transformação de situações urbanas que não estão em conformidade com as suas necessidades.

Os chamados coletivos urbanos vieram para questionar as condições em que se encontram essas áreas através de manifestações e apropriações de caráter artístico, político e urbanístico. Todos se unem em torno do mesmo ideal de gerar discussão sobre a prática de construir a cidade através de apropriações e ações imprevisíveis. Chamam a atenção dos cidadãos e atraem olhares aos espaços públicos ociosos, esquecidos pelo poder público e pela sociedade, para ressaltar o ideal de lazer, cultura e convivência em meio ao ambiente urbano.

Diante dessa contextualização, nota-se que a atuação dos coletivos urbanos é direcionada para a formação de cidades

mais inclusivas e democráticas, contra o urbanismo vigente pautado no capital. (HORI, 2017, p.4)

Os coletivos urbanos artísticos “surgem como modos de organização capazes de criar culturas defensivas diante de situações-problema vivenciadas no espaço urbano” (LIMA, 2015, p.41). São grupos de poucas pessoas, que surgem a partir de arranjos espontâneos, buscando enfrentar as dificuldades do cotidiano, a partir de intervenções artísticas e temporárias. Pallamin (2000, p.17) nomeia esse fenômeno, em que diferentes sujeitos buscam melhorias para seus ambientes de “fazer urbanística”. É para os envolvidos uma forma de contribuir com a transformação dos espaços públicos, em que se altera não somente o ambiente, como também outros indivíduos.

As intervenções realizadas por esses grupos “dirigem-se ao passante, que como observador urbano, recebe seu apelo e pode estabelecer relações diferenciadas com ela e com seus articuladores, exercitando seu senso estético e crítico”. (NARDIN e BOEL, 2013, p. 3388). Quando os agentes dos coletivos trabalham com proposições inesperadas e provocativas propõem suas indagações e suas reflexões sobre o espaço público e com isso, sugerem aos indivíduos, que tem contato com a ação, uma nova forma de enxergar e experimentar o mesmo ambiente, dando visibilidade ainda, as necessidades e potencialidades do mesmo. Estabelecem outras variações para serem interpretadas pelos transeuntes, que podem alterar alguns signos já pré-estabelecidos.

Assim, acredita-se que essas formações sociais representam outra maneira de mobilização dentro das cidades e que a partir de seus fazeres artísticos, conseguem criar novas relações espaciais e reflexões artísticas, sociais, políticas sobre os modos de vida em um espaço.

Dessa forma, desdobra-se o problema central deste estudo em uma questão que norteia o núcleo de investigação: Qual a importância destes coletivos urbanos nas cidades para a construção de uma nova relação entre sujeitos diferentes e desses com os seus espaços públicos?

Para isso, utiliza-se como estudo de caso, o coletivo Lupa. Um grupo ativo na cidade de Viçosa-MG desde 2015, que é formado por estudantes de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e que eventualmente recebe a participação de alunos de outros cursos da mesma

instituição. O grupo tem como finalidade intensificar o uso e a apropriação dos espaços públicos da cidade de atuação, com intervenções artísticas efêmeras.

Assim, esta pesquisa buscou contextualizar o coletivo Lupa com um aporte teórico sobre os coletivos artísticos. Esta construção teórica busca levantar questões a respeito das formas de atuação, de organização dos coletivos em geral e por fim, destacar a importância desses grupos na dinâmica dos espaços públicos. Ainda, o estudo procurou compreender a relação desses grupos com as cidades contemporâneas; entender a relação do coletivo Lupa com outros coletivos ou com as pessoas que tem contato com suas intervenções.

Em relação a metodologia, buscou-se fazer um levantamento a respeito das características observadas em outras bibliografias sobre os coletivos e usá-las para descrever também o coletivo Lupa, estudo de caso desta pesquisa.

As informações a respeito do coletivo em estudo foram levantadas a partir da observação participante da autora, das reuniões e dos momentos de intervenções, realizados durante os anos de 2016-17. Período que coincide com seu fortalecimento na cidade de Viçosa-MG, quando suas ideias foram postas em prática e mais pessoas passaram a conhecer e comentar a respeito de suas ações.

Durante o período de observação, o grupo definiu a forma de organização, calendário de reuniões, alguns planos de atividades, criou uma página nas redes sociais, como forma de relacionamento com a comunidade interessada em participar ou que quisesse buscar informação sobre o grupo e suas ações. Ainda, foram realizadas pelo grupo, neste período de observação, quatro intervenções artísticas e temporárias, que ajudaram na compreensão das suas repercussões perante a comunidade.

Todos os materiais produzidos pelo coletivo, como atas de reuniões, fotografias das intervenções, são armazenados virtualmente e possuem livre acesso, o que permitiu que fossem utilizados para descrever o coletivo.

A escolha do caso em estudo foi devida as ações do coletivo terem características de artísticas e temporárias e também pela facilidade encontrada pela autora em recolher as informações tanto de formação e organização do coletivo, quanto dos espaços de intervenção.

3.2 O que pretendem os coletivos urbanos artísticos nos espaços públicos?

Pode-se entender por coletivo urbano artístico como a união de “pessoas interessadas em trabalharem no cruzamento entre ações de contestação e formas artísticas não convencionais”. (GONÇALVES, 2010, p.1). Como expõe Lima (2017), esses grupos agem no sentido de promoverem uma perturbação criativa dos fluxos urbanos normatizados, a partir do questionamento do que é e da proposta do que deve e o que pode ser a vida na cidade. Normalmente, eles buscam questionar, a partir de suas intervenções artísticas e temporárias, se as condições dos espaços públicos estão adequadas as atividades que neles estão sendo desenvolvidas. Pretendem ainda, tornar esses mais amáveis, democráticos, inclusivos e assim, propícios a apropriação pelos seus usuários.

Conforme escrevem Nardin e Boel (2013, p.3395), os coletivos urbanos praticam ações que visam subverter a ordem imposta, que podem para elas, serem comparadas as ações de guerrilha, possuindo também táticas e estratégias de ataque. As autoras entendem por estratégia, nesse contexto, o objetivo da ação artística, como a mobilização de diversos grupos para alcançar a maior apropriação de espaços públicos e por tática as ações incisivas e pontuais praticadas para alcançar o objetivo, como a escolha do *design* da ação, espaços possíveis para sua realização.

Para alcançar seus propósitos então, os membros dos coletivos trabalham normalmente, com o destaque de informações presentes no cotidiano, de fácil “estranhamento”, quando diferentes do habitual. A partir de uma linguagem artística potencialmente comunicativa e efêmera no espaço, produzem temporalidades críticas sobre os espaços públicos. Apesar da brevidade das intervenções, elas são aceitas com intensa potência de transformação seja ela estética, política, social, pois como escreve Fontes (2011) elas apresentam a capacidade de deixar marcas permanentes.

Nesse sentido, Paim (2009, p.34) observa algumas consequências das ações dos coletivos. A partir de seus estudos, a autora afirma que elas são processuais, porque não são entendidas como um fato acabado, apontam caminhos, que ao serem percorridos pelos indivíduos, podem proporcionar novos significados ao espaço; são positivas por provocarem situações, experiências aos transeuntes; são inventivas por criarem outras maneiras de

fazer, de se viver, de perceber e por fim, são experimentais, considerando que são testes que podem ter grande reverberação, resultados ou não.

Nesse contexto, os agentes responsáveis pelas intervenções não almejam criar obras de arte em seu sentido tradicional, mas objetos que partem do fazer artísticos, com potencial para o estranhamento e com um viés lúdico. Esses podem também, interromper um hábito, alterar o curso de um andar, de um olhar pela cidade. (BIFF, 2011, p.33). Ou seja, os coletivos urbanos atuam a partir de ações artísticas e pontuais, conforme questões urbanas urgentes, com intuito de provocarem reflexões, outros modos de ver o mesmo espaço, que no final, podem acarretar ações mais efetivas.

Ademais, seu papel [dos ativistas] não é o de resolver problemas, mas o de chamar a atenção para eles, apresentando pequenas alternativas, denunciando grandes dilemas, propondo formas de intervenção política e reflexiva que são a um só tempo teóricas, práticas e estéticas sobre o viver urbano. A forma de atuação dos coletivos passa à margem da velha alternativa política clássica entre reformistas e revolucionários, pois se constitui em torno de atuações pontuais visando transformações também pontuais, as quais não são entendidas como mera reforma de algo dado previamente, mas como alternativa ou invenção de algo outro. (DUARTE e SANTOS, 2012, p. 43)

Duarte e Santos (2012) expõe a respeito então, dos objetivos modestos dos integrantes dos coletivos, que tem consciência que não vão realizar obras de grande porte e que nem vão ter soluções para todos problemas dos espaços urbanos, até porque não possuem estrutura para tudo isso. Atuam com poucos recursos financeiros e com restrição de aptidões entre seus integrantes, que trabalham com base no conceito de voluntariado. Para muitos dos coletivos, já é suficiente atuarem no campo de conscientização, de alerta perceptual, de proporem novas maneiras, baseadas na crítica, de enxergar o próprio espaço. Araújo (2014) também escreve a respeito das intenções modestas das intervenções temporárias nos espaços em que são instaladas:

Seria no mínimo ingênuo acreditar que intervenções efêmeras pudessem criar soluções instantâneas e transformar realidades consolidadas de problemas de ordem urbana. No momento que a intervenção é removida do local a paisagem circundante volta ao estágio inicial. Todavia, apesar desses lugares continuarem os mesmos, sua percepção se transforma, supera-se o cotidiano e cria-se uma memória coletiva em torno dele, atuando na apropriação desses espaços, criando novos cenários e tornando

visível ao cidadão comum novas possibilidades de seu uso, agregando novos valores ao local, atuando de forma gradual para melhorias urbanas. (ARAUJO, 2014, 12)

A oferta dessas novas experiências no ambiente urbano funcionaria como uma “espécie de corrente positiva em que cada espaço potencialmente atraente que se concretiza como a intervenção, cada vez mais vai estimular a sua intervenção temporária e reinvenção permanente”. (SANSÃO, 2013, p. 5). Uma ação pode reforçar outras com a mesma intenção, até se atingir o objetivo final, que pode ser, por exemplo, uma mudança de comportamento ou física de fato. Em concordância com essa ideia, Gonçalves (2010) intitula os integrantes dos coletivos urbanos como pensadores, criadores de estratégias de ação, arquitetos de atos que vão reverberar. (GONÇALVES, 2010, p. 13)

Assim, percebe-se que as ações artísticas possuem a “capacidade de reverberação importante: elas se encadeiam e podem engajar outros agentes, em outros contextos, mostrando que as ações cotidianas se interpenetram e afetam a todo instante, atingindo vários indivíduos”. (GONÇALVES, 2010, p.8). É por isso, que Paim (2009) aponta que tanto essas ações, quanto essas formações sociais apresentam mobilidade. Para a autora, podem ser reproduzidas em outros locais, pois os seus deslocamentos são permitidos pelas suas capacidades de se adaptarem à realidade do novo contexto, pelas semelhanças entre os problemas que enfrentam. Nesse sentido, “cabe ressaltar que muitas ações são constituídas em proximidade com outras lutas e reivindicações de mesma natureza – mesmo quando ocorrem em situações e lugares muito diferentes.” (LIMA, 2017, p.10).

A respeito ainda da propagação da ideia de atuação na cidade a partir de intervenções urbanas artísticas e temporárias, destaca-se o uso das redes sociais por esses grupos. Elas permitem a divulgação desses tipos de trabalhos e assim, que repitam em outros espaços que enfrentam problemas semelhantes. Além disso, ações efêmeras ganham maior tempo de duração nas redes virtuais, para que além do registro, permita que outros indivíduos tenham conhecimento da obra.

Divulgar e disponibilizar os trabalhos na internet, porém, é mais do que alargar o campo de visibilidade das ações efêmeras. Ao transportar relatos, fotografias, vídeos, textos e sensações para a rede, o artista compreende que seu trabalho existiu integralmente no momento de ocorrência da ação no espaço

público, mas que esse espaço se desdobra virtualmente. Assim, tece-se uma esfera pública conectada tanto à realidade da urbe, quanto à realidade social de nossa década – uma realidade *online*. (SAMPAIO, 2011, p.12)

Portanto, é comum os coletivos urbanos divulgarem seus trabalhos nas redes sociais para reverberarem no espaço dos meios de comunicação, construindo uma espécie de rede entre os espaços urbanos e o da mídia, ampliando em escala a experimentação desenvolvida no espaço físico, expandindo conseqüentemente a teia de interessados em participar.

A renovação das formas de engajamento e de ação política que esses grupos propõem, vai muito além de criar um coletivo composto por indivíduos com afinidades em comum, que estão em constante crescimento pelas experiências que tem junto ao coletivo. Propõe também, mobilizar mais pessoas para se juntarem na busca dos mesmos interesses e vivências ou simplesmente instigar nestes, reflexões políticas, espaciais, estéticas. “(...) suas formas de atuação política visam articular a manifestação pública de ‘quem’ são e do que querem à experiência reflexiva de autotransformação e de transformação dos outros e do mundo ao redor”. (DUARTE e SANTOS, 2012, p.44)

Todas essas experimentações da prática urbana a partir do cotidiano convidam para um debate sobre resiliência local, entendida como a capacidade dos cidadãos em lidar com os problemas e superar os obstáculos em conjunto, considerando a importância da história e dos símbolos do lugar para aquela comunidade. Ajudam ainda a pensar uma abordagem ágil e barata para a produção do espaço, que pode resultar em transformações a longo prazo ou em políticas urbanas de maior abrangência. (MAZIVIERO e ALMEIDA, 2017, p11)

Portanto, a difusão dessas novas atuações urbanas, propõe outras alternativas de planejar, discutir, construir e habitar a cidade e vêm lançando luz a temas sobre sociabilidade e construção coletiva dos espaços públicos. Refletir sobre esses temas significa notar outros modos de pensar e agir dos sujeitos que vivem no espaço público e descobrir que é possível repensar esses. É dar importância em conhecer os motivos que levam grupos de pessoas a se organizarem esporadicamente para alcançar seus objetivos em relação as melhorias da cidade. Devem ser encarados como peças-chaves dentro dos espaços públicos, pois são eles que os vivem, que fazem parte do seu cotidiano e conhecem cada ponto que deve ser mantido ou revisado.

3.3 Organização e estruturação dos coletivos urbanos artísticos

Segundo Gohn (2011) os movimentos sociais são “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas” (GOHN, 2011, p.335). Porém, os coletivos urbanos artísticos, apesar de apresentar essa característica, exibem algumas outras que não permitem enquadrá-los como apenas um movimento social ou artístico.

Lima (2017) defende que os coletivos urbanos são grupos complexos, de caráter impreciso e difuso, de difícil definição quanto aos princípios que articulam e demandas que expressam. Ele concorda que as novas ações sociais para reivindicações urbanas, desafiam as próprias noções de movimento social e ativismo. Na busca de conceituações, o mesmo autor (2017) recorre ao arcabouço teórico dos movimentos urbanos produzido em décadas recentes para tentar delimitar essas ações no tempo e espaço das cidades brasileiras (LIMA, 2017, p.3). Por fim, o autor expressa que esses novos grupos estão articulados com ideias de “novos movimentos sociais” e “novos ativismos”:

Na década de 1980, essa percepção geral começa a ser alterada pelo entendimento de que os movimentos sociais teriam sofrido inflexões consideráveis. São recorrentes as interpretações associadas às ideias de “novos movimentos urbanos” e “novos ativismos”, cada qual elegendo um ângulo particular, mas em geral referindo-se ao conteúdo das mobilizações, ao antagonista, aos pressupostos de atuação e aos direitos reivindicados. Laclau (1983) afirma que, com os “novos” movimentos, rompeu-se a unidade entre estas categorias, o que foi tornando cada vez mais impossível a tarefa de identificar um sistema ordenado e coerente que permitisse estabelecer as “posições de sujeitos” em campos de disputa. Os próprios temas a que os movimentos se referiam se tornaram difusos, sugerindo que a esfera urbana vinha acumulando crescente complexidade. Na dificuldade em atacar apenas um problema, as lutas na cidade apontavam uma tendência de vínculos ampliados, com grupos e movimentos criando solidariedades novas e deixando de lado relações mais estáveis. Segundo Gohn (2011), o paradigma dos Novos Movimentos Sociais (NMS) amplia os aspectos como identidade, autonomia e subjetividade imiscuídos às representações políticas. (LIMA, 2017, p.5)

Para Lima (2017) estes novos movimentos sociais não estão superando os movimentos existentes, há a coexistência. Todos eles exemplificam as transformações de lutas e outras tantas reformulações que surgem nesse cenário contrastado das urbes. Para ele ainda, “(...) esses grupos de pressão

despontam hoje como um movimento social urbano disperso, sem matriz de luta definida, ou base social comum, mas que vem desafiando com suas críticas os liames da ação coletiva na cidade”. (LIMA, 2017, p.14)

Já Gonçalves (2010) admite, que apesar de noções como “mobilização política”, arte urbana e ativismo se aplicarem a esses grupos, para ele também não constituem propriamente uma forma de ativismo, um movimento social ou artístico, ainda que, possam em alguns casos estarem ligados a movimentos diversos em função das ações que realizam. Para o mesmo autor,

(...) podem ser caracterizados como um “intervencionismo” que se dá em um regime de impermanência, de contrato flexível, que se distancia de formatos associativos rígidos e também da conjuração da cristalização de uma linguagem e de um modo operativo. (GONÇALVES, 2010, p.6)

Gonçalves (2010) defende que enquanto os movimentos sociais estão associados a planos, que abrangem atividades e ações a serem realizadas a longo prazo, os coletivos podem escolher atuar mais definitivamente em projetos, que consistem na sistematização de partes prevista no plano. Estão assim, mais relacionados com ações pontuais e urgentes, sejam eles de cunho artístico ou político, ainda que, às vezes, essas duas instâncias se relacionam. Hierarquicamente, o plano vem antes do projeto, pois o último trabalha com itens do outro. Ou seja, enquanto os movimentos sociais trabalham com políticas mais amplas, os coletivos trabalham com as micropolíticas. Por isso, vale ressaltar, que podem haver situações em que as intervenções dos coletivos podem conversar com alguma ideologia defendida por um movimento social.

Por fim, pode-se observar que os coletivos representam uma recente forma de mobilização urbana, pelas estruturas não burocráticas e até informais, a falta de rigidez de identidade, a adesão as ações do grupo por afinidade, que às vezes, torna a participação de alguns agentes como temporária. São formas organizadas e espontâneas forjadas num “[...] árduo e paciente ‘trabalho de formiga’, de organização e estruturação de pequenos núcleos na tentativa de enfrentar as agruras do cotidiano.” (EVERS, 1984 *apud* LIMA, 2017, p.6)

São coletivos que realizam intervenções que colocam em movimento ações muito diversas, envolvendo práticas como ocupações, derivas urbanas e interferências nos lugares, portanto, raramente recorrem às formas tradicionais de protesto

– como as passeatas, por exemplo. Esses coletivos encaram os espaços públicos como fonte e principal foco de suas inquietações, investem em práticas autogestionárias e colaborativas e reúnem baixo número de participantes – na casa das dezenas. Mas vêm conseguindo mobilizar campos significativos da sociedade a respeito dos temas que disputam. Possuem base social diversa e não se apresentam essencialmente como uma luta popular, de modo que não se presume uma identidade comum e relativamente estável entre seus integrantes. Isoladamente, não chegam a ser representativos, mas se tomados em seu conjunto ajudam a compreender novos contornos na topografia dos protestos urbanos. (LIMA, 2017, p.3)

Dessa forma, esses movimentos privilegiam em seus planos organizacionais, “(...) formas autogestionárias, onde as ações coletivas ocorrem sem que seja atribuída clara definição do papel de cada integrante, sendo suas posições e competências cambiáveis no decorrer do processo contencioso”. (LARAÑA, JOHNSTON e GUSFIELD, 1994, p.7-8 *apud* LIMA, 2017, p.6). Na maioria das vezes, como o processo de mobilização é muito rápido, pela urgência dos projetos que trabalham, os indivíduos ao se envolverem com o coletivo, já aparecem com ideias e materiais direcionados para onde querem operar. Ainda, durante o planejamento e a execução da ação, cada integrante ajuda conforme pode e no final, ela acontece como um projeto colaborativo.

Dessa forma, na maioria das vezes, devido a necessidade de rapidez de trocas de informação entre diversas pessoas, é nas redes sociais também que são construídas zonas de colaboração, onde os agentes se envolvem com ideias, debates, trocam experiências, planejam e organizam a ação em conjunto. Para esses coletivos artísticos eventos, reuniões com moradores, encontros com passantes (espaços presenciais), *blogs* e listas de discussão na *internet* (espaço virtual) aparentemente têm o mesmo *status* ou mesma importância de viabilizar encontros e enfrentamentos (GONÇALVES, 2010, p.14).

Ao adotarem os espaços virtuais colaborativamente para discussões, para se organizarem, permitindo que as pessoas contribuam da forma que podem e em conjunto, sem classificações de competências, esses grupos já revelam a repulsa que manifestam em relação às hegemonias, em aspecto sólido e hierarquicamente estabelecido (LIMA, 2017, p.7). Portanto, definem fazeres que não obedecem a decisões tomadas por um núcleo fechado, são descentralizados, não-hierarquizados e compositivos de muitas falas.

Ainda, a respeito da forma de organização, os coletivos artísticos se formam por afinidades ideológicas, como escreve Gonçalves (2010):

As “obras-ações” surgidas nesse contexto costumam ser realizadas segundo o princípio da “afinidade específica e temporária”: membros de um grupo podem participar de mais de um projeto, inclusive do de outros coletivos. É o funcionamento “conexionista” e “reticular” da organização em rede, da qual essas práticas são um exemplo e, ao mesmo tempo, a base dessas formas de criação e de mobilização social. (GONÇALVES, 2010, p.6)

Os integrantes dos coletivos se unem a partir de afinidades ideológicas específicas, porque normalmente suas participações não são em todos os projetos. Observa-se que esses grupos são estruturalmente nômades, onde seus membros unem-se apenas em função de ações concretas e imediatas, em que se reconhecem e apresentam certa afinidade. Ou seja, só se envolvem com uma situação a ser trabalhada pelo grupo, se admitem que aquela também lhe afeta e é necessária.

Assim, os coletivos se estruturam para aquele fim específico e em seguida, podem se refazer até mesmo com novos participantes em função de um outro projeto ou ainda, podem se decompor para, logo adiante, seus componentes se agruparem em outras formações. Paim (2009) aceita também a ideia de que alguns coletivos “(...) possuem uma formação fixa e determinada internamente, outros um núcleo central em torno do qual se agregam distintos parceiros de acordo com os projetos em execução” (PAIM, 2009, p.11-12), que de toda forma, possibilita aos integrantes do coletivo escolherem atuar em uma ação ou não.

Nessa mesma perspectiva, Gonçalves (2010) escreve que esses grupos possuem uma forma operativa na qual as suas práticas “são elas próprias muitas vezes a extensão ou a constituição mesma de uma rede: rede de ações, atores, situações e momentos, que se enredam e produzem, no instante, uma potência” (GONÇALVES, 2010, p.4-5) (Figura 06).

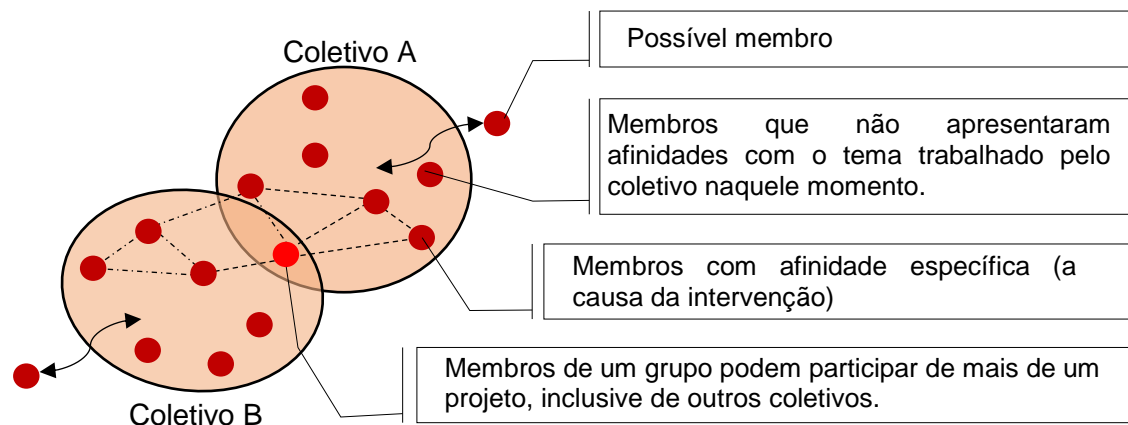


Figura 06- Representação da formação em rede dos coletivos urbanos. Elaborado pela autora, 2017.

Gonçalves (2010) ainda caracteriza as ações dos coletivos urbanos artísticos como uma lógica de ação reticular e conexcionista, por essa capacidade de unirem várias disputas em um mesmo grupo, vários autores e permitirem com facilidade, trocas de informações entre indivíduos diferentes.

Ainda, como o objetivo em luta em cada ação a ser executada, se torna próprio a cada um que escolheu participar, pois entendem como pertencentes àquela realidade, Gonçalves (2010) defende que “o emocional e a partilha dos sentimentos regem os encontros, formam e cimentam os laços sociais e forjam o sentido de pertencimento de grupo” (GONÇALVES, 2010, p.6). Nesse mesmo sentido, Paim (2009) afirma que “a amizade tem um papel aglutinador entre os participantes do coletivo” (PAIM, 2009, p.18). A explicação é porque os agentes de intervenção se relacionam segundo a lógica de rede, onde as ações e os atores são temporários e tudo acontece muito rápido. Tal fato, não permite que criem o sentido de um grupo duradouro e com uma única identidade de luta, o que, ao contrário, seria um dos motivos responsáveis em aglutinar sempre as mesmas pessoas em todas as ações.

Nesse sentido, sabe-se que ao considerar “(...)a identidade ideológica coletiva, existem dentro desses grupos diferentes ideologias, desejos e anseios individuais com suas diferentes temporalidades, marcas culturais e criações específicas, entretanto, convergem, para a que os une”. (NARDIN e BOEL, 2013, p.3395). Em concordância, Lima (2017) expõe que então “não há possibilidade de delimitar, e presumir identidade comum entre seus integrantes, ela é sugerida pela proximidade dos problemas que enfrentam” (LIMA, 2017, p.14) naquele momento específico de cada ação. Por isso, o grupo é formado a todo tempo,

por diferentes autores e sempre vão existir dentro desse coletivo maior, núcleos com interesses diversos, mas que se relacionam segundo os interesses em comum em pauta.

Portanto, de uma forma geral, “coletivos são agrupamento de artistas ou multidisciplinares que, sob um mesmo nome, atuam propositalmente de forma conjunta, criativa, autoconsciente e não hierárquica”. (PAIM, 2009, p.11). Como escreve Gonçalves (2010, p.4), o que leva a maioria das pessoas a participarem são as ações. Dessa forma, são constituídos então, por atores diversos e não necessariamente no formato de uma organização formal e centralizada.

Ainda sobre essa formação heterogênea dos coletivos urbanos, que não permite definir uma única identidade luta, observa-se que é ela que garante também, que as discussões dentro do coletivo se tornem mais ricas, no sentido de existir uma pluralidade de ideias. Cada integrante tem uma perspectiva sobre o espaço em que vive, e assim, traz para o grupo tópicos diversos para discutirem e atuarem. No final, os temas propostos recebem apoio de outros membros, que colaboram para que eles se realizem de fato. Dessa forma, é essa multiplicidade de atores que permite dizer, que “os coletivos urbanos se caracterizam pela pluralidade de ideias e valores cuja consequência é a contínua elaboração de novas identidades e conteúdo de luta”. (LIMA, 2017, p.6).

É da composição de um lugar de discussão que os indivíduos revelam conexões, diálogos e tensões com os espaços públicos. Realçam a percepção destes a partir de uma geografia coletiva (BERTUCCI, 2015, p.24). Sendo assim, esses grupos só existem, sobretudo, no momento em que criam espaços de discussão e de atuação coletiva. (DUARTE e SANTOS, 2012, p.41).

A formação desses grupos de discussão e atuação coletiva permite que energias sociais antes dispersas sejam canalizadas e potencializadas por meio de suas práticas em fazeres propositivos (GOHN, 2011, p.336), os quais tem como intuito atingir as mudanças em relação aos pontos revelados nas suas discussões. Os coletivos urbanos são, portanto, pontos de encontros, onde os indivíduos com os mesmos interesses têm a chance de unirem forças para alcançar objetivos em comum.

Além disso, “ao realizar essas ações, projetam em seus participantes sentimentos de pertencimento social” (GOHN, 2011, p.336), que contribuem para a busca constante de cada um, de contribuir cada vez mais e da melhor forma com a melhoria dos seus ambientes. Ou seja, os coletivos conseguem

apresentar todos os agentes sociais envolvidos como responsáveis pelos seus espaços e capazes de eles mesmos provocarem as transformações necessárias, baseado na cultura do *DIY- “Do it Yourself”*.

A cultura DIY diz ‘não’ a ideia de que há uma resposta estabelecida, e ‘sim’ ao empoderamento individual para em favor do desenvolvimento. “(...) a ética do *Do It Yourself* busca vencer a ideia de que proverão por nós. Nós proveremos por nós mesmos, por meio da educação mútua, das decisões tomadas no coletivo. Encaixa-se em um conceito mais abrangente de uma sociedade ideal” (CARLSSON, 2008).

Dessa maneira, se as ações dos cidadãos forem devidamente fomentadas e administradas, as comunidades podem canalizar a energia dos indivíduos, que querem fazer a diferença, para assim, fortalecer ainda mais os seus vínculos com os espaços públicos, através de uma cultura proativa pelo cuidado. Altera-se com isso, positivamente, a relação do cidadão com a realidade espacial de suas cidades, a partir do estímulo de um sentimento de cuidado e identificação. Nesse sentido, ao indivíduo escolher então, fazer parte de um coletivo urbano, deixa de ser um mero usuário, expectador dos espaços públicos e passa a ser um agente ativo, participante.

Por fim, após o levantamento teórico a respeito dos coletivos urbanos, sobre suas formas de atuação, organização e operação, busca-se no próximo tópico fazer uma correlação com o que é também analisado no coletivo Lupa, ao mesmo tempo que descreve suas características. Para maior entendimento, apresenta-se um quadro resumo com as constantes observadas nas referências citadas acima.

Quadro I: Resumo das constantes observadas nos coletivos urbanos artísticos.

	Produzem ações efêmeras em constantes mutações, contínuos deslocamentos (PAIM, 2009);
Atuação	São ações processuais, positivas, inventivas e experimentais (PAIM, 2009);
	As ações tomam o espaço como elemento de trabalho; Projetos pontuais.
	O intuito do grupo é propor a saída da rigidez das ideias prontas e revelam outras possibilidades (PAIM, 2009);
Estrutura/organização	Fazeres que não obedecem a decisões tomadas por um núcleo fechado, são descentralizados e compositivos de muitas falas (PAIM, 2009);
	Sem matriz de luta definida (LIMA, 2017; GONÇALVES, 2010);

não-hierarquizados; (GONÇALVES, 2010)

Podem ter mobilidade (PAIM, 2009);

Formação em rede (GONÇALVES, 2010);

Os membros do coletivo se relacionam segundo uma lógica de afinidade específica (GONÇALVES, 2010);

Utilizam auto-organização e são auto gestores. Também são modos de fazer desburocratizados e rápidos (PAIM, 2009; GONÇALVES, 2010);

Contam com autoria coletiva em, pelo menos, algumas etapas do projeto (PAIM, 2009);

Usam o ciberespaço como espaço de prática ou como meio para sua organização ou difusão (PAIM, 2009);

Podem ser organizados por coletivos de artistas ou como formação heterogênea (PAIM, 2009; GONÇALVES,2010).

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

3.4 O coletivo LUPA

Em relação a formação, o coletivo Lupa é um grupo de alunos de Arquitetura e Urbanismo, que se encontram em diferentes períodos letivos da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e recebe eventualmente, até o momento de observação, a participação de alunos de outros cursos da mesma instituição. Muitos desses estudantes estão envolvidos com pesquisas, projetos relacionados com diversas áreas de conhecimento ou com outras mobilizações sociais referentes às causas urbanas, sociais, culturais e isso faz com que o Lupa abarque uma pluralidade de ideias e valores.

Assim, o coletivo demonstra ter uma formação heterogênea, que permite a circulação em suas discussões, de pensamentos e conhecimentos bem diversificados. Procuram discutir sobre problemas ambientais, sociais, culturais, políticos, como a falta de lixeiras ou mais árvores pela cidade, problemas de mobilidade, resgate histórico-patrimonial e atuam conforme a urgência de cada caso debatido. Dessa forma, é difícil definir uma identidade de luta para o grupo, assim como acontece com outros coletivos, como defende Lima (2017).

A formação do grupo é desde 2015, e seus integrantes atuam com poucos recursos, até porque são todos estudantes. Quando iniciaram as mobilizações para que surgisse o grupo, eram poucos alunos interessados em participar das ideias do coletivo, na média de seis alunos. No ano de 2016, dezessete integrantes e em 2017, treze indivíduos se reconheciam como membros do coletivo Lupa, isso sem considerar as participações eventuais. Paim (2009) escreve que os coletivos podem ter um “núcleo central em torno do qual se

agregam distintos parceiros de acordo com os projetos em execução” (PAIM, 2009, p.11-12) e a mesma ideia se aplica ao grupo em estudo. Assim, é bom ressaltar, que nem todos os indivíduos continuaram como participantes do primeiro até o último ano de observação do Lupa para esta pesquisa e ainda, nem todos membros participaram de todas as etapas para a realização de uma intervenção. A participação desses no grupo varia de acordo com a disponibilidade de horário para as reuniões, definido muito pela carga horária do período letivo a ser cursado por cada um ou pela afinidade com a intervenção a ser realizada. Ou seja, há uma sazonalidade de participação dos integrantes do coletivo Lupa, o que permite identificar a lógica de produção em rede, como é sugerido por Gonçalves (2010), onde variam os seus atores, as suas ações, as situações trabalhadas e as experiências.

Como já mencionado, as mobilizações do coletivo Lupa começaram a partir de reuniões com um pequeno número de pessoas. Nestes encontros as discussões foram sobre as experiências de alguns membros em outros coletivos ou sobre o que alguns já haviam estudado sobre essas formações sociais. Ainda foram levantados pensamentos e visões de cada integrante sobre os problemas que vivenciavam na cidade, que lhes permitiam a definição de alguns planos de ações com as intervenções artísticas.

Dessa forma, a ideia de atuação coletiva, para chamar a atenção dos problemas urbanos de Viçosa surgiu no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFV, a partir do momento que alguns alunos que participaram de outros grupos de mesmo caráter em outras cidades, relataram como foram suas experiências positivas e os resultados satisfatórios que alcançaram. Os relatos contagiaram outros alunos, interessados em obter os mesmos efeitos na cidade de Viçosa. Ainda, esses receberam apoio de alguns professores do mesmo departamento, que já realizavam estudos sobre esse novo tipo de mobilização.

É importante destacar que a maioria desses integrantes, que repassavam seus conhecimentos alcançados em outros grupos, vieram de cidades de portes maiores, como São Paulo e Belo Horizonte, onde os coletivos urbanos têm maior efervescência. Já os outros integrantes, que apoiaram a ideia de formar o coletivo, além de escolherem serem agentes ativos em Viçosa, se tornam capaz de também repassarem o conceito de coletivos urbanos para outros indivíduos ou de até atuarem em outras cidades. Assim, o coletivo Lupa é consequência da divulgação de experiências em outros coletivos e na mesma perspectiva, seus

integrantes podem também motivar o surgimento de outros novos, em lugares diferentes. Como afirma Gonçalves (2010, p.8) os coletivos têm a capacidade de reverberarem e criarem uma rede entre os ambientes urbanos, que expandem consequentemente a teia de participantes engajados ativamente com temas urbanos.

A escolha do nome do Coletivo foi inspirada na sua intenção de atuação na cidade. Dessa forma, assim como uma lupa tem a função de aumentar aquilo que a visão já não consegue mais enxergar, o Coletivo queria dar ênfase a pontos problemáticos dentro da cidade. Tornar visível uma realidade que os olhos dos cidadãos já não notam mais, seja por costume, por falta de tempo, de interesse ou até mesmo, por falta de maiores relações com os espaços ou entre os indivíduos.

Para isso, os alunos reconhecem o fazer artístico como potência comunicativa dentro do espaço urbano e toma ele como eixo norteador das suas ações e atividades dentro do coletivo. Acreditam ainda, que ações efêmeras, tem a capacidade de provocar maior “estranhamento” da obra na paisagem e entre os indivíduos que tem contato com a mesma.

Dessa forma, os integrantes do Coletivo Lupa, assim como outros grupos de mesmo caráter, não estão interessados em resolver problemas, mas chamar atenção para aqueles que passam despercebidos pelos transeuntes nos espaços públicos e que de tão rotineiro, passam a ser aceitos como a única possibilidade para aquela situação. Para isso, apresentam suas ações com táticas e estratégias de ataque, como defende Nardin e Boel (2013). Nesse caso, por estratégia entende-se o objetivo das suas intervenções urbanas de despertarem olhares críticos em relação aos espaços públicos: a busca do engajamento de mais pessoas na causa e também o incentivo de maiores relações interpessoais. Como táticas, tem-se as próprias experiências que essas ações oferecem, que são capazes a partir de suas características delineadas pelos membros do coletivo, interferir no espaço e na percepção dos indivíduos, que tem contato com a ação.

Durante o período de observação foram realizadas quatro intervenções nos espaços de interesse do coletivo Lupa. São intervenções que utilizam modos próprios de fazer e que apresentam propósitos diferentes. Sendo que, em todos os casos elas incentivam relações, seja entre indivíduos diferentes ou desses com o próprio espaço. Ainda, algumas das intervenções expressam a vontade

de incentivar que as pessoas observem seus espaços de outras formas. Todas estas questões de intervenção foram sugestões de algum membro dentro do coletivo, que recebeu apoio e ajuda de outros integrantes interessados nos propósitos da ação.

Nesse sentido, a primeira intervenção realizada pelo grupo, foi colocar uma faixa de pedestre itinerante, feita em lona, onde ela era necessária pelo grande fluxo de pedestre e não estava demarcada na via (Figura 07). A segunda foi colar pequenos adesivos próximos aos buracos nas calçadas, que remetiam a curativos. Uma intervenção titulada de curativos urbanos, que já aconteceu em outros lugares devido principalmente, a sua divulgação nas redes sociais (Figura 08). A terceira foi espalhar pela Universidade Federal de Viçosa, em pontos de espera como parada de ônibus, *hall* de departamentos e da biblioteca central, pequenas caixas que continham bilhetes com mensagens motivadoras. A sugestão era que as pessoas também deixassem um bilhete, quando pegasse um outro. Esperava-se que os indivíduos interagissem e criassem relações entre eles (Figura 09). A última intervenção observada foi a colagem de fitas adesivas, demarcando o caminho de uma fila no restaurante universitário, a qual é confusa em horários de grande movimento de estudantes no local (Figura 10).



Figura 07- Intervenção da faixa de pedestre/ Figura 08 -Intervenção dos curativos urbanos/
Figura 09 - Intervenção dos bilhetes/ Figura 10 -Intervenção Fila do R.U. Fonte: Acervo do Coletivo Lupa, 2016-17

Na primeira intervenção, um número considerável de passantes sentiu à vontade em atravessar a rua pela faixa itinerante, assim como os motoristas respeitaram a sinalização temporária. A intervenção dos curativos urbanos teve uma grande repercussão nas redes virtuais de comunicação, embora, nas ruas os adesivos se mantiveram por menos tempo que o planejado pelo coletivo. A ação dos bilhetes foi elogiada por vários indivíduos nas redes sociais e as suas caixas mantiveram um fluxo contínuo de mensagens. A intervenção na fila do restaurante universitário foi elogiada pelos passantes e usuários do espaço, mas apenas em alguns dias a demarcação da fila foi respeitada.

Portanto, de forma geral, as intervenções realizadas no período de observação, repercutiram da forma positiva e algumas surpreenderam os integrantes do coletivo Lupa com os seus resultados, como foi o caso da intervenção da faixa de pedestre e a dos bilhetes nos pontos de espera. Várias pessoas, que tiveram contato com as ações, realçaram reflexões, críticas e sentimentos em relação a atuação do coletivo e muitas delas também, sentiram à vontade em participar e interagir com a ação, além de mostrarem interesse em conhecer melhor essa forma de mobilização (Ver figuras 11, 12 e 13).

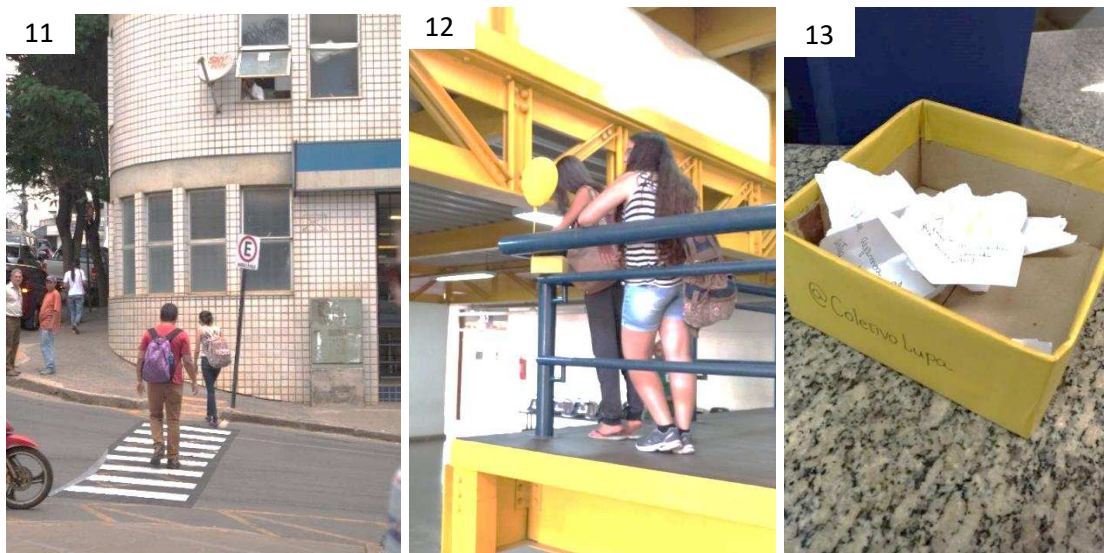


Figura 11 – Interação com a faixa de pedestre itinerante ao atravessá-la / Figura 12 – Interação com a intervenção dos bilhetes/ Figura 13 – Bilhetes depositados por outros indivíduos. Fonte: Acervo do coletivo Lupa, 2016-17

A intervenção dos curativos urbanos, por exemplo, mostra que o Lupa mantém afinidades e relações com ideias de outros coletivos, ao promover em Viçosa uma ação que também aconteceu em outras cidades, por outros grupos. O que exemplifica também o conceito apresentado por Paim (2009), de

mobilidade das intervenções dos coletivos, que podem se adaptar e acontecer em outros contextos, pela proximidade entre seus problemas. No caso dessa intervenção ainda, as redes sociais foram as responsáveis para sua divulgação e assim, difusão nos espaços onde ocorreram, assim como na cidade de Viçosa.

Observa-se então, que essas redes virtuais de comunicação são também instrumentos utilizados pelo Coletivo Lupa para se manter atualizado em relação as ações de outros grupos. Essas oferecem inspirações para algumas de suas intervenções, já que algumas cidades apresentam dificuldades semelhantes aos de Viçosa. Esses meios virtuais também oferecem a oportunidade de publicação dos trabalhos do Lupa, importante para repassarem como foi a experiência para outras pessoas, que não tiveram a oportunidade de ver a obra. Além disso, é a partir dessa iniciativa, que passam a ter conhecimento sobre as críticas dos indivíduos, que se sentem à vontade em se expressarem, em relação as suas intervenções artísticas. O que contribui para que os membros do coletivo percebam qual foi a repercussão das suas atuações dentro dos espaços trabalhados e assim, se alcançaram o que esperavam.

Quando a intervenção dos curativos urbanos foi realizada em Viçosa e teve os seus registros fotográficos publicados nas redes sociais de alguns integrantes do coletivo Lupa por exemplo, observou-se pelos comentários de outros indivíduos, que esses se sentiram empolgados em realizar a mesma ação em suas cidades, que enfrentavam o mesmo problema realçado na intervenção. Dessa forma observa-se, que pessoas com contato direto com os integrantes do Lupa, já foram contagiadas com ideias de ações coletivas para melhoria de seus espaços públicos.

Ressalta-se então, que os coletivos urbanos podem ganhar forças como forma de resistência às situações problemáticas, se espalhando para outras cidades, até mesmo as menores, como já exemplifica Viçosa². Uma cidade universitária, de médio porte, pertencente ao interior do estado de Minas Gerais e que, assim como as grandes cidades, apresenta dificuldades urbanas, seja na área de mobilidade, de preservação ambiental e desvalorização dos sítios patrimoniais em favor da especulação imobiliária. São esses problemas que oferecem, tanto a outros coletivos como ao Lupa, a oportunidades para atuação.

² “Viçosa é um município de médio porte localizado na Zona da Mata mineira, e possui aproximadamente 77.502 habitantes (IBGE, 2014) e uma população “flutuante” estimada em quase 20 mil pessoas que migram para a cidade devido à existência de instituições de ensino superior”. (MARIA; FARIA e STEPHAN, 2014, p.38)

Tal fato vai de acordo com o que afirma Lima (2017), que as ações dos coletivos urbanos são organizadas em proximidade com lutas e reivindicações de mesma natureza em outros espaços pela semelhança de alguns de seus problemas.

Em relação ao modo de reunir esforços para as ações do coletivo Lupa, destaca-se que tudo que é executado parte de uma discussão coletiva, apesar de existir dentro do Lupa, grupos menores assumindo tarefas específicas para que seus propósitos aconteçam. Assim, a organização do Lupa se dá de forma descentralizada, operada por vários núcleos mobilizados. Esses determinam uma das responsabilidades de cada membro dentro do coletivo e são constituídos por quantos integrantes se sentirem à vontade com aquela função. Estes núcleos definem encargos como a divulgação dos trabalhos e do grupo, principalmente pelas redes sociais, controle financeiro e aquisição de materiais, planejamento das ações e redação das atas das reuniões.

Além dessas funções, cada membro do coletivo colabora com o que pode para a realização ou produção da intervenção artística, seja ao recortar, desenhar, colar, ou dispor de materiais. A forma de organização é sem o estabelecimento de hierarquias das competências, mesmo existindo os “núcleos” definidos, pois os membros podem escolher realizar as funções que lhes são atribuídas ou não. E ainda existe um sentido horizontal de trocas de informações e de tomada de decisão dentro do grupo, pois realizam uma reunião para qualquer atitude ou deliberação a ser adotada, para que ela seja assumida em conjunto. Assim, nenhum membro se reconhece como líder dentro do grupo e participam aqueles que tem interesse e podem ajudar de alguma forma.

Para escolha de lugares da cidade onde suas ações são de necessidade maior, antes da efetivação da intervenção, eles realizam entre a população estudos de percepção, a partir de instrumentos como questionários, entrevistas ou apenas notam a precisão de intervirem pela observação do espaço.

O fato dos membros do Coletivo morarem na cidade de Viçosa, alguns por mais tempo que outros, possibilita a eles a vivência dos problemas urbanos da cidade e por isso, são capazes de reconhecerem criticamente os que atingem com mais frequência os espaços públicos e que precisam por isso, serem mais realçados.

Em algumas disciplinas da grade curricular do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFV, os alunos envolvidos no Lupa, são também orientados em relação ao planejamento de intervenções urbanas, a identificarem os problemas,

a proporem modificações aos espaços conforme as exigências dos seus usuários e ainda, tomam conhecimento sobre as políticas do direito à cidade. Todos esses fatores contribuem para a melhor implantação de suas ações nos espaços públicos. E se observar de forma inversa, suas atuações nos ambientes públicos lhes garantem vivências práticas do que aprendem na teoria, dentro das salas de aula, o que os preparam como futuros profissionais da área.

Após decidirem qual questão é mais emergente a ser trabalhada e quais os locais de intervenção, procuram elaborar a ação. A preocupação maior é que esta seja realizada a partir de materiais removíveis, que torna a ação efêmera e com maior capacidade de provocar o “estranhamento” entre os transeuntes.

Os integrantes do coletivo se reúnem também para discutirem sobre outras experiências artísticas e coletivas realizadas em outras cidades, a fim de engajar outros participantes. Além disso, fundamentam teoricamente suas intervenções.

Por fim, como a movimentação para que surgisse o coletivo Lupa iniciou-se recentemente, suas atuações abrangem até 2017, apenas a área central de Viçosa e conta prioritariamente com alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo e sem a participação da população “não-universitária” de Viçosa, ainda, que o interesse do grupo seja o contrário. A aposta é que com o tempo o grupo ganhará mais realce e passará a contar com a participação desses outros indivíduos, garantindo ainda maior diversidade de opiniões nas discussões.

3.5 Considerações finais

Após este estudo, considera-se então, a respeito de como estas mobilizações de cunho artístico, cultural e político estão repercutindo de forma positiva nos locais onde ocorrem, principalmente em grandes centros urbanos e assim como consequência, observa-se que estão se espalhando para outras localidades de portes menores, como ocorre na cidade de Viçosa, com a formação do coletivo Lupa.

Assim como ocorreu em Viçosa, as pessoas observam os efeitos satisfatórios das ações artísticas nas cidades, interessam pelos seus aspectos lúdicos de trabalharem questões urbanas e são motivadas a repetirem as intervenções em outros espaços, com intuito de alcançar os mesmos resultados. Em comprovação que estão formando uma rede positiva de ações, onde cada vez mais, os indivíduos estão sendo provocados a saírem da inércia, pela

relevância que alguns espaços estão ganhando com a presença das intervenções artísticas.

Como a dinâmica da cidade é pertinente a todos os que convivem com as consequências de suas transformações, os movimentos dos coletivos urbanos surgem como um fazer artístico, que propõe interatividade, ao envolver o cidadão como responsável em potencial, a partir de uma análise crítica e pessoal da cidade. Observa-se assim, que os coletivos são capazes de instigar a consciência das pessoas como participantes, e não apenas usuárias.

Dessa forma, algumas pessoas estão tomando consciência de que podem provocar transformações nos seus ambientes, conforme as suas necessidades. O surgimento dos coletivos urbanos desmistifica assim, que o poder público é o único agente transformador dos espaços públicos e traz à tona a ideia de que qualquer indivíduo pode se apropriar mesmo temporariamente, de um determinado espaço, exatamente pela sua essência de ser público, podendo expressar o que idealiza para ele.

Nesse sentido, as experiências dos integrantes do coletivo Lupa já lhe garantem a existência de uma nova forma de atuação dentro do espaço público, ligadas a ações simples, modestas e ainda que efêmeras, com grande potencial de alcançar resultados no sentido de transformação da percepção de outros indivíduos em relação aos ambientes.

3.6 Referências

ARAUJO, C. de S. M. A contribuição de manifestações temporárias no Contexto de paisagens urbanas e culturais. In: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO, PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO, DESAFIOS E PERSPECTIVAS, 3º, 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: [s.n.], 2014. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/trabalho/389/a-contribuicao-de-manifestacoes-temporarias-no-contexto-de-paisagens-urbanas-e-culturais>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

BERTUCCI, P. M. **Intervenção Urbana, São Paulo (1978-1982): O espaço da cidade e os coletivos de arte independente Viajou Sem Passaporte e 3Nós3**. 2015. 166 f. Dissertação (mestrado em Artes Cênicas). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BIFF, V. L. **Intervenção urbana e o espaço da arte na cidade de Criciúma/SC: olhares, perspectivas e (im)posições**. 2011. 94p. Trabalho de conclusão de curso (bacharel em artes visuais). Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Santa Catarina, 2011.

CARLSSON, Chris. **Nowtopia: how pirate programmers, outlaw bicyclists, and vacant-lot ardeners are inventing the future today**. K PRESS: USA, 2008.

DUARTE, A.; SANTOS, R. P. A cidade como espaço de intervenção dos coletivos: resistência e novas formas de vida urbana. **Revista Ecopolítica**, São Paulo, v. 4, p.33-54, 2012. Disponível em: <www.revistas.pucsp.br/ecopolitic>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

EVERS, T. Identidade, a Face Oculta dos Novos Movimentos Sociais. **Novos Estudos-Cebrap**. vol. 2, nº 4. 1984.

FREITAS, T. M.; FERREIRA, C. L. A produção do espaço urbano: formação de território e governança urbana, o caso da quadra 50 da cidade Gama – DF. In: Anais do Circuito de Debates Acadêmicos: programas e resumos, nº 1, 2012, Brasília. **Anais...** Brasília: Ipea, 2012. p. 1-13.

FONTES, A. S. **Intervenções temporárias, marcas permanentes**: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades. Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2011, 256p.

GOHN, M. da G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p.333-512, mai-ago./2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

GONÇALVES, F. do N. Poéticas políticas, políticas poéticas: comunicação e sociabilidade nos coletivos artísticos brasileiros. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, v.13, n.1, p.1-14, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:pMYHnYyEXr8J:www.comp.os.org.br/seer/index.php/e-compos/article/download/459/428+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

HORI, P. Os Coletivos Urbanos da cidade de São Paulo: ações e reações. In: ENANPUR, 17º, São Paulo, 2017. **Anais eletrônicos...** São Paulo: [s.n.], 2017, p.1-17. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%206/ST%206.11/ST%206.11-15.pdf>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

JACOBI, P. R. Movimentos sociais urbanos no Brasil. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais - BIB**, Rio de Janeiro, n. 09, p.221-236, 1980. Disponível em: <<http://anpocs.org/index.php/universo/acervo/biblioteca/periodicos/bib/bib-09/336-movimentos-sociais-urbanos-no-brasil/file>>. Acesso dia 01 de set. de 2017.

LACLAU, E. **Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social**. 1985. Conferência. Disponível em:

<anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_02/rbcs02_04>. Acesso em 28 de nov. de 2017.

LARAÑA, E.; JOHNSTON, H.; GUSFIELD J. R. **New Social Movements: From Ideology to Identity**. Filadélfia: Temple Un. Press, 1994.

LIMA, C. H. M. de. A cidade em movimento: práticas Insurgentes no ambiente urbano. **Oculum ensaios**, Campinas, SP, v. 12, n.1, p.39-48, jan-jun/ 2015. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/2711/1937>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

LIMA, C. H. M. de. A nuvem e a rua: novos movimentos urbanos nas metrópoles brasileiras. In: ENANPUR, 17º, São Paulo, 2017. **Anais eletrônicos...** São Paulo: [s.n.], 2017, p.1-17. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%209/ST%209.2/ST%209.2-01.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2017.

MARIA, A. C. de S.; FARIA, T. C. de A.; STEPHAN, I. I. C. Um retrato da evolução urbana de Viçosa-MG: impactos da federalização da UFV sobre a cidade (1969-2014). **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**. Curitiba, v. 3, n. 1, jan./jul. 2014, p. 37-54.

MAZIVIERO, M. C.; ALMEIDA, E. de. Urbanismo Insurgente: ações recentes de coletivos urbanos resignificando o espaço público na cidade de São Paulo. In: ENANPUR, 17º, São Paulo, 2017. **Anais eletrônicos**. São Paulo: [s.n.], 2017, p.1-17. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%206/ST%206.1/ST%206.1-04.pdf>. Acesso em 01 de agosto de 2017

MILAGRES, L.; KAPP, S.; BALTAZAR, A. P. A produção do espaço cotidiano de uso público. **VIRUS**, São Carlos, n.4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=4&item=7&lang=pt>>. Acesso em: 05-12-2017.

NARDIN, H. O.; BOEL, A. R. As artes visuais no contexto urbano: a estética de ciberatrapalhões. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS - ANPAP. 22º, BELÉM, 2013. **Anais Eletrônicos...** Belém: [s.n.], 2013, p.1-13. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/simposios/08/Heliana%20Ometto%20Nardin%20e%20Andressa%20Rezende%20Boel.pdf>>. Acesso em 29 de agosto de 2017.

PAIM, C. T. **Coletivos e iniciativas coletivas: Modos de fazer na América Latina contemporânea**. 2009. 294 f. Tese (doutorado em Artes Visuais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2009.

PALLAMIN, Vera Maria. **Arte urbana**. São Paulo: Fapesp, 2000. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/fau/ensino/docentes/deptecnologia/v_pallamin/arte_urbana_livro.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2013.

SAMPAIO, A. M. M. Arte, cidade, esfera pública: ações efêmeras no espaço urbano. In: FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE, 8º, 2011, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: ArtEmbap, 2011. Disponível em: <http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/Forum/Anais_VIII/005_Anne_Marie_Sampaio.pdf>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANSÃO, A. Intervenções temporárias no Rio de Janeiro contemporâneo: novas formas de usar a cidade. **Vitruvius**, São Paulo. n. 154. 2013. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.154/4678>>. Acesso em 02 de set. de 2017.

4. AS INTERVENÇÕES TEMPORÁRIAS DO COLETIVO LUPA E AS SUAS INTERFERÊNCIAS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Resumo

O presente artigo é resultado de um estudo sobre a experiência de intervir do coletivo Lupa, atuante dentro de Viçosa – MG. O objetivo é investigar se as intervenções realizadas por esse grupo conseguiram interferir no cotidiano dos espaços públicos da cidade. A análise foi a partir de registros fotográficos e das respostas a um questionário, pelos membros do coletivo, voltado para duas ações que realizaram. Esses questionários buscaram coletar informações a respeito de suas percepções de como ocorreram essas ações no espaço, enfatizando as mudanças de comportamento, a interação dos passantes com o ambiente, com os elementos artísticos e com o coletivo. As informações obtidas foram organizadas nesse trabalho de acordo as oito dimensões das intervenções temporárias, defendidas por Fontes (2012b).

Palavras chaves: intervenções urbanas temporárias; coletivos urbanos; cidade.

Abstract

This article is the result of a study about the experience of intervening in the collective Lupa, operating within Viçosa - MG. The objective is to investigate if the interventions carried out by this group managed to interfere in the daily life of the public spaces of the city. The analysis was based on photographic records and the responses to a questionnaire, by members of the collective, focused on two actions they performed. These questionnaires sought to collect information about how these actions occurred in space, emphasizing the behavioral changes, the interaction of passers-by with the environment, the artistic elements and the collective. The information obtained was organized in this work according to the eight dimensions of the temporary interventions, defended by Fontes (2011).

Keywords: temporary urban interventions; urban collectives; public spaces; city

4.1 Introdução – o que são as intervenções temporárias?

O espaço da cidade pode ser considerado como móvel, fluido, apresentando constantes transformações que traz em si vários aspectos que podem ser discutidos pelas intervenções artísticas e temporárias. Isso porque, “a arte já com sua característica inerente de sempre estar propensa às mudanças, apropria-se desse mundo fluido para perpassar diversos níveis de uma determinada sociedade, e conseqüentemente desestabilizar determinados espaços”. (GUERCHE, 2014, p.66). Dessa forma,

Certas intervenções que atingem espaços, sujeitos, audiências e não se configuram somente como “arte”, transformam-se em experiências visuais urbanas. Tanto para seus realizadores quanto para seus públicos. Nos espaços e tempos da cidade “ver” e “viver” se tornam quase sinônimos, fundem-se em um único vi(ver) sem perder sua multiplicidade. (SILVA, 2015, p.2).

Nesse sentido, assistir e vivenciar uma *performance* na praça da cidade, observar um grafite no muro, descobrir um minúsculo adesivo colado no poste, são exemplos de ações que colocam os transeuntes em interação constante com os ambientes urbanos (SILVA, 2015, p.2). Estas atuações colaboram para que o mesmo indivíduo viva o seu entorno e o reconheça nos seus mínimos detalhes, como os em destaque nas intervenções artísticas.

Portanto, as ações artísticas temporárias buscam criar rupturas nos modos de ver, seja ao chamar atenção para um muro, um poste ou mesmo um buraco na calçada. Isso a partir de formas simples e modestas, na tentativa de instigar principalmente, que os transeuntes reflitam sobre seus ambientes e repensem as relações que mantem com os mesmos. Além disso, essas ações ampliam o campo estético e contribuem para redefinir o papel da arte no espaço público. (NIELSEN, 2012, p.261)

(...) a intervenção temporária é a que se move no âmbito do transitório, do pequeno, das relações sociais, que envolve a participação, ação, interação e subversão, e é motivada por situações existentes e particulares, em contraposição ao projeto estandardizado, caro, permanente e de grande escala. (FONTES, 2012b, p.36)

Portanto, as intervenções temporárias conectadas aos ambientes e suas dinâmicas, extrapolam o sentido da plasticidade, estabelecendo novos significados e servindo de estratégias de transformação dos espaços e ainda dos indivíduos que neles transitam.

Fontes (2012b) defende que intervenções temporárias, apesar de serem realizadas em um breve espaço de tempo, paradoxalmente têm um impacto sobre os lugares que pode ser duradouro, deixando marcas permanentes. A mesma autora defende que “o efêmero pode ser visto como um sinal de liberdade e válvula de escape para o indivíduo” (FONTES, 2012b, p.33), que transita nesses ambientes, pois ao “invés de oferecer conhecimento pronto e transmitido como norma, podem sugerir a inquietação e a imaginação” (ibid,

2012b, p.31). Esta inquietude que é a responsável em estimular a criatividade, de onde nascem novas ideias de atuação ou a vontade de espalhar as mesmas ações para outros espaços, com a finalidade de provocar também neles, as mudanças de acordo com seus interesses. A constante vontade de mudança, em um ciclo contínuo de intervenções, contribui para o legado das marcas duradouras.

Ela define ainda, as intervenções intencionalmente temporárias como aquelas que surgem de uma atitude diferenciada frente à cidade contemporânea com suas características individualistas e mercadológicas, marcada pelas relações efêmeras. Para demonstrar a intensão dessas ações, de transformação do espaço, define oito dimensões da arte pública como intervenção (Temporária, Pequena, Particular, Subversiva, Ativa, Interativa, Participativa e Relacional), as quais ilustram em que aspectos urbanos essas ações são capazes de provocar mudanças mais significativas, mesmo que o resultado apareça a longo prazo.

Nesse sentido, este trabalho busca responder às seguintes questões: as intervenções artísticas e temporárias deixam algum legado para os espaços públicos? Elas conseguem interferir na experiência cotidiana dos usuários de um espaço, de modo a produzir situações espaciais propícias às mudanças de comportamentos e pensamentos entre os indivíduos?

Portanto, é de interesse para esta pesquisa todas as intervenções que (1) tem relação com a prática de arte pública; (2) não são fisicamente permanentes e não são realizadas mais de uma vez no mesmo local; (3) estão inseridas no contexto da efemeridade das cidades contemporâneas; (4) ocorrem em espaços públicos e; (5) tem como objetivo principal a transformação do espaço.

A partir deste recorte, utiliza-se como estudo de caso as ações do Coletivo Lupa em Viçosa-MG. Um grupo formado por estudantes de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV), que atua através de intervenções temporárias e pontuais na cidade, buscando chamar atenção da população para problemas dos espaços públicos, os quais de tão enraizados no cotidiano passam desapercibidos.

O trabalho em questão busca discutir duas ações do Lupa. A primeira delas consistiu em posicionar uma faixa de pedestre itinerante em pontos da cidade, onde pedestres e automóveis disputavam por espaço. A outra objetivou demarcar os buracos das calçadas com adesivos nomeados de “curativos

urbanos”, pela semelhança física que mantem com o produto destinado a encobrir um ferimento.

Dessa forma, a partir da observação da presença das oito características formativas defendidas por Fontes (2011) nas duas intervenções realizadas pelo coletivo em estudo, pretende-se discutir a respeito das suas contribuições para o espaço público, sejam elas materiais ou não.

As informações para análise foram obtidas através da observação da autora e dos integrantes do coletivo dos momentos de intervenção, apontadas em questionários, e também por vídeos e registros fotográficos. Além de participarem de todos os processos envolvidos na realização dessas intervenções, os membros do Lupa contribuíram com suas fotos, vídeos e com respostas a um questionário, direcionado a coletar seus relatos a respeito das duas ações em questão. A seguir tem-se uma relação dos procedimentos adotados:

(A) Registros fotográficos, feitos pela autora, dos aspectos comportamentais dos dias regulares;

(B) Vivência das intervenções, tanto da autora como dos membros do coletivo Lupa, a partir da observação e interação com os passantes;

(C) Registros através de fotografias das transformações momentâneas causadas pelas intervenções, em alguns casos, vídeos registrando os movimentos locais;

(D) um questionário dirigido aos membros do coletivo, para recolher as suas descrições de cada intervenção, como também informações a respeito da rotina dos locais de ação;

Os dados coletados buscaram contemplar o universo dos agentes do coletivo, presentes em todos os casos estudados, trabalhando no âmbito qualitativo. A escolha da amostra se deu porque os agentes do coletivo podiam visualizar as transformações nos espaços de ação e fornecer diferentes visões sobre o fenômeno em estudo, pois estavam “no meio da intervenção” e vivendo o cotidiano dos lugares. Ainda, por serem estudantes da área do urbanismo, possuíam conhecimentos teóricos suficientes sobre a área, que contribuiriam para que suas análises fossem focadas em questões de interesse para esta pesquisa.

Os membros do coletivo foram direcionados a partir do questionário, a relatar o que notaram em relação aos comportamentos dos usuários. Como

esses interagiram com as intervenções nos espaços, o que expressaram quando tinham o primeiro contato com a ação, seus interesses, elogios, críticas expressadas por meio das rápidas conversas com os agentes da ação. O objetivo com isso, foi construir um retrato de cada caso, através das diversas vivências, para que a pesquisa avançasse para a sua etapa conclusiva.

Quanto ao método, a pesquisa se baseia na fenomenologia, por a partir de várias visões, percepções sobre os mesmos fenômenos em estudo, buscar deixar em evidência a realidade concebida pela maioria, em cada ação. Dessa forma, era de interesse coletar o máximo possível de informações diferenciadas, olhares múltiplos que pudessem somar conclusões para o trabalho.

Para maior compreensão dos fenômenos em estudo, essas informações foram agrupadas em categorias, as quais são representadas pelas oito dimensões da arte pública como intervenção temporária, defendidas por Fontes (2012b). Os pesquisadores alinhados com a metodologia fenomenológica chamam esse procedimento de “síntese” ou “redução” e é a partir de um conhecimento em constante construção, que surge do exame dos meios perceptuais individuais, manifestados nas fotos e nos relatos dos membros do coletivo, confiando assim, em uma dinâmica de observação dos participantes da pesquisa. (SANDALA, 2004, p.5)

4.2 As intervenções temporárias em oito dimensões constitutivas

Sobre as oito dimensões da arte pública como intervenção temporária, Fontes (2012b) define o **transitório, o pequeno e o particular**, a partir do termo *everyday urbanism* (urbanismo cotidiano). Ela explica que são as intervenções específicas a determinado lugar, que respeitam os ritmos dos seus espaços, conferidos pelo cotidiano. “Ressaltando que não existe um “urbanismo cotidiano” universal, mas uma multiplicidade de respostas para lugares e tempos específicos, onde as soluções são modestas e em pequena escala, contidas em calçadas, praças ou pequenos espaços” (FONTES, 2012b, p.32)

Sobre as particularidades, a explicação vem a partir do termo *event places* (lugares de eventos), utilizado para nomear “os espaços públicos nos quais as características culturais significativas das cidades se encontram, sejam elas a forma física, a identidade, a cultura ou a história. ” (FONTES, 2012b, p.33). Relações entre lugar e intervenção singulares, sendo facilmente identificáveis e memoráveis.

Nessas intervenções, como escreve Cartaxo (2006), o “artista ‘público’ contemporâneo trabalha *in situ*, ou seja, analisa meticulosamente as condições do lugar (a escala, o usuário e a complexidade do contexto), visto que o sucesso da obra depende da recepção do observador”. (CARTAXO, 2006, p. 7379).

A partir da preocupação com essas pequenas particularidades de cada local da intervenção, que os artistas constroem uma relação dialógica com o espaço. Ou seja, estão se relacionando com o contexto que estão inseridos, ao mesmo tempo que se tem uma relação dialética, já que imprimem também, questionamentos em relação ao que é imposto nesses espaços. Promovem assim, o diálogo entre os indivíduos envolvidos.

Conseguem êxito também quando trabalham a partir da experiência do aqui-e-agora, “uma vez que a relação entre a arte e o *site* não se dá mais pela permanência física, mas pela experiência da impermanência (irrepetível e passageira) ” (CARTAXO, 2009, p.3). O inesperado e o singular têm demonstrado ter maior capacidade de chamar atenção no meio a tudo que já é habitual, por ser um elemento novo, diferente no espaço é mais fácil de passar pela fase de reconhecimento pelo seu observador.

A partir do momento que a intervenção desestabiliza o cotidiano, insere o espaço em um novo contexto, imprime a ele novos significados e experiências, que possibilitam aos indivíduos fugirem, escaparem da vida diária e taticamente, transformam-se em mecanismos de resistência e de autonomia. (GASPERI, 2016, p.46)

É como se na caminhada, no contato com distintos elementos objetuais e imagéticos (edifícios, barracas, cartazes, outdoors) que nos comunicam histórias, discursos e poderes, pudéssemos fazer e refazer, de certa forma, o espaço que nos circunda, conferindo a essa experiência qualidades intensivas, tanto ao nível da percepção, quanto ao nível das articulações dos signos ali presentes e da ressignificação dos espaços e seus códigos. (GONZALVES; ESTRELLA, 2007, p.103)

As intervenções/ações em contato com os transeuntes, instaladas então nas dinâmicas dos espaços construídos, tem a capacidade de ressignificá-los, ao propor novos conhecimentos, visões sobre o mesmo espaço, que vão contra os códigos e normas pré-estabelecidos. Como expressa Lamounier (2009), “(...) as intervenções temporárias no espaço urbano não são meras exposições

coletivas; configuram antes uma proposição de adequação e de experimentação do espaço”. (LAMOUNIER, 2009, p.129)

A arte de criar situações no ambiente urbano com a consolidação de intervenções urbanas exibe um diferencial: a oportunidade diferenciada de gerar experiências novas no espaço público. Fischer (1979, p. 40) diz que a arte é necessária para que as pessoas se tornem capazes de conhecer e mudar o mundo em que vivem. Logo, a intervenção artística sugere além da expansão das possibilidades de criação dos artistas a possibilidade de transformar a percepção das pessoas sobre os lugares. (PEREIRA e NAOUMOVA, 2015, p.3)

Esse caráter de resistência à normatização dos padrões de comportamento social pelo fazer artístico temporário traz à tona a sua **dimensão subversiva**, na medida em que desafia as regras vigentes, o que é rotineiro, fazendo com que os indivíduos questionem aonde estes os pretendem conduzir. (FONTES, 2012b, p.33).

Nesse sentido, o “ato poético que identifica a arte é um dos dispositivos de retomada desse espaço subjetivo da cidade”. (GONZALVES; ESTRELLA, 2007, p.103). Ela é capaz de desestabilizar um espaço, no sentido de criar novos sentidos, reflexões nos transeuntes e transformar as percepções dos indivíduos em relação ao mesmo. Assim, define a **dimensão ativa** das intervenções temporárias enquanto tática de conquista do espaço, com seus caracteres lúdicos, suas capacidades de descobrirem potencialidades, de recuperarem lugares ou mesmo de “poetizar” no espaço urbano. (FONTES, 2012b, p.33)

Fontes (2012b) ainda determina mais três dimensões das intervenções urbanas, **a interativa, a participativa e a relacional**, as quais promovem relações a nível de usuário/ espaço/agentes.

Essas três últimas dimensões estão relacionadas com o que Fontes (2012a) nomeia de amabilidade urbana, que para ela é uma qualidade dos espaços públicos. O seu conceito parte do pressuposto que as intervenções urbanas temporárias têm a capacidade de incentivar a formação de conexões e interações entre indivíduos em um certo espaço e tempo (Figura 14). A autora define como:

(...) a qualidade que surge da articulação entre as características físicas do lugar, as intervenções temporárias que ocorrem sobre este espaço e as pessoas que o utilizam e se conectam, sendo um conceito formado, portanto, pelas dimensões física, temporal e social. (FONTES, 2012a, p. 70)

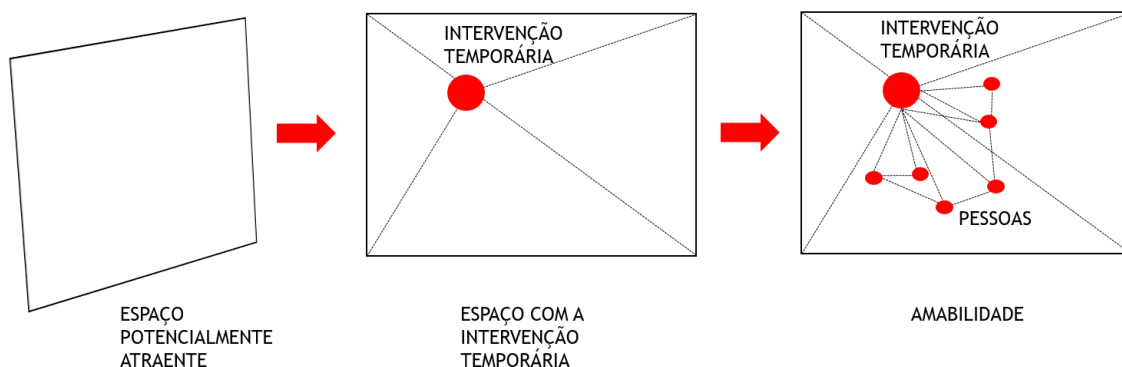


Figura 14 - Processo de manifestação da amabilidade urbana. Fonte: Sansão, 2012.

Dessa forma, se a amabilidade urbana se faz presente no espaço público com a presença de uma intervenção temporária é porque as suas dimensões interativa, participativa e relacional também estão presentes, pois vários indivíduos estarão interagindo, relacionando com os seus ambientes, assim como com os outros usuários do espaço. Nessas relações, os transeuntes vão trocar informações, conhecimentos a partir das suas discussões e ao compartilhar das atividades referentes a cidade, eles deixam de ser meros observadores e usuários e passam a ser assim, figuras ativas, participativas.

Portanto, a importância dessas interações, seja usuário-usuário ou destes com o espaço está nos efeitos diretamente ligados a produção de conhecimento e estímulo constante da criação de novas redes sociais de discussão e atuação. Estas são responsáveis para a formação de uma corrente positiva de ações, em que cada vez mais, estimula-se a “reintervenção temporária e reinvenção permanente”. (SANSÃO, 2013)

4.3 Análise das Intervenções artísticas e temporárias

4.3.1 Intervenção “Tinha uma faixa no meio do caminho”

4.3.1.1 Suporte espacial e intenção da intervenção

Viçosa³, a cidade de ação do coletivo Lupa, enfrenta dificuldades sérias relacionadas à mobilidade e apesar de seu sistema viário já ter passado por várias reformulações, o problema persiste. As causas são diversas, mas é de destaque o seu crescimento desordenado, sem planejamento, aliado a um sistema viário fechado e estreito, estruturado no século XIX. As reformulações de suas vias de circulação estimulam, a cada dia, o crescimento de automóveis nas ruas, do que ao contrário, incentiva a presença de mais pedestres ou uso de outros modais alternativos nas ruas, pois estes não recebem investimentos da mesma forma. Além disso, a topografia acidentada de Viçosa colabora para que as pessoas optem em ir aos seus destinos de carros, aumentando ainda mais o número de veículos nas ruas.

Mas, além desta grande movimentação de automóveis nas ruas, Silva (2011) aponta que a prática do caminhar também é comum na cidade de Viçosa, já que o hábito é favorecido pela alta densidade da cidade, que faz com que as distâncias não sejam tão longas. A mesma pesquisa ainda mostra que muitos pedestres não se sentem seguros em relação aos veículos, pelas calçadas estreitas, faixas de travessias mal alocadas ou sem manutenção, dentre outros fatores, que contribuem para que existam conflitos por espaço entre pedestres e veículos nas ruas (figuras 15 e 16).



Figuras 15 - Ponto de travessia constante, que não há demarcação da faixa de pedestre. / Figura 16 – Ponto da cidade que existe conflito entre pedestres e automóveis. Fonte: Acervo da autora, 2016.

³ “Viçosa é um município de médio porte localizado na Zona da Mata mineira, e possui aproximadamente 77.502 habitantes (IBGE, 2014) e uma população “flutuante” estimada em quase 20 mil pessoas que migram para a cidade devido à existência de instituições de ensino superior”. (MARIA; FARIA e STEPHAN, 2014, p.38)

Assim, na tentativa de despertar a atenção para o problema de travessia em Viçosa, o coletivo Lupa propôs a realização da faixa de pedestre itinerantes. Ele buscava alertar com a intervenção, as dificuldades enfrentadas pelo pedestre em mover-se dentro da cidade, principalmente pela falta de pontos que garantam a travessia das ruas com mais segurança. Ainda, o importante para os seus membros era chamar a atenção daqueles indivíduos que estão impedidos de perceberem o ambiente e não refletem sobre as suas dificuldades, pois estão em um ritmo muito acelerado na cidade para reivindicarem seus direitos de circulação.

Com a intenção de deixar a intervenção mais atrativa e inusitada dentro da cidade, os membros do coletivo optaram em colocar entre as listras brancas da faixa de pedestre, fitas adesivas coloridas. Para eles, a ação deveria ser convidativa o suficiente para conscientizar pedestres da importância delas dentro da cidade e que tivessem também certo realce, para que os motoristas a percebessem melhor.

A inspiração de deixar a faixa mais colorida veio de intervenções, que preenchem com cor ou desenhos geométricos o espaço entre as listras brancas da faixa de pedestre, realizadas em outras cidades. Em Madri a ação é titulada de *Funnycross* e em Florianópolis o projeto recebe o nome de Arte na Faixa. Os artistas que se envolvem com esta ideia acreditam que quando realçam as faixas com cores, chamam atenção da população para o ponto de travessia, que muitas vezes passa despercebido. Além, de alertar a população para redobrar a atenção no trânsito. Todas essas ações tiveram fotos divulgadas na *internet*, o que possibilitou aos membros do Coletivo Lupa o contato e assim, conhecimento da ideia.

O coletivo Lupa apresentou assim, com esta ação urbana uma pequena alternativa baseada na experiência, que ao mesmo tempo se caracteriza como uma ação teórica, e prática sobre o viver urbano. Ou seja, quando o transeunte tem contato com outra forma de experimentar um espaço, mesmo que temporariamente a partir da ação do Lupa, passa a ter também conhecimentos de outras possibilidades para o mesmo. E assim, ao perceber que seu espaço pode passar por melhorias, pode passar a desejar, assim como os integrantes do Coletivo já aspiram, que ocorra mudanças, que vai de encontro com o que é proposto pela intervenção.

4.3.1.2 Intervenção da faixa de pedestre e as oito dimensões

A ação consistiu em posicionar uma faixa de pedestre, feita em lona, em locais em que esta era necessária e não estava demarcada na via (Figura 17). Durou por volta de uma hora em três locais diferentes da cidade, sendo realizada duas no mesmo dia e outra no dia seguinte. Tal fato definiu seu caráter transitório.



Figura 17 - Faixa de pedestre itinerante sendo colocada no local de intervenção. Fonte: Acervo do Coletivo Lupa, 2016.

Durante a observação da intervenção ativa no espaço, verificou-se que ela foi capaz de caracterizar temporariamente o espaço em que estava instalada e assim, o tornou único no reconhecimento da individualidade física, espacial em realce naquele momento. Gerou um ambiente novo e híbrido, que combinou duas realidades, e recuperou o sentido original de um lugar, como espaço de reunião. (GUERCHE, 2014, p.74) [Dimensão do transitório].

Assim, a ação em questão não pretendia resolver o problema da falta de faixa em certos locais da cidade, mas chamar a atenção da população para um ponto que afeta a vida de muitos e que apesar disso, deixou de ser percebido pelos mesmos como uma dificuldade. Os fatores são diversos, mas é de destaque o fato de muitos transeuntes estarem habituados com a situação e por isso, já aceitarem conviver com esse tipo de obstáculo nos espaços públicos.

Nesse sentido, a intenção do coletivo Lupa foi modificar o suporte físico e assim, desestabilizar a paisagem em si, provocar no pedestre uma análise crítica em relação ao problema a partir do estranhamento. Os membros do coletivo acreditavam que se obtivessem assim, a formação crítica, ela se tornaria o

elemento revitalizador do espaço público, que incentivaria as pessoas, que entendessem a intervenção, a quererem algo melhor para seus ambientes, conforme provaram na experiência.

A ação mostrou ser exemplo de uma pequena atuação, com potência local, mas que poderia repercutir em uma escala maior, como da própria cidade. Como ela abordava um problema que se repete por mais localidades, ela poderia refletir em outros pontos da cidade, além dos que receberam a intervenção. Dessa forma, apesar de ser uma ação temporária e um pequeno evento dentro da cidade, representava objetivos ambiciosos a longo prazo.

A intervenção evidenciou sua dimensão pequena por ser em resposta a uma necessidade urgente e pontual, imprimida pelos fluxos e ritmos do cotidiano, através de um recurso modesto e simples: uma faixa feita em material de fácil aquisição, de baixo custo, sem necessidade de aptidões específicas ou de projetos que demandam muito tempo ou muita mão de obra, para sua realização [Dimensão do pequeno].

Como explica Fontes (2013), “para assumir uma função pública, a arte deve ter como princípio básico e indispensável criar obras artísticas “com e para” um determinado lugar, abusando do confronto com o contexto e descobrindo, destacando e valorizando temas e lugares”. (FONTES, 2013). Nesse sentido, a ideia para a ocorrência da intervenção em questão surgiu de uma demanda local e incômoda que se desejava enfatizar. O Coletivo Lupa atuou porque observou que eram necessárias faixas de pedestres naqueles locais devido ao grande fluxo de pessoas que precisavam atravessar nesses pontos todos os dias. Dessa forma, a ação, que atende à demanda local, questiona o contexto que está inserida, é autoexplicativa pela ligação intrínseca que mantêm com o suporte que está instalada e em outro lugar, que não tivesse o mesmo problema, não teria o sentido e significado que obtém no local que foi realizada. Portanto, o Coletivo buscou destacar o problema local e procurou locais com visibilidade, onde a faixa de travessia era mais necessária, como forma de instigar mais indivíduos a refletirem sobre o problema em destaque [Dimensão do particular].

A experiência oferecida pela intervenção, de atravessar alguns pontos da cidade com a faixa, possibilitou aos usuários, que interagiram com a ação, refletirem que aquele espaço poderia passar por melhorias, que iriam atendê-los melhor que a situação atual. Em outras palavras, representou uma atitude em resposta as condições impostas pela cidade, que aproveita a oportunidade

existente e encoraja o uso do espaço de forma alternativa e empírica (FONTES, 2011, p.23). Assim, os indivíduos envolvidos obtiveram a noção da variedade de possibilidades existentes no ambiente, seja a realidade como já é vivida e também como seria com a inserção da faixa de travessia. A ação do coletivo confirmou-se subversiva no sentido de buscar promover uma perturbação da ideia de como é a cidade e de como ela poderia e deveria ser, até porque a essência da intervenção artística estava nessa desestabilização, no sentido de causar estranhamento e romper com o aparentemente estado imutável. (GUERCHE, 2014, p.76) [Dimensão do subversivo].

A ação alcançou sua dimensão ativa porque agitou a rotina dos espaços em que foi realizada. Muitos indivíduos ao ver a ação reagiram com satisfação em relação a ela, apresentando elogios. Também buscaram informações a respeito do coletivo Lupa com seus integrantes e ouviu-se muitas expressões do tipo: “*Como nunca havia imaginado uma faixa aqui?*”, “*Nossa, é realmente necessária uma faixa de pedestre nesse local!*”. Houve até um pedestre que quis registrar o evento a partir de fotografias, destacando a importância dada por ele ao evento, sendo oportuno seu arquivamento em imagem.

Foi observado então, que a ativação do espaço teve a ver com a capacidade da intervenção de despertar atenção de várias pessoas para o problema e conseqüentemente, estimular a reflexão por parte dos envolvidos, sobre a necessidade local, da demarcação de faixas de travessias. (Figuras 18 e 19) [Dimensão do ativo].



Figura 18- Ativação do espaço com a presença da intervenção./ Figura 19 - Realce as pessoas que reuniram ao redor da ação. Fonte: Acervo do coletivo Lupa, 2016.

Em relação a interação, observou-se vários pedestres que se sentiram confortáveis em cruzar as ruas utilizando a faixa itinerante. A maioria dos

motoristas respeitaram a sinalização temporária, ainda que algumas vezes ficaram na dúvida se deveriam parar ou não (Figuras 20 e 21). Muitos comerciantes dos estabelecimentos ao redor, ficaram observando com curiosidade a reação das pessoas e alguns até ajudaram os integrantes do coletivo a acomodarem a faixa nos locais, quando esta se movimentava com a passagem dos automóveis. Assim, a intervenção estimulou a interação entre pessoas diferentes, como do mesmo modo representou para os indivíduos a possibilidade de se apropriarem de seus ambientes e criar relações de maior familiaridade com os mesmos.



Figura 20 - Automóvel respeitando a sinalização temporária. / Figura 21 - Indivíduos que se sentiram à vontade em interagir com a intervenção, atravessando a rua pela faixa proposta. Fonte: Acervo do Coletivo Lupa, 2016.

Nesse sentido, a partir do contato com essas experiências, os sujeitos permitiram que lhes fossem acrescentados outros conhecimentos e percepção do espaço vivido, pois é como explica Guerche (2014) no espaço público, as interações da arte urbana com o outro, criam infinitas conexões, que significam e ressignificam os sujeitos (GUERCHE, 2014, p.76) [Dimensão do interativo].

As pessoas que organizaram a ação são estudantes de arquitetura e urbanismo e pretendiam com ela, provocar além da reflexão em outros indivíduos sobre seus ambientes, gerar reações mais efetivas para a solução do problema realçado. Dessa forma, a ação foi idealizada por indivíduos que vivem o cotidiano da cidade e foram “organizadas sobre as demandas e anseios da própria população local, caracterizando os atores envolvidos como sujeitos da cultura e não mais seres passivos e meros expectadores culturais” (FONTES, 2011, p.66). Assim, ao considerar que esta intervenção foi fruto da vontade de alguns cidadãos de se unirem para promover uma perturbação nas discussões urbanas, de apropriarem de seus espaços como campo de expressão, por se

reconhecerem como agentes transformadores, considera-se que a ação na sua essência representou uma atitude participativa (Figura 22).

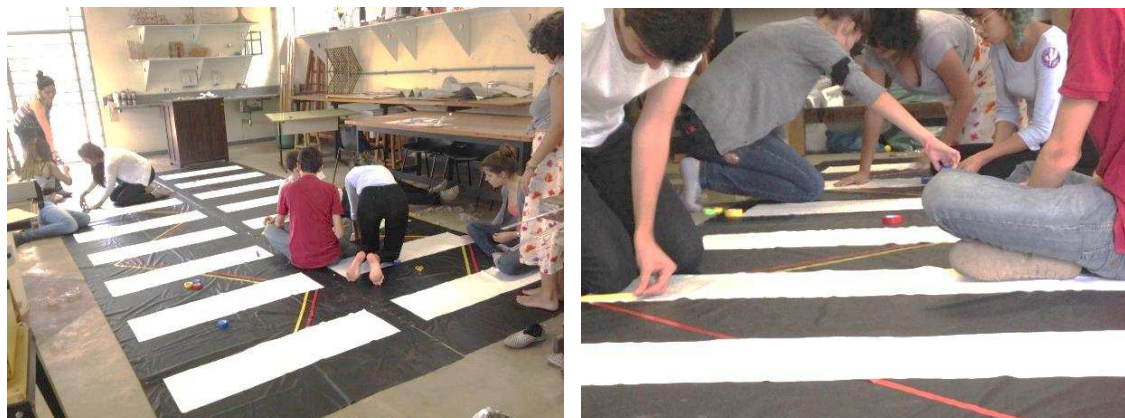


Figura 22 - Produção das faixas de pedestres. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Além disso, a intervenção em estudo evidenciou sua dimensão participativa quando necessitava de pessoas para ajeitar a faixa na via, permitindo que os passantes interagissem com a ação. Dessa forma, participaram da ação, mesmo não fazendo parte do seu planejamento, os indivíduos que ajudaram acomodar as faixas nos locais, quando estas eram removidas com a passagem de alguns veículos. [Dimensão do participativo].

Por fim, as pessoas que tiveram a oportunidade de contato com a intervenção, comentavam entre elas sobre o que viam e o que pensavam em relação a ação, interceptava os integrantes do coletivo e pediam informações sobre a atitude. Portanto, essa demonstrou capaz de criar um campo de relações interpessoais, provocou a amabilidade urbana ao envolver vários cidadãos desconhecidos em discussões urbanas e por isso, recuperou o sentido original de um lugar como espaço de reunião, de encontros. [Dimensão do relacional].

Quadro 2: Resumo da Intervenção “Tinha uma faixa no caminho”

<i>Transitório</i>	Teve duração de dois dias (duração rápida, mas caracterizou o espaço naquele momento);
<i>Pequeno</i>	Necessidade de estrutura simples e modesta para a realização da intervenção;

<i>Particular</i>	A intervenção abusou do confronto com o contexto; autoexplicativa pela ligação intrínseca que manteve com o suporte que estava instalada e tornou o local único no reconhecimento da carência local.
<i>Subversivo</i>	Questionou a realidade, rompeu com o aparentemente estado pronto e imutável;
<i>Ativo</i>	Alterou a rotina local (expressões das pessoas, fotógrafo, pessoas observando);
<i>Interativo</i>	Convidou o indivíduo a fazer parte da intervenção; os pedestres e motoristas sentiram à vontade em participar da intervenção;
<i>Participativo</i>	Quando necessitou de pessoas para ajeitar a faixa na via, idealizado por pessoas que vivem o cotidiano do local;
<i>Relacional</i>	propôs uma experiência espacial de juntar pessoas totalmente diferentes, colocando a população em relacionamento.

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

4.3.2 Intervenção dos “Curativos urbanos”

4.3.2.1 Suporte espacial e intenção da intervenção

Sobre os problemas de mobilidade de Viçosa, realça-se também as calçadas irregulares, que não oferecem condições favoráveis a locomoção. Muitas delas possuem desníveis altos ou inclinações maiores do que é permitida em lei, além de muitas serem estreitas para comportar os indivíduos confortavelmente. Tais características os obrigam transitar pelas ruas, competindo espaço com os automóveis e correndo riscos.

Porém, todos os cidadãos devem ter condições de locomoção pelas suas cidades com qualidade e, para isso, o mínimo necessário são calçadas em bom estado de conservação. Com intuito de despertar a atenção da sociedade para tal fato, a ação dos curativos urbanos foi realizada na cidade de Viçosa.

A intervenção pretendia também, incentivar as pessoas a analisarem os locais que passam todos os dias, a questionarem e interessarem mais pelos problemas urbanos. (PEREIRA, 2014)

A ação se caracteriza pelo uso do curativo, pela sua imediata associação com uma lesão e, que conseqüentemente, remete a algo que precisa ser reparado. Assim, utilizando desse recurso, o grupo buscou enfatizar o problema de maneira simples e criativa, alertando para algo do dia a dia, que pode passar despercebido por alguns, mas que aflige a cidade e, evidentemente, afeta os cidadãos.

É uma intervenção que vem ganhando o mundo e já foi realizada em diversos lugares, devido a ideia ser bem recebida por onde passa. A primeira intervenção aconteceu na Avenida Paulista, local de grande circulação em São Paulo, depois estendidas para o centro da mesma cidade, bairros como Vila Madalena, Pinheiros, e para o Rio de Janeiro, em Botafogo e na Gávea. Logo após, ações independentes levaram a intervenção para outras cidades do país e até mesmo para Roma, Itália. (BARATTO, 2013)

A ação de colagem dos primeiros curativos em São Paulo foi fotografada e divulgada nas redes sociais, intitulada como ação dos Curativos Urbanos, acompanhada do Passo-a-passo de como fazer. Essas publicações na *internet* foram uma das responsáveis em despertar o interesse de outras pessoas e assim, a replicação da ideia para outras cidades (ibid, 2013). É até mencionado na página de divulgação da ação dos curativos urbanos, a ausência de direitos autorais, pois a intenção é mesmo replicar as ações por vários locais para conscientizar, cada vez mais, outras pessoas.

A partir deste intuito, o coletivo Lupa reconheceu que a implantação dos curativos urbanos na cidade de Viçosa também era necessária e por isso, se apropriou da intervenção e se responsabilizou em espalhar mais um pouco a ideia.

4.3.2.2 A intervenção dos Curativos Urbanos e as oito dimensões

A intervenção consistiu em colar pela cidade, “curativos” feitos em E.V.A., no tamanho aproximado de uma folha A4, próximos aos buracos nas calçadas (Figura 23). A ação foi realizada na parte da manhã, por volta das sete horas, pois o coletivo julgou ser um horário inicial de maior movimento de indivíduos nas ruas de Viçosa. Porém, era quando também o serviço de limpeza passava

pela cidade, o que contribuiu para a ação não durar o previsto de vinte quatro horas. Assim, o evento que já era para ser rápido, teve sua permanência reduzida pela remoção dos curativos pelos agentes de limpeza [Dimensão do transitório].



Figura 23- Os curativos urbanos espalhados pela cidade. Fonte: Acervo do Coletivo Lupa, 2016.

Da mesma forma que a intervenção da faixa de pedestre, a ação em questão também não tinha a intenção de resolver o problema das calçadas, mas de atuar no campo de alerta perceptual. Sua realização foi em resposta a carência de acessibilidade nas ruas aos pedestres, pela falta de pisos regulares e que não apresentam manutenção adequada com certa periodicidade.

A atuação partiu de elementos simples, modestos e pequenos em escala, “contidos em calçadas” (FONTES, 2011, p.23). São também de baixo custo, que necessitam assim, de poucos recursos e conhecimentos para sua realização. Ainda, representam mais uma ação com intenção de enfatizar um dos problemas da cidade, pontualmente [Dimensão do pequeno].

Os suportes físicos da ação em Viçosa foram as calçadas irregulares, que era a própria justificativa para a ocorrência da operação. A intervenção se apropriou dessa realidade incômoda do lugar e assim, manteve uma relação intrínseca com o contexto em que se realizou, na busca de questioná-lo. A

intervenção neste caso, também era oportuna em realidades de outras cidades ou em outros suportes dos espaços urbanos, que carecem também de cuidados, além das calçadas. Portanto, ela era admissível em bases que apresentavam como característica a falta de conservação e o coletivo Lupa trabalhou com uma delas: as calçadas [Dimensão do particular].

Fontes (2011, p.24-25) nomeia as intervenções de subversiva na medida em que representam marcas, como *post-it* deixados no espaço, que instigam as pessoas a quererem saber sobre suas intenções e significados. Como a ação dos curativos urbanos buscou sugerir reflexão em relação a falta de pavimentação pública mais apropriadas para circulação dos pedestres, a partir de elementos lúdicos e simbólicos deixados nas calçadas, indicou com isso, seu caráter subversivo. A sua intenção era conduzir os usuários dos passeios públicos à reflexão do problema, a pensar nas causas e em possíveis soluções, a partir do momento que entendessem a ideia por trás dos elementos colados no chão. Assim, a intervenção se caracterizou como subversiva porque além de questionar a realidade das calçadas, levava o indivíduo a mesma reflexão. Porém, é bom ressaltar que para isso, era necessário o entendimento da intervenção por parte do transeunte, ele deveria assimilar o adesivo a algo que está maltratado, mas que pode ser reparado com os devidos procedimentos [Dimensão do subversivo].

Nesse sentido, o uso de uma tática lúdica de conquista do espaço revelou a intenção de atingir a dimensão ativa da intervenção dos curativos urbanos pelo Lupa. O coletivo buscou colocar o espaço em ação, em movimento, segundo é esclarecido por Fontes (2011, p.25). A partir do entendimento da intenção da intervenção, os membros do coletivo esperavam que os passantes se relacionassem em discussões sobre o problema realçado e buscassem a partir daquele momento, batalhar também por possíveis soluções.

Porém, em um primeiro momento de observação, muitos indivíduos passavam pelos buracos das calçadas, onde haviam curativos e não demonstravam nenhuma reação em resposta a eles. Muitas delas aparentavam estar apressadas, sem tempo para observarem os problemas realçados pelo coletivo. As pessoas, em ritmo acelerado ora estavam muito distraídas com seus celulares ou em grupos conversando, sem se quer olhar para o chão.

Como forma de realçar ainda mais esses pontos problemáticos das calçadas, já que a ação teve duração menor que a prevista, os integrantes do

coletivo resolveram cada um, divulgar nas suas redes sociais, as fotos da ação. Nesse momento, destacou-se uma outra interpretação, diferente do que se observou apenas *in loco*. Apesar de nas ruas, a intervenção dos curativos urbanos demonstrar-se pouco ativa, ou seja, despertando aparentemente poucos interesses e interações, na *internet* evidenciou um campo ativo de discussão, evidenciando que não passou tão despercebida. Sendo assim, essa repercussão nas redes sociais também foi considerada nesta pesquisa.

Pelos comentários nas fotos, disponíveis nas redes sociais de cada integrante do coletivo, algumas pessoas confessaram não ter percebido ou entendido a ação, outras explicaram o quanto os curativos urbanos as deixaram curiosas e intrigadas, elogiaram a intervenção e uma delas até realçou que os curativos fizeram para ela a diferença no caminho de ida para casa, no sentido de torná-lo menos rotineiro (Figura 24). Essas pessoas demonstraram então, que os curativos foram capazes de ativar suas rotinas, atrair suas atenções, pois representaram um elemento provocante no ambiente. A ação fez com que os indivíduos buscassem entender o que eles estavam querendo sugerir [Dimensão do ativo].



Figura 24 - A repercussão da ação nas páginas sociais. Disponível em: <www.facebook.com>. Acesso em 12 de fevereiro de 2017. Modificado pela autora.

Em observação nas ruas, notou-se poucas pessoas interagindo com a ação, ao contrário do que era esperado. Alguns curativos permaneceram nos locais colados por algum tempo, depois muitas pessoas os descolaram e os deixaram soltos no chão (Figura 25). E assim, antes mesmo do término da ação pelo coletivo, muitos curativos já tinham sido arrancados ou destruídos, não estabeleciam mais relações com suporte físico e assim, já não tinham mais significado onde eram deixados. Com isso, percebeu-se poucas pessoas que os olhavam e demonstravam entender a ação, era mais comum serem pisoteados e não despertarem a atenção ou a interação.

Como interação mais expressiva observada *in loco*, destaca-se o fato de um dos curativos ser repostado por alguém em um dos bancos quebrados da praça da Matriz de Viçosa, que também necessitava de reparos, assim como as calçadas (Figura 26). Tal interação com o objeto da ação demonstrou que o indivíduo entendeu o sentido simbólico da intervenção, sendo assim, capaz de

recolocá-lo em um outro suporte físico. Esse também necessitava de reparos, porém, não havia sido trabalhado pelo coletivo Lupa [Dimensão do interativo].



Figura 25 – Um indivíduo que descolou o curativo e o deixou solto no chão/ Figura 26 - A interação com os curativos urbanos por parte dos transeuntes. Fonte: Coletivo Lupa, 2016. Modificado pela autora.

O curativo da calçada reposto no banco da praça demonstrou a oportunidade dada ao transeunte de também participar da ação. Além disso, a dimensão participativa da intervenção foi verificada na sua idealização: por pessoas comuns e que convivem com os problemas das calçadas. A partir da cultura do faça você mesmo, os indivíduos envolvidos com o coletivo se reconheceram como capazes de agenciar seus espaços e sentiram à vontade em participar dos assuntos referentes a cidade, apontando caminhos para a melhoria de certos ambientes, a partir das intervenções artísticas. Dessa forma, os membros do coletivo, que a organizaram, pretendiam despertar a atenção da população sobre a falta de manutenção nas calçadas, assim como, instigar ações mais efetivas. [Dimensão do participativo].

Ainda que, durante o momento de intervenção, alguns indivíduos vieram até os integrantes do coletivo para saber mais a respeito das suas intenções com a ação, o aspecto relacional foi mais identificado nas discussões virtuais, nos comentários das fotos disponibilizadas nas redes sociais. As pessoas apontaram o que a intervenção representou para cada uma, suas percepções e críticas. Nesse sentido, observou-se que a intervenção dos curativos urbanos também foi capaz de despertar a reflexão dos usuários em relação aos espaços, restabelecendo a proximidade entre indivíduo-ambiente e usuário-usuário. Ou

seja, a intervenção foi capaz de ressaltar a qualidade que Fontes (2011) nomeia de amabilidade urbana. Houve uma articulação entre as características físicas dos lugares com os curativos urbanos colocados nesses espaços e as pessoas, que tiveram contato com a ideia, que se conectaram em discussões.

Outro ponto que merece destaque foi o fato de algumas pessoas que não moram em Viçosa, realçarem a necessidade de também intervir nas suas cidades, porque o mesmo problema era percebido. Portanto, pelo meio virtual de comunicação foi possível provocar outros indivíduos, que frequentam outros ambientes, além dos locais de realização da intervenção. Eles passaram a refletir sobre seus espaços e interagir com diversas pessoas em discussões a respeito das dificuldades urbanas que enfrentavam em comum [Dimensão do relacional].

Quadro 3 – Resumo da intervenção “Curativos Urbanos”

<i>Transitório</i>	Teve duração de poucas horas e teve seu tempo acentuado pelo contato com o público;
<i>Pequeno</i>	Realçou um problema pontual, usa elementos simples, modestos e pequenos em escala, contidos em calçadas;
<i>Particular</i>	A intervenção se apropriou de uma realidade incômoda do lugar e assim, manteve uma relação intrínseca com o contexto em que se realizou;
<i>Subversivo</i>	Questionou a realidade; instigou as pessoas a quererem saber sobre suas intenções e significados;
<i>Ativo</i>	Apesar de nas ruas, a intervenção dos curativos urbanos demonstrar pouco ativa, ou seja, despertando aparentemente poucos interesses e interações, na <i>internet</i> evidenciou um campo ativo de discussão e ainda, demonstrou que não passou tão despercebida: alterou o caminho, a rotina para casa;

<i>Interativo</i>	Colar o curativo em lugar diferente do que foi realizado pelos integrantes do Lupa, mas respeitando a proposta;
<i>Participativo</i>	Foi Idealizada por pessoas que vivem o cotidiano do local;
<i>Relacional</i>	Incentivou a interação entre desconhecidos, ainda que foi mais observado nas redes sociais.

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

4.4 Considerações finais

Sobre o transitório, pequeno e particular, percebeu-se que as intervenções demonstraram total relação com as características dos espaços públicos de Viçosa. Foram capazes de realçar algumas delas, conforme as intenções do coletivo e a partir ainda, de ações pontuais e modestas.

As particularidades dos suportes físicos destacados pelas intervenções, os problemas de travessia e os buracos nas calçadas, são comuns em outras localidades, o que permite observar, que as ações podem atingir outras cidades.

Além disso, a fácil execução das duas intervenções também mostrou contribuir para suas reproduções. Elas não exigem muito investimento em material, tempo, mão de obra para que ocorra e por isso, possibilitou que em Viçosa, por exemplo, fossem realizadas pelo Lupa. E aqui, enfatiza-se ainda, a importância das redes sociais na dispersão dessas ideias.

É destaque também o valor do caráter temporário dessas intervenções, que por serem instaladas em locais de passagem, necessitavam despertar a atenção dos passantes, como novidades, atração.

Com respeito às mudanças temporárias motivadas pela intervenção da faixa de pedestre, destacou-se o campo relacional, participativo e interativo que se criou nos contextos espaciais trabalhados. Ambas as ações foram dispositivos relacionais, que colocaram os usuários e também os organizadores em contato direto, estimulando a criação de novas tramas sociais e de trocas. Ainda, várias pessoas demonstraram interesse em participar e até se sentiram à vontade em interagir com a ação, como ao atravessar pela faixa proposta, ao parar com o veículo para um pedestre atravessar ou ao ajudar os integrantes do coletivo a posicionarem a faixa na via. A interação representou o aceite do

indivíduo ao convite de experimentar o espaço de uma outra forma e simultaneamente, a permissão que lhe fossem acrescentados novos conhecimentos e percepções do espaço.

De modo geral, percebeu-se nos comentários dos transeuntes com os autores das ações, a respeito das duas intervenções, tanto por parte daqueles presentes no momento da ação, como nas redes sociais, que elas tiveram a capacidade de despertar reflexões para problemas realçados. Portanto, considera-se também, as ações nesses casos, instrumentos de transformações sociais e com poder de educar, ensinar e repassar reflexões e críticas.

Sendo assim, a oportunidade oferecida pelo coletivo aos transeuntes de refletirem mais a respeito de suas cidades, de entenderem que é necessário observar de forma mais detalhada os lugares por onde circulam, demonstrou que a percepção de alguns desses indivíduos pode ter sido transformada após o término da intervenção, ainda que os espaços podem até ter continuado fisicamente os mesmos.

A reunião das experiências de cada indivíduo configura a memória coletiva, composta por um grupo de pessoas, do passante aos integrantes do coletivo, que são capazes de guardar lembranças do acontecimento, de todos os efeitos que ele implicou e repassar a ideia para outras pessoas ou outros espaços. Dessa forma, a formação da memória coletiva, que procede da realização das duas ações em estudo, pode ser considerada como um legado no âmbito imaterial para os espaços públicos.

Como efeito direto da intervenção das faixas de pedestres, houve o incentivo e a educação em relação ao uso mais intenso dessas travessias. E como efeito indireto, soube-se que a mesma intervenção reforçou um pedido na prefeitura de implantação de faixa em um dos locais, conforme informado pelo solicitante, que passou no momento da ação do coletivo. Nesse sentido, observou-se que essa intervenção da faixa itinerante, por exemplo, constituiu como mais um ato pontual no debate sobre mobilidade e espaço público. Ela teve ligação indireta com outra ação, que batalhava pela mesma causa e assim, as duas juntas poderiam acabar somando forças e levando a ações mais concretas na cidade. Foi a partir de várias ações nesse sentido que houve a instalação de uma faixa de travessia permanente em um ponto de intervenção, depois de aproximadamente cinco meses da atuação do Lupa. Tal fato, pode ser

considerado um resultado do esforço de todas atuações, em que a ação do coletivo pode ter contribuído indiretamente.

As intervenções temporárias se apresentaram como provocadoras da amabilidade. Essa pode ser entendida além das capacidades das ações de provocarem relações entre diversas pessoas, mas de serem elementos com apelações estéticas, responsáveis por sensibilizar e atrair o expectador. Estes artifícios foram responsáveis para conceber a forte conexão usuário-espaço e simultaneamente as relações usuário-usuário. O que destacou a importância de se trabalhar com elementos urbanos para que além de seus signos, tenham a competência de seduzir olhares, pois só assim serão capazes de estabelecerem essas relações espaciais.

Por fim, observa-se ao avaliar a intervenção dos curativos urbanos mais especificadamente, uma outra característica relevante a esses tipos de ação, que é a capacidade de reverberação que assumem no campo das redes sociais, que sugere até outros estudos mais específicos. Mas o que se pôde perceber, por uma rápida observação, é que essas ações ao serem expostas em um outro espaço, o virtual, podem repercutir por várias temporalidades, ao contrário das oito dimensões trabalhadas por Fontes (2011), que estão mais relacionadas com questões de um lugar físico e de um momento específico. É permitido a essas ações pelas redes sociais, ultrapassarem os seus momentos efêmeros e serem assim, ativas por mais tempo, contribuindo para o fortalecimento das correntes de intervenções.

Apesar de as redes sociais não oferecerem o momento e a experiência de uma outra realidade para um local, como a intervenção instalada de fato no espaço físico oferece ao seu público, as redes sociais são capazes de ampliar o campo relacional e participativo que essas ações podem atingir. Relacional porque pode envolver diversas pessoas em discussões a respeito dos problemas urbanos, sobre os espaços que convivem e, participativa no sentido de que vários indivíduos podem se envolver com a causa e propor ideias, como novas áreas para atuação, incluindo até mesmo outras cidades. Desencadeia-se nesse caso, aquele movimento cíclico positivo, onde as ações realizadas em um espaço ganham relevância e podem atingir outros lugares. Representam assim, mais um legado proporcionado pela concretização de uma intervenção artística. Ao que tudo indica, esses meios comunicacionais vêm crescendo

paulatinamente e devem ser usados a favor da propagação de eventos que promovam a diferença.

Portanto, na mesma linha de pesquisa de Fontes (2011) e a partir das análises feitas em relação as intervenções realizadas pelo coletivo Lupa, acredita-se que por conta da interação que as intervenções promoveram, que elas podem provocar uma propagação das suas ideias, possibilitando transformações mais duradouras. Elas têm a capacidade de despertar a atenção, alterar a rotina, enfatizar um problema e assim, transformar a percepção dos transeuntes em relação aos espaços públicos. Como resultado, a partir da relevância que alcançam, podem espalhar para outros lugares, contribuindo na formação de redes de ações, as quais podem ter forças para deixar marcas mais expressivas.

Observa-se ainda, a importância de estimular a formação dessas redes de ações que representam uma nova forma de participação popular nos assuntos referentes a cidade. As quais podem trazer avanços significativos para a mesma, já que levam em consideração as opiniões de seus diferentes usuários e estabelece que todos são capazes de lutar pela melhoria de seus espaços.

Ainda, por esses grupos trabalharem com projetos em pequenas escalas, pontuais, oferecem a oportunidade de ações de tentativa e erro como foi mencionado por Fontes (2011), em que ou se aprende com os primeiros passos ou, se necessário, possibilita adaptar-se novamente ao cotidiano do espaço e agir de outra forma.

4.5 Referências

BARATTO, R. **Curativos Urbanos: um olhar lúdico para os problemas da cidade**. ARCHDAILY, 2013. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-130615/curativos-urbanos-nil-um-olhar-ludico-para-os-problemas-da-cidade>>. Acesso em 31 de ago. de 2017.

CARTAXO, Z. Arte nos espaços públicos: a cidade como realidade. **O Percevejo Online**. v. 1, n. 1, 2009, p.1-9. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/431/381>>. Acesso em 31 de ago. de 2017.

_____. **Pintura em distensão**. Rio de Janeiro: Oi Futuro/Secretaria do Estado de Cultura do Rio de Janeiro, 2006.

DUARTE, A.; SANTOS, R. P. A cidade como espaço de intervenção dos coletivos: resistência e novas formas de vida urbana. **Revista Ecopolítica**, São Paulo, v.4, p.33-54, 2012. Disponível em: <www.revistas.pucsp.br/ecopolitic>. Acesso em 01 de ago. de 2017.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

FONTES, A. S. **Intervenções temporárias, marcas permanentes**: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades. Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2011, 256p.

_____. Amabilidade urbana: marcas das intervenções temporárias na cidade contemporânea. URBS. **Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales**, v1, n 2º, p.69-93, 2012. Disponível em: <<http://www2.ual.es/urbs/index.php/urbs/article/view/fontes>>. Acesso em 02 de set. de 2017a.

_____. Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea. **Arquiteturarevista**, v. 8, n. 1º, p.31-48, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/viewFile/arq.2012.81.05/879>>. Acesso em 02 de set. de 2017b.

FOUCAULT, M. **Dits et Écrits**, vol. IV. Paris: Gallimard, 1994.

GASPERI, M. E. R. de. **Entre a metrópole e a cidade sagrada: uma análise comparativa entre o Obscena – agrupamento independente de pesquisa cênica (Belo Horizonte) e o grupo Transeuntes (São João Del-Rei)**. 2016. 277 f. Tese (Doutorado em Artes). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2016.

GONGALVES, F. do. N.; ESTRELLA, C. Comunicação, arte e invasões artísticas na cidade. **Revista LOGOS: comunicação e conflitos urbanos**. Rio de Janeiro, v. 14, n 1º, p.98-110, 2007. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/15233>>. Acesso em 02 de set. de 2017.

GUERCHE, T. P. A arte, o urbano e o social: um espaço de provocação. **Revista online Palíndromo**, Santa Catarina, v. 6, nº 11, p.64-78, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/2175234606112014064/3691>>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

LAMOUNIER, L. A arte no espaço urbano. **Revista concinnitas**, v. 2, nº 15, Rio de Janeiro, p.118-132 2009. Disponível em:<https://www.academia.edu/31597076/LUCAS_A_arte_no_espaco_urbano_In_Coconcinnitas_UERJ_N>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

MARIA, A. C. de S.; FARIA, T. C. de A.; STEPHAN, I. I. C. Um retrato da evolução urbana de Viçosa-MG: impactos da federalização da UFV sobre a cidade (1969-2014).

Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento. Curitiba, v. 3, n. 1, jan./jul. 2014, p. 37-54.

NIELSEN, S. Níveis críticos da espacialidade: notas sobre uma intervenção artística na cidade de São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (online)**, São Paulo, n. 56, p. 259-272, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S002038742013000100012&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em 02 de out. de 2017.

PEREIRA, D. **Curativos Urbanos.** APEZINHO, 2014. Disponível em: <<http://apezinho.com.br/buscar/curativos-urbanos/>>. Acesso em 02 de set. de 2017.

PEREIRA, C. C.; NAOUMOVA, N. Novas estratégias de intervenção nos espaços públicos urbanos: a geração de oportunidades através da intervenção de instalações artísticas na cidade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL: ESPAÇOS PÚBLICOS, 1º, Porto Alegre, 2015. **Anais eletrônicos...** Porto alegre: PUCRS, 2015, p.162-178.

SADALA, M.L.A. A fenomenologia como método para investigar a experiência vivida: uma perspectiva do pensamento de Husserl e de Merleau-Ponty. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2., 2004, Bauru. **Anais...** Bauru: Universidade do Sagrado Coração de Jesus e Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa, 2004. Disponível em: <<http://arquivo.sepq.org.br/II-SIPEQ/Anais/pdf/gt1/12.pdf>>. Acesso em 16 de outubro de 2017.

SANSÃO, A. Intervenções temporárias no Rio de Janeiro contemporâneo: novas formas de usar a cidade. **Vitruvius**, São Paulo, n. 154, 2013. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.154/4678>>. Acesso em 02 de set. de 2017.

SILVA, A. H. L. da. **A mobilidade urbana em questão: um olhar sobre a cidade de Viçosa-MG.** 2011. 188p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, São Paulo, 2011.

SILVA, E. L. da. Intervenções artísticas em espaços públicos e pedagogias da cidade – possibilidades de pesquisa. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 37ª, Florianópolis, 2015. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2015, p.1-18. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt24-3960.pdf>>. Acesso em 01 de ago. de 2017.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei a dissertação destacando questões referentes ao modo de vida nas cidades contemporâneas, que são relacionados a falta de tempo, ao individualismo e a construção de relações efêmeras, tanto entre indivíduos, quanto destes com o próprio ambiente. São problemas como esses que as intervenções urbanas artísticas e temporárias procuram reverter, além de também, realçar as potencialidades de cada local. Assim, elas vêm demonstrando ter papel relevante na construção de espaços mais amáveis, propícios para reunir pessoas e passíveis de serem apropriados.

A partir desta pesquisa, principalmente através das observações das ações do coletivo Lupa, percebi que as intervenções de caráter artístico e temporário tem a capacidade de interferir no cotidiano dos usuários de um espaço público e mesmo que de forma efêmera, possuem a capacidade de deixar marcas mais duradouras. Elas conseguem despertar a atenção dos passantes, instigar o cidadão a perceber e a refletir sobre as necessidades e problemas de suas cidades. Assim, mesmo o espaço físico continuar da mesma forma depois da ação, os indivíduos passam a acreditar na existência de outras formas de se viver o mesmo local e podem desejar e lutar para que transformações aconteçam.

Com o estudo foi possível observar ainda, que além das intervenções artísticas e temporárias contribuírem em alguns aspectos, com interferências no cotidiano dos transeuntes dos espaços públicos, elas alteraram também a percepção e as relações entre os envolvidos nas suas realizações. No caso desta pesquisa, como o coletivo em estudo era formado principalmente por alunos de arquitetura e urbanismo, observei que muitos deles destacavam pontos que os ajudavam a entender melhor assuntos abordados nas salas de aula. Eles me relataram como as ações do coletivo os auxiliavam na compreensão do contexto dos espaços públicos e como contribuir na manutenção das relações interpessoais. Por isso, destaco que o envolvimento com a realização das intervenções possibilitou a eles nos casos trabalhados, mudanças de percepção, acrescentou-lhes conhecimentos e outras informações relevantes sobre o espaço que pretendem atuar. Assim, acredito que existem contribuições aos envolvidos com os coletivos urbanos e que são passíveis de serem abordados em outros estudos.

Ainda sobre coletivos urbanos, observei que representam uma nova forma de participação da população na construção das cidades e essas formações ainda tem muito a contribuir com mudanças positivas nos espaços públicos.

As ações desses grupos também representam que algumas pessoas se sentem responsáveis por seus espaços e estão interessadas em fazer alguma coisa para mudar o que não está em conformidade com seus anseios. Além disso, demonstram a vontade da população para cada localidade e, muitas delas, fornecem informações importantes para os desafios do planejamento urbano local.

Nesse sentido, observei que as intervenções urbanas artísticas e temporárias podem oferecer ensinamentos em questões de projetos, relacionados a como transformar positivamente o lugar. Como se observou no estudo de caso, as ações demonstraram trabalhar com características que estabeleciam relações mais próximas com os espaços e com os indivíduos, as quais poderiam ser incorporados a futuros projetos urbanos. Realço aqui, como exemplo, a capacidade das intervenções artísticas de atraírem olhares, de brincarem com signos já preestabelecidos e de estabelecerem experiências temporárias e flexíveis, que podem se modificar conforme a interação com o público.

Por fim, acredito que a pesquisa dialoga com outras áreas além da arquitetura e urbanismo, como ciências sociais, artes plásticas e isso, demonstra a abrangência do estudo e a contribuição multidisciplinar.

6. BIBLIOGRAFIA

ALOMÁ, P. R. **O espaço público, esse protagonista da cidade**. ARCHDAILY. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-162164/o-espaco-publico-esse-protagonista-da-cidade>>. Acesso em 13 de jan. de 2018.

ARAUJO, C. de S. M. A contribuição de manifestações temporárias no Contexto de paisagens urbanas e culturais. In: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO, PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO, DESAFIOS E PERSPECTIVAS, 3º, 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: [s.n.], 2014. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/trabalho/389/a-contribuicao-de-manifestacoes-temporarias-no-contexto-de-paisagens-urbanas-e-culturais>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

BARATTO, R. **Curativos Urbanos: um olhar lúdico para os problemas da cidade**. ARCHDAILY, 2013. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-130615/curativos-urbanos-nil-um-olhar-ludico-para-os-problemas-da-cidade>>. Acesso em 31 de ago. de 2017.

BERTUCCI, P. M. **Intervenção Urbana, São Paulo (1978-1982): O espaço da cidade e os coletivos de arte independente Viajou Sem Passaporte e 3Nós3**. 2015. 166 f. Dissertação (mestrado em Artes Cênicas). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BIFF, V. L. **Intervenção urbana e o espaço da arte na cidade de Criciúma/SC: olhares, perspectivas e (im)posições**. 2011. 94p. Trabalho de conclusão de curso (bacharel em artes visuais). Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Santa Catarina, 2011.

BOSCO E SILVA, L.; VALENTE, L. F. O.; MOTTA, V. B.; ILDEFONSO, A. Z.. Bricolagem urbana: arte de apropriação temporária e imaterial do espaço urbano em Viçosa, MG. **Virus**, v. 10, p. 1-11-11, 2015

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CARLSSON, C. **Nowtopia: how pirate programmers, outlaw bicyclists, and vacant-lot ardeners are inventing the future today**. K PRESS: USA, 2008.

CARTAXO, Z. Arte nos espaços públicos: a cidade como realidade. In: **O Percevejo Online**. v. 1, n. 1, 2009, p.1-9. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/431/381>>. Acesso em 31 de ago. de 2017.

_____. **Pintura em distensão**. Rio de Janeiro: Oi Futuro/Secretaria do Estado de Cultura do Rio de Janeiro, 2006.

CASTELLS, M. **A Questão Urbana**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2011.

CERQUEIRA, Y. M. S. F. **Espaço público e sociabilidade urbana: apropriações e significados dos espaços públicos na cidade contemporânea**. 2013, 122p. Dissertação (mestrado em arquitetura e urbanismo), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/12402/1/YasminieMSFC_DISSE-RT.pdf>. Acesso em 13 de jan. de 2018.

DUARTE, A.; SANTOS, R. P. A cidade como espaço de intervenção dos coletivos: resistência e novas formas de vida urbana. **Revista Ecopolítica**, São Paulo, v. 4, p.33-54, 2012. Disponível em: <www.revistas.pucsp.br/ecopolitic>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

EVERS, T. Identidade, a Face Oculta dos Novos Movimentos Sociais. **Novos Estudos-Cebrap**. vol. 2, nº4. 1984.

FELDHUES, M.; BRITO, D. Transversalidades na intervenção urbana "Isso não é a Ponte da Boa Vista. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXVIII, 2015, Rio de Janeiro, 15p. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1476-1.pdf>>. Acesso em 01 de dez de 2017.

FERREIRA, L. M. O espaço urbano como suporte para a arte. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE, 2005, Londrina, 12p. **Anais eletrônicos**. Londrina: [s.n.], 2005. Disponível em: <https://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/11/luana_maia.pdf>. Acesso em 31 de julho de 2017.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

FONTES, A. S. **Intervenções temporárias, marcas permanentes: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades**. Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2011, 256p.

_____. Amabilidade urbana: marcas das intervenções temporárias na cidade contemporânea. URBS. **Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales**, v1, n 2º, p.69-93, 2012. Disponível em: <<http://www2.ual.es/urbs/index.php/urbs/article/view/fontes>>. Acesso em 02 de set. de 2017a.

_____. Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea. **Arquiteturarevista**, v. 8, n. 1º, p.31-48, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/viewFile/arq.2012.81.05/879>>. Acesso em 02 de set. de 2017b.

FOUCAULT, M. **Dits et Écrits**, vol. IV. Paris: Gallimard, 1994.

FREITAS, T. M.; FERREIRA, C. L. A produção do espaço urbano: formação de território e governança urbana, o caso da quadra 50 da cidade Gama – DF. In: Anais do Circuito de Debates Acadêmicos: programas e resumos, nº 1, 2012, Brasília. **Anais...** Brasília: Ipea, 2012. p. 1-13.

FUREGATTI, S. **Arte e meio Urbano: Elementos de formação da Estética Extramuros no Brasil**. 2007, 248p. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, SP, 2007.

GASPERI, M. E. R. de. **Entre a metrópole e a cidade sagrada: uma análise comparativa entre o Obscena – agrupamento independente de pesquisa cênica (Belo Horizonte) e o grupo Transeuntes (São João Del-Rei)**. Tese (doutorado em Artes). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2016.

GIORA, T. Em construção: intervenções no espaço em um encontro de procedimentos na arte e na arquitetura. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 5, nº 10, ano 5, dez. 2015, p.147-157.

GIORGIA, O. **Phenomenological and psychological research**. Pittsburgz: Ducherne University Press, 1985.

GOHN, M. da G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p.333-512, mai-ago./2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

GONÇALVES, F. do N. Poéticas políticas, políticas poéticas: comunicação e sociabilidade nos coletivos artísticos brasileiros. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, v.13, n.1, p.1-14, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:pMYHnYyEXr8J:www.comp.os.org.br/seer/index.php/e-compos/article/download/459/428+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

GONGALVES, F. do N.; ESTRELLA, C. Comunicação, arte e invasões artísticas na cidade. **Revista LOGOS: comunicação e conflitos urbanos**. Rio de Janeiro, v. 14, n 1º, p.98-110, 2007. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/15233>>. Acesso em 02 de set. de 2017.

GUERCHE, T. P. A arte, o urbano e o social: um espaço de provocação. **Revista online Palíndromo**, Santa Catarina, v. 6, nº 11, p.64-78, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/2175234606112014064/3691>>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

HORI, P. Os Coletivos Urbanos da cidade de São Paulo: ações e reações. In: ENANPUR, 17º, São Paulo, 2017. **Anais eletrônicos...** São Paulo: [s.n.], 2017, p.1-17.

Disponível em:
<http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%206/ST%206.11/ST%206.11-15.pdf>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

JACOBI, P. R. Movimentos sociais urbanos no Brasil. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais - BIB**, Rio de Janeiro, n. 09, p.221-236, 1980. Disponível em:
<<http://anpocs.org/index.php/universo/acervo/biblioteca/periodicos/bib/bib-09/336-movimentos-sociais-urbanos-no-brasil/file>>. Acesso dia 01 de set. de 2017.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LACLAU, E. **Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social**. 1985. Conferência. Disponível em:
<anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_02/rbcs02_04>. Acesso em 28 de nov. de 2017.

LAMOUNIER, L. A arte no espaço urbano. **Revista concinnitas**, v. 2, nº 15, Rio de Janeiro, p.118-132 2009. Disponível em:
<https://www.academia.edu/31597076/LUCAS_A_arte_no_espaco_urbano_In_Concinnitas_UERJ_N>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

LARAÑA, E.; JOHNSTON, H.; GUSFIELD J. R. **New Social Movements: From Ideology to Identity**. Filadélfia: Temple Un. Press, 1994.

LIMA, C. H. M. de. A cidade em movimento: práticas Insurgentes no ambiente urbano. **Oculum ensaios**, Campinas, SP, v. 12, n.1, p.39-48, jan-jun/ 2015. Disponível em:
<<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/2711/1937>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, C. H. M. de. A cidade em movimento: práticas Insurgentes no ambiente urbano. **Oculum ensaios**, Campinas, SP, v. 12, n.1, p.39-48, jan-jun/ 2015. Disponível em:
<<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/2711/1937>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

LOBO, L. C.; SILVA, R. L. Lugares invisíveis: sobre o espaço público em São Bernardo do Campo. **Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística**, v. 5, nº 1, jun. 2015.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MAGALHAES, S. E. de; MOREIRA, J. de S.; REZENDE, E. J. C. Vivência e investigação da intervenção artística no programa escola integrada. In: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO, PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO, DESAFIOS E PERSPECTIVAS, 3º, 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos**. Belo Horizonte: [s.n.], 2014. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/artigos/pdf/354.pdf>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

MARIA, A. C. de S.; FARIA, T. C. de A.; STEPHAN, I. I. C. Um retrato da evolução urbana de Viçosa-MG: impactos da federalização da UFV sobre a cidade (1969-2014). **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**. Curitiba, v. 3, n. 1, jan./jul. 2014, p. 37-54.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARTINS J., BICUDO M.A. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes, 1989

MAZIVIERO, M. C.; ALMEIDA, E. de. Urbanismo Insurgente: ações recentes de coletivos urbanos ressignificando o espaço público na cidade de São Paulo. In: ENANPUR, 17º, São Paulo, 2017. **Anais eletrônicos**. São Paulo: [s.n.], 2017, p.1-17. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%206/ST%206.1/ST%206.1-04.pdf>. Acesso em 01 de agosto de 2017

MILAGRES, L.; KAPP, S.; BALTAZAR, A. P. A produção do espaço cotidiano de uso público. **VIRUS**, São Carlos, n.4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=4&item=7&lang=pt>>. Acesso em: 05-12-2017.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

NARDIN, H. O.; BOEL, A. R. As artes visuais no contexto urbano: a estética de ciberatrapalhos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS - ANPAP. 22º, BELÉM, 2013. **Anais Eletrônicos...** Belém: [s.n.], 2013, p.1-13. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/simposios/08/Heliana%20Ometto%20Nardin%20e%20Andressa%20Rezende%20Boel.pdf>>. Acesso em 29 de agosto de 2017.

NIELSEN, S. Níveis críticos da espacialidade: notas sobre uma intervenção artística na cidade de São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (online)**, São Paulo, n. 56, p. 259-272, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S002038742013000100012&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 02 de out. de 2017.

PAIM, C. T. **Coletivos e iniciativas coletivas: Modos de fazer na América Latina contemporânea**. 2009. 294 f. Tese (doutorado em Artes Visuais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2009.

PALLAMIN, Vera Maria. **Arte urbana**. São Paulo: Fapesp, 2000. Disponível em:

PEREIRA, C. C.; NAOUMOVA, N. Novas estratégias de intervenção nos espaços públicos urbanos: a geração de oportunidades através da intervenção de instalações artísticas na cidade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL: ESPAÇOS PÚBLICOS, 1º, Porto Alegre, 2015. **Anais eletrônicos...** Porto alegre: PUCRS, 2015, p.162-178.

SADALA, M.L.A. A fenomenologia como método para investigar a experiência vivida: uma perspectiva do pensamento de Husserl e de Merleau-Ponty. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2., 2004, Bauru. **Anais...** Bauru: Universidade do Sagrado Coração de Jesus e Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa, 2004. Disponível em: <<http://arquivo.sepq.org.br/II-SIPEQ/Anais/pdf/gt1/12.pdf>>. Acesso em 16 de outubro de 2017.

SAMPAIO, A. M. M. Arte, cidade, esfera pública: ações efêmeras no espaço urbano. In: FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE, 8º, 2011, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: ArtEmbap, 2011. Disponível em: <http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/Forum/Anais_VIII/005_Anne_Marie_Sampai_o.pdf>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

SANSÃO, A. Intervenções temporárias no Rio de Janeiro contemporâneo: novas formas de usar a cidade. **Vitruvius**, São Paulo. n. 154. 2013. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.154/4678>>. Acesso em 02 de set. de 2017.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SERPRA, Angelo. **O Espaço Público na Cidade Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007

SILVA, A. H. L. da. **A mobilidade urbana em questão: um olhar sobre a cidade de Viçosa-MG**. 2011. 188p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, São Paulo, 2011.

SILVA, E. L. da. Intervenções artísticas em espaços públicos e pedagogias da cidade – possibilidades de pesquisa. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 37ª, Florianópolis, 2015. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2015, p.1-18. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt24-3960.pdf>>. Acesso em 01 de ago.de 2017.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. ed. 4. Florianópolis: UFSC, 2005, 138p.

SILVA, F. P. da. **Arte Pública: Diálogo com as comunidades**. Belo Horizonte: C/Arte, 2005. 128p.

SILVA, L. B. **A Instalação no Museu de Arte Contemporânea da USP**. 2006. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte). Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2006.

_____. Cidade/arte: a instalação e sua transmutação em objeto expandido no meio urbano. **Revista Digital do LAV**, v. Ano 2, p. 1-17, 2009.

_____. **Instalação: espaço e tempo**. 2011. Tese (doutorado em Artes). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2011.

SILVA, L. B. e; PEREIRA, T. F. M. ; MAYARA, B. . Urban collectives: a new perception on space/place. In: Özgür Öztürk. (Org.). **ARCHTHEO'16**, Istanbul: Özgür Öztürk DAKAM YAYINLARI, 2016, v. 1, p. 327-336.

SOUZA, L. F. **Intervenções urbanas na cidade pós-moderna: Rua Trajano Reis em Curitiba**. 2012, 41p. Monografia (especialização em Comunicação, Cultura e Arte). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Paraná, 2012. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/souza-leticia-2013-intervencao-urbana-cidade.pdf>>. Acesso em 13 de dez. de 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

ANEXO 01 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr(a). está sendo convidado(a) para participar como voluntário(a) da pesquisa **“Coletivos urbanos, mudanças na percepção e no comportamento ambiental: Um estudo de caso no município de Viçosa-MG”** coordenada pela Prof. Dra. Luciana Bosco e Silva, do departamento de Arquitetura e Urbanismo, tendo como pesquisadora a estudante de mestrado Tatiane Fernandes Matias Pereira.

Objetivo: Investigar as mudanças de percepções e comportamentos que intervenções de caráter artístico e temporário estimulam nos usuários do ambiente urbano, a partir do estudo das experiências dos integrantes do coletivo Lupa de intervir no espaço.

Justificativa: A pesquisa se justifica, pela falta de estudos na área da Percepção Ambiental que considerem o tema da intervenção artística urbana realizadas por coletivos, comprovar que é possível instigar transformações no espaço através das ações dos coletivos urbanos e demonstrar a importância de também pensar no espaço que é produto da interferência desses grupos.

Critério de Inclusão e Exclusão: Você poderá ser incluído no estudo se participar regularmente das reuniões e discussões feitas pelo coletivo Lupa, a respeito do processo de intervir, assim como a própria realização das intervenções artísticas nos espaços públicos da cidade de Viçosa-MG. Eu não poderei ser incluído no estudo ou poderei ser excluído se não atender aos critérios de inclusão.

Procedimentos metodológicos da pesquisa: A pesquisa busca descrever as suas situações vivenciadas dentro da cidade, a partir das suas percepções, análises a respeito das suas experiências de intervir no espaço. Pretende-se recolher as suas descrições, relatos ou qualquer outro tipo de informação que ofereça a noção ao pesquisador de como ela aconteceu em relação principalmente, as mudanças notadas na interação entre indivíduo e ambiente urbano com a presença da intervenção urbana de caráter artístico, temporário. Em relação aos instrumentos para obtenção dessas informações, sabe-se que vão variar conforme os locais e objetivos das intervenções, que o coletivo Lupa ainda irá realizar e que não estão definidas. Porém, sabe-se também, instrumentos específicos da Psicologia Ambiental que podem contribuir para essa coleta de dados, aplicados individualmente ou combinados: poema dos desejos (palavras que remetem a sentimentos, desejos do entrevistado), mapa falado (desenhos, palavras que expressam as percepções ambientais) e também requerimento de registros fotográficos com as suas seguintes descrições, aplicação de questionários com duração prevista entre 5 (cinco) a 15 (quinze) minutos para responder todas as questões. Algumas reuniões do coletivo poderão ser gravadas para fins únicos e exclusivos de estudo.

Benefícios para o Indivíduo: Você terá informações referentes as percepções, análises de outros indivíduos sobre o mesmo processo que vivenciou e que também podem se tornar um *feedback* de como se deu a realização das intervenções urbanas artísticas realizadas em coletivo.

Benefícios para instituição e comunidade: A pesquisa poderá ser apresentada para a comunidade viçosense e contribuir para chamar a atenção sobre novas estratégias de melhorias dos espaços públicos, ligadas a ações simples e modestas como as realizadas pelos coletivos urbanos e também ao ser apresentadas para órgãos governamentais responsáveis pela manutenção dos espaços públicos realçar problemas percebidos pelos integrantes dos coletivos e como as suas ações foram consideradas pela população.

Riscos para o Indivíduo: Os riscos são inerentes a possíveis constrangimentos referentes as perguntas sobre as suas percepções e análises das condições espaciais observadas nas intervenções urbanas, como timidez e dificuldade de expressão. Além disso, as gravações oferecem as mesmas condições de acanhamento, podendo impedir discussões mais significativas entre o grupo de estudo. Como medidas para amenização desses riscos a pesquisa oferece a você a escolha de responder as questões que sentir

mais confortável e a promessa de preservação da sua identidade. As gravações serão realizadas em apenas algumas reuniões, serão usadas apenas para a pesquisa, sendo confidencial, somente os pesquisadores terão acesso a elas.

Informações Financeiras: Você não receberá qualquer compensação financeira para participar do estudo e a presente pesquisa não resultará em qualquer ônus para você. Você pode, a qualquer momento, ter informações a respeito de procedimentos relacionados à pesquisa, inclusive sanar eventuais dúvidas, além da liberdade de retirar seu consentimento e deixar de participar do estudo, sem nenhum prejuízo aos mesmos e sem a necessidade de explicar o motivo.

Direitos dos Indivíduos quanto à privacidade: Os resultados do estudo podem ser publicados, sem citação dos nomes envolvidos, havendo total proteção à participação dos indivíduos.

Publicação da Informação: As informações coletadas referentes ao projeto estarão disponíveis para a equipe envolvida no projeto e fazendo parte de um banco de dados.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no Departamento de Arquitetura e Urbanismo e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Em caso de dúvida o senhor(a) poderá entrar em contato com o Prof. Dra. Luciana Bosco e Silva, coordenadora da pesquisa, no Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal de Viçosa – DAU/UFV, na Av. P.H.Rolfs, s/n, ou pelo telefone (31) 3899-2763, ou no e-mail: luciana.bosco@gmail.com

Declaro que fui informado (a) dos objetivos e condições da pesquisa **“Coletivos urbanos, mudanças na percepção e no comportamento ambiental: Um estudo de caso no município de Viçosa-MG”** de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Declaro que autorizo de livre e espontânea vontade minha participação no estudo. Declaro que recebi uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e em caso de dúvidas não esclarecidas de maneira adequada pelo pesquisador responsável, de discordância com procedimentos irregulares de natureza ética e de acordo com a Resolução posso buscar auxílio junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa – CEP/UFV, no seguinte endereço e contatos:

Prédio Arthur Bernardes, *Campus* da Universidade Federal de Viçosa – UFV CEP: 36570-000

Tel.: (31) 3899-2492 E-mail: CEP@ufv.br Site: www.cep.ufv.br

Prof. Dra. Luciana Bosco e Silva

Coordenadora da Pesquisa

Tatiane Fernandes Matias Pereira

Pesquisadora

Participante

Integrante do coletivo Lupa

ANEXO 02 – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Coletivos urbanos, mudanças na percepção e no comportamento ambiental: um estudo de caso em Viçosa-MG

Pesquisador: Luciana Bosco e Silva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 63078016.1.0000.5153

Instituição Proponente: Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.956.107

Apresentação do Projeto:

O presente protocolo foi enquadrado como pertencente à Área Temática: Ciências Sociais Aplicadas

Conforme resumo apresentado no formulário online da Plataforma: Esse trabalho faz parte do programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo que tem como objetivo investigar as mudanças de percepções e comportamentos, que intervenções de caráter artístico e temporário estimulam nos usuários do ambiente urbano, a partir de informações a respeito

das experiências dos integrantes do coletivo ARQMnese de intervir no espaço. O aporte metodológico utilizado é fenomenológico, uma vez que busca descrever essa experiência da forma como ocorre em cada intervenção urbana realizada pelo coletivo em estudo. A pesquisa se justifica pela falta de estudos na área da Percepção Ambiental que considerem o tema da intervenção artística urbana realizadas por coletivos. Grupos que com ações simples e modestas conseguem alterar a rotina dos espaços públicos e alterar a relação entre estes e os seus usuários.

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com os pesquisadores,

Objetivo primário: Investigar as mudanças de percepções e comportamentos que intervenções de

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br

caráter artístico e temporário estimulam nos usuários do ambiente urbano, a partir do estudo das experiências dos integrantes do coletivo ARQMnese de intervir no espaço.

Objetivo secundário: Investigar conceitos de percepção e comportamento ambiental; Pesquisar a respeito do histórico de formação dos coletivos urbanos, assim como a suas atuações em outras cidades; Investigar ações de artistas e/ou cidadãos engajados em intervenções urbanas, enquanto forma de manifestação, apropriação de espaços públicos e de alerta perceptual. Analisar a atuação de outros coletivos urbanos com a atuação do coletivo ARQMnese em Viçosa-MG.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os pesquisadores apresentam no formulário online da Plataforma os seguintes Riscos: Os riscos são inerentes a possíveis constrangimentos referentes as perguntas sobre as percepções e análises das condições espaciais observadas pelos integrantes do coletivo nas intervenções urbanas, por interferência de fatores como timidez e dificuldade de expressão. Além disso, as gravações oferecem as mesmas condições de acanhamento, podendo impedir discussões mais significativas entre o grupo de estudo.

e os seguintes Benefícios: A pesquisa poderá ser apresentada para a comunidade viçosense e contribuir para chamar a atenção sobre novas estratégias de melhorias dos espaços públicos, ligadas a ações simples e modestas como as realizadas pelos coletivos urbanos e também ao ser apresentadas para órgãos governamentais responsáveis pela manutenção dos espaços públicos realçar problemas percebidos pelos integrantes dos coletivos e como as suas ações foram consideradas pela população.

Avaliação: Apesar da pesquisa oferecer riscos, os pesquisadores comprometem ameniza-los oferecendo aos participantes a escolha de responder apenas as questões que sentir confortável. Além disso será assegurada a preservação da sua identidade. As gravações serão confidenciais, somente os pesquisadores terão acesso a elas, serão realizadas em apenas algumas reuniões e serão usadas apenas para a pesquisa.

Quanto aos benefícios os indivíduos terão informações referentes as percepções e análises de outros indivíduos sobre o mesmo processo que vivenciou e que também podem se tornar um

Continuação do Parecer: 1.956.107

feedback de como se deu a realização das intervenções urbanas artísticas realizadas em coletivo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente estudo pretende Investigar as mudanças de percepções e comportamentos que intervenções de caráter artístico e temporário estimulam nos usuários do ambiente urbano, a partir do estudo das experiências dos integrantes do coletivo ARQMnese de intervir no espaço. Para tanto, propõe-se utilizar base metodológica da fenomenologia, que tem sua proposta de conhecimento voltada para estudar o campo da experiência de intervir no espaço, focada na percepção da situação espacial pelos participantes da pesquisa, a partir das suas experiências no próprio espaço.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Considerações sobre os documentos apresentados pelo pesquisador:

- 1- Formulário online
- 2- TCLE
- 3- Folha de rosto
- 4- Cronograma de atividades

Todos os documentos estão devidamente instruídos

Recomendações:

Quando da coleta de dados, o TCLE deve ser elaborado em duas vias, rubricado em todas as suas páginas e assinado, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa ou responsável legal, bem como pelo pesquisador responsável, ou pessoa(s) por ele delegada(s), devendo todas as assinaturas constar na mesma folha.

Não é necessário apresentar os TCLEs assinados ao CEP/UFV. Uma via deve ser mantida em arquivo pelo pesquisador e a outra é do participante da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao término da pesquisa é necessário apresentar, via notificação, o Relatório Final (modelo

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br

Continuação do Parecer: 1.956.107

disponível no site www.cep.ufv.br). Após ser emitido o Parecer Consubstanciado de aprovação do Relatório Final, deve ser encaminhado, via notificação, o Comunicado de Término dos Estudos para encerramento de todo o protocolo na Plataforma Brasil.

Projeto aprovado autorizando o início da coleta de dados com os seres humanos a partir da data de emissão deste parecer.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_838504.pdf	12/12/2016 23:37:51		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	12/12/2016 23:27:31	TATIANE FERNANDES MATIAS PEREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODEPESQUISA.pdf	12/12/2016 23:25:51	TATIANE FERNANDES MATIAS PEREIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao.pdf	12/12/2016 19:15:48	TATIANE FERNANDES MATIAS PEREIRA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	12/12/2016 19:14:07	TATIANE FERNANDES MATIAS PEREIRA	Aceito
Folha de Rosto	folhoderosto.pdf	12/12/2016 19:13:49	TATIANE FERNANDES MATIAS PEREIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VICOSA, 09 de Março de 2017

Assinado por:
Maria da Conceição Aparecida Pereira Zolnier
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br